

INSTITUTO BRASILEIRO
DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Defesa Nacional



ANO
46

NÚMERO
380

CEL. RENATO BATISTA NUNES
CEL. LIMA FIGUEIREDO
MAJOR JOSÉ SALLES

DE JANEIRO

BRASIL

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXXIII

Brasil — Rio de Janeiro, Janeiro de 1946

N. 389

SUMÁRIO:

	Pag.
Editorial	
Manifestações Coletivas de Aprêço — Cel. Renato B. Nunes	
Excertos — Trad. do Cel. Renato B. Nunes	
Estudo Histórico Geográfico do México — Gen. Onofre Muniz Gomes de Lima	
A Casamata é um túmulo — Pelo Ten. Cel. John E. Kelly	
O Túmulo de Virgílio — Gen. F. de Paula Cidade	
Minas e Neve — Pelo 1.º Ten. J. F. L. Serpa	
Dicionário Militar Brasileiro — Pelo Cap. Otávio Alves Velho	
A Meteorologia em Campanha — Cap. Ferdinando de Carvalho	
Relato da Atuação da F. E. B. no Teatro de Operações na Itália — Maj. Nelson de Carvalho	1
Organização do Serviço de Saúde do Exército Norteamericano nos Teatros de Operações — Cap. Médico Dr. Saulo Teodoro Pereira de Melo	1
Boletim	1
Noticiário & Legislação	1



EDITORIAL

Este ano de 1945 ficará, de certo, como um marco na história da humanidade.

Os homens dos nossos dias viveram o maior e mais cruel drama de todos os tempos, mas tiveram, de outra parte, a compensação de assistir ao seu término, com a vitória dos verdadeiros valores humanos, cujo sossobro esteve tão próximo.

Despedimo-nos, pois, do ano da paz, o ano que nós trouxe o fim da conflagração em que se sangrava a humanidade desde 1939, com uma forte emoção. Mas que essa emoção não ensombre os nossos pensamento, não oblitere a nossa capacidade de compreender o melhor e o mais justo sentido da vida, depois de uma tão onerosa experiência.

O mundo há de encaminhar-se para melhores dias. A decepção de uns, a glória de outros, o sofrimento de todos, tudo isso fará um bom cimento entre os povos, que se sentem envolvidos por uma crise ainda maior que a própria crise da guerra,

quando as preocupações militares eram assoberbantes, mas em todo caso eram as únicas, porque tudo a elas se subordinava.

Agora o jogo é muito mais complexo. Do caos vai brotar uma nova era. A tarefa é de reconstrução moral, material e econômica. O mundo se depauperou pela destruição de uma grande parcela dos seus melhores bens, ao mesmo passo que rompeu o equilíbrio dos seus valores morais.

Tudo isso é a nossa herança, em cujos percalços pouco refletimos sob as saudáveis emoções da paz.

Consideremos, todavia, com confiança os destinos da humanidade, essa humanidade, que soube superar com tanto valôr a tragédia sangrenta que a sacudiu.

Devemos confiar, particularmente, nos destinos do Brasil.

A sua participação no drama contemporâneo autoriza essa confiança.

O Brasil experimentou tôdas as provações dos desenvolvimentos que constituíram a antê-tragédia. Conheceu as vicissitudes internas, traduzidas na violação das suas mais elevadas tradições políticas; suportou o embate das ideologias contrá-

rias à índole do seu povo; arrostou corajosamente os riscos de uma invasão do seu território, quando os interesses militares da luta na Europa estiveram a pique de ditar essa providência; viu-se, por fim, brutalmente agredido e revidou formando ao lado das Nações Unidas; remeteu aos campos de batalha uma Força Expedicionária que lutou com eficiência e valôr; também soube receber de volta os seus bravos, por entre inéditas expansões cívicas das populações de tôdas as suas cidades; empreendeu com seriedade e superior espírito patriótico a retomada do seu caminho democrático, realizando, contra os mais grosseiros obstáculos, o pleito previsto, na data prevista e nas condições desejadas.

Podemos confiar. E o Exército, cujo procedimento foi exemplar em tôdas as emergências, inda as mais difíceis e contraditórias, há de ser exemplar também nas tarefas que lhe tocarão daqui por diante, e que se anunciam da mais alta importância, pois que estão ligadas, sobretudo, à sua própria reestruturação, à luz das observações diretas e dos novos métodos e princípios postos à prova nos campos de batalha.

Seja êsse o nosso pensamento e não percamos de vista o grande objetivo.



MANIFESTAÇÕES COLETIVAS DE APRÊÇO

Cel. RENATO B. NUNES da
Reserva de 1ª classe

Não sei si já tiveram a oportunidade de ver, do alto, um campo de altas gramíneas batido por uma lufada de vento. Como si uma enorme e invisível trave por êle se arrastasse, batendo as hastes flexíveis, que só depois se reaprumam, com a mesma docilidade com que se inclinaram. Assim apraz ao usurpador que aconteça, no campo moral, quando seu olhar se volta para a praia sôbre as multidões que êle domina. Para gosar êsse espetáculo tranquilizador, de submissão incondicional ao seu poder, foi-lhe preciso, mediante processos violentos ou sutis, sempre tenazes e multiformes, substituir os sentimentos de dignidade pessoal, de espírito público e de amor à pátria, de independência e de liberdade, pela mística do homem todo-poderoso, senhor de tôdas as cousas e de tôdas as consciências.

Mercê de Deus, a obra de amolecimento dos caracteres não é rápida, nem a transformação do organismo vivo da sociedade em massa plástica e homogênea se processa tão integralmente como convem ao usurpador. Há partículas renitentes, há crises que se não dissolvem, que tiram à massa aquela maciez e elasticidade desejadas pelo homem-deus, e que, às vezes, lheranham as mãos e a vaidade, quando pretendem moldá-la ao sabor de seus caprichos.

A obra é lenta, e requer muito tato e discrição. Para o homem dos homens, bastam os processos ostensivos de persuasão, que já agora todo o mundo conhece: a publicidade elogiosa lançada aos quatro ventos por todos os meios, as manifestações glorificadoras e "expontâneas" na praça pública, os baixos crêsses excitados e satisfeitos de vez por outra, etc. Entre os

que não se deixam reduzir com facilidade, há, entretanto, irreductíveis e os permíaveis; êstes, se uma vigilância moral permanente não os alertar contra a ação insidiosa dos processos sutis, serão prêsa, mais tarde, da contaminação dissolvente sobretudo quando o fator tempo se alia à repetição sugestionadora dos fatos, para fazê-la penetrar nos caracteres indecis

A êste grupo virão juntar-se, mais tarde, os meninos e jovens de hoje, homens de amanhã, se um pai, um preceptor ou qualidades inatas, não lhes resguardarem o caracter ainda em formação contra a contaminação deletéria, capaz de gerar surpresas desconcertantes.

A' semelhança dos micro-organismos que se infiltram no corpo são e acabam, às vezes, por proliferar e matar-lhes a vitalidade, as idéias nocivas podem também contaminar a personalidade moral sã, e transformá-la, e destruí-la. A princípio os caracteres retos se revoltam; segue-se uma certa indignação geral, mas já temperada de ceticismo quanto à inutilidade da reação; depois, cessam os protestos, e segue-se, por fim, a tolerância. E estão aceitos os novos costumes, contra os quais julgava impossível reagir por falta de meios e de ambiente propício.

Os irreductíveis ficam, então, em evidência, e passam a ser considerados como suspeitos, inimigos da excelência do regime por todos louvado, ou dos grandes homens da situação. E', portanto, necessário afastá-los, coagí-los, e, de qualquer maneira, pô-los fora de ação.

O mérito se mede pela flexibilidade da espinha dorsal. Os moluscos morais vêm abrir-se diante de si perspectivas de acesso grandiosas, e largos horizontes de uma vida deliciosa.

Ora, é bem de ver que o chefe, o ídolo supremo, apesar de sua formidável pujança, não se pode manter no ar. É no vértice de uma pirâmide constituída pelas camadas sucessivas de chefes imediatos, chefões, chefinhos e chefêtes, que são o sustentáculo indispensável à estabilidade do chefe supremo.

Dessa qualidade de sustentáculos, decorre a conveniência e mesmo a necessidade, de que todos êles participem também na medida da camada a que pertencem, do endeusamento,

ção, dos louvores e da submissão da massa nacional; portanto igualmente devidas as manifestações de estima e respeito dos turiferários do homem providencial. Estes incluem consigo os tímidos e os displicentes morais e os fracos de caráter, que preferem sofrer a violência íntima, que ninguém assumirem atitudes ostensivas de reprovação, e até mesmo a abstenção.

Não se pode negar, entretanto, que entre os turiferários existem adeptos sinceros do grande homem; são os obcecados pela mística. Em verdade, porém, muitíssimo maior é o número dos que fazem tabula rasa de sua personalidade, movidos pelo interesse de aproximar-se da pirâmide sedutora, a qual, quando se vive vida mais folgada, ou na esperança de, algum dia, (quem sabe?) integrar-se na sua apetitosa massa. De qualquer maneira, porém, os promotores das manifestações públicas de irrestrita solidariedade e de gratidão devidas ao chefe querido, sabem que essas iniciativas lhes são computadas como serviços promissores de futuras recompensas. E assim, a cada vez mais se alarga e consolida o corpo da pirâmide nacional, e mais pródiga se torna a cornucópia dos favores que derramam de cima para baixo, ao encontro dos louvores que vêm de baixo para cima.

Porém, entretanto, uma calculada diferença entre a retumbância que convém dar às manifestações dirigidas ao vértice da pirâmide, e os ecos das que exaltam as figuras componentes do corpo piramidal. As primeiras, são efetuadas na praça pública, com todos os clangores das trombetas da fama, e ecoam pelo interior e pelo mundo a fora. À proporção porém, que se vão do vértice para a base, o âmbito em que se realizam as manifestações, vai-se restringindo: a praça pública, é privativa do chefe; vêm, depois, os salões de banquete, e o gabinete do chefe festejado, mas, de qualquer maneira, convém que os ecos dos trasbordamentos laudatórios se repitam pelas colunas dos jornais.

O pretexto mais comum de tais manifestações é o aniversário natalício do chefe; é muito expressivo e cativante, mas, tem um inconveniente: é que só se apresenta uma vez por ano.

E' pouco . . . , convenhamos, para se dar expansão aos entusiasmos acumulados e contidos por tanto tempo. Descobriu-se então, um outro aniversário não menos auspicioso e providencial: o da gestão admirável dos negócios públicos em tão boa hora confiados ao chefe querido.

Este segundo pretexto parece menos compreensível que o primeiro, porque, de duas uma: ou o chefe é, na realidade, o ótimo chefe, mas neste caso nada mais faz que cumprir dignamente seu dever, e dar aos seus subordinados o exemplo que lhe compete, ou é um chefe como tantos outros e, nesse caso, por que lhe exaltar os feitos?

Do ponto de vista da moral privada e da administração parece, pois, que ambos os pretextos são inaceitáveis, e até nocivos.

E' evidente que a unanimidade laudatória é condição essencial para o brilho da comemoração e para o prestígio homenageado. Ora, acontece que há sempre uns refratários que, por questões de princípio, ou por outros motivos de natureza íntima, se abstêm de formar no cortêjo, o que muito irrita os promotores da fanfarrada, e aos fracos que se deixaram arrastar a contragosto, notadamente quando não são de puro quilate os sentimentos que os movem. Não menos constrangedora, em outro sentido, é a situação criada aos que se abstêm, forças que são a tornar ostensivos sentimentos íntimos que, aliás, os impede de ser, quase sempre, servidores exemplares.

Por outro lado, a manifestação, para ser catita, deve incluir o oferecimento de uma "insignificante, mas expressiva lembrança", e que serve de fôco ao discurso laudatório. Esta é outra forma de constrangimento, pois não é raro acontecer que entre os manifestantes, alguém seja obrigado a deixar para o mês seguinte a aquisição de um par de sapatos para o filho, de uma utilidade doméstica, há tanto reclamada pela dona de casa. E é lícito imaginar que o chefe acariciado, mormendo quando sensível à lisonja, se sinta tolhido pela gratidão quando houver de desagradar, no interesse da coisa pública, a qualquer dos manifestantes. E, o que é pior ainda, sua imparcialidade no julgamento dos méritos ou deficiências de seus subordinados.

efeitos legais de acesso, jamais ficará imune de dúvidas e
confianças.

A verdadeira e mais nobre demonstração de aprêço e con-
tação que um subordinado pode dar a seu chefe, é desem-
par as funções que lhe cabem com aquêlê devotamento,
ciência e honestidade que tocam, às vezes, as ráias do sa-
rio e da renúncia.

Não se poderia, em verdade, desaprovar sistemáticamente,
a espécie de manifestações de aprêço. Há, de fato, as com-
ensíveis e dignificantes: — são as protocolares, devidas aos
chefes, em datas determinadas; são as que se promovem
pares, quando um dêles se distingue de maneira singular
erosa; há as que se fazem ao homem digno que prestou assi-
dos serviços à causa pública, e que deixa o cargo que exer-
e, finalmente, as que partem de cima para baixo, isto é,
chefes para os subordinados que, por sua atuação e proce-
nto, bem mereceram a honrosa distinção, a qual vale
em como um salutar estímulo aos demais. O funcionário,
militar, não estão inibidos de manifestar sua afetuosa
ração pelo chefe, quando tenham razões para isto, mas
rão fazê-lo pessoalmente, como simples cidadãos, e na resi-
ia do homenageado, que é o local adequado a essas ex-
ões íntimas, nunca, porém, coletivamente, e nas repartições
icas.

A obra de saneamento moral iniciada com a extirpação
óco principal de infecção, precisa e deve ser completada,
o bem da coletividade e preservação dos caracteres ainda
ormação, com a extinção dos focos residuais que a repetição
te e sistemática de certos processos psicológicos empregá-
pelos instituidores dos regimens totalitários, deixaram nos
nismos sociais e administrativos.

O Estatuto dos Funcionários Públicos prescreve em seu
go 225: — Ao funcionário é proibido. . . VI: Promover
ifestações de aprêço ou desaprêço, dentro da repartição,
ornar-se solidário com elas.

Disposição altamente moralizadora! Mas, é claro, ali figura — Seja rava unicamente para salvar as aparências, porque as manifestações de apreço, dirigidas de baixo para cima, nunca proliferaram tanto como depois que se implantou o regime totalitário no Brasil.

O Regulamento Disciplinar do Exército é, infelizmente menos rígido: — seu artigo 13, n.ºs. 102 e 103, capitula com transgressões disciplinares:

“ — Fazer, ou promover, manifestação de caráter coletivo de apreço, exceto nas demonstrações íntimas de boa e saudável camaradagem com permissão do homenageado;

— Aceitar o militar qualquer manifestação coletiva de seus subordinados, salvo o caso previsto no número anterior”.

Não resta a menor dúvida quanto à utilidade de tudo quanto possa concorrer para firmar os laços de saudável camaradagem entre homens unidos para a vida e para a morte; mas, através das cautelosas restrições — licença do comandante, e anuência do manifestado, — sente-se que, no fundo da prescrição, há um vago sentimento de sua nocividade.

Com efeito, mesmo como está redigido o artigo citado nada impede, mas, ao contrário, tudo indica, que tais manifestações possam e devam dirigir-se no sentido dignificante e isentado de suspeitas, pois não há este “reativo”, ou “instrumento de prova”, que evidencie a pureza dos intúitos de saudável camaradagem e denuncie onde começa a bajulação. Se um comandante de regimento ou de batalhão, tem em sua unidade um chefe subordinado que por sua atuação excepcional e digna, se torne merecedor de uma distinção especial, não lhes faltará um ensejo de promovê-la; e o homenageado, por seu turno, sentir-se-á muito mais honrado e recompensado, do que se essa iniciativa partisse de baixo para cima. Ademais, esperar o chefe que os subordinados lhe peçam permissão para realizar um ato, que devia partir dêle, não dará a aparência de que êle abdica de uma de suas prerrogativas mais gratas e importantes, qual a de premiar os bons soldados, e de que não está atento para distinguir, dentre seus subordinados, os que merecem ser exaltados, porque espera que outros os apontem?

Seja como fôr, parece, salvo melhor juízo, ser de todo conveniente, tanto aos interesses da disciplina quanto ao ponto de moral, retornarmos aos costumes mais sóbrios e rígidos do exército antigo, tão límpida e francamente expressos neste regulamento salutar e esquecido do Regulamento para o Serviço de Armiação, mandado adotar provisoriamente por Aviso de 13 de Junho de 1906, publicado em Ordem do Dia do Ex. n.º 514:

Art. 111 — São proibidas as manifestações coletivas, mesmo a aprovação de atos de serviço, sob qualquer pretexto, do inferior para o superior."

EXCERTOS

La Puissance de la Personalité à la Guerre.
— General Barão Von Freytag — Loring-
hoven, Paris, 1913.

Tradução do Cel. RENATO B. NUNES,
da Reserva de 1ª classe.

— A GUERRA E' O DOMÍNIO DA INCERTEZA

“A guerra é o domínio da incerteza; três quartos das cou-
m que assenta sua direção estão imersas num nevoeiro de
tezas, mais ou menos denso. Para que se possa, então, com
to do critério, descobrir a verdade, é antes de tudo neces-
ser dotado de inteligência penetrante e sagaz.”

Entretanto, se a direção da guerra tem que se processar
nuamente no desconhecido, e se a cada passo as mais im-
antes decisões se apoiam sôbre bases incertas, seria abso-
mente falso considerar as vitórias como fruto de um acaso
. O que entra aqui em linha de conta, não é a “sorte”,
preendida em sua acepção popular, mas esta sorte que
ke caracteriza quando diz: “Quem é hábil, é quase sempre
recido por uma sorte duradoura”.

“Uma inteligência média pode, por acaso, chegar à ver-
e, e casos há em que a coragem extraordinária pode suprir
lta de inteligência; mas, na maioria das vezes, onde ela
r, apenas se conseguirão êxitos passageiros.”

Clausewitz quer exprimir com isto que, com o auxílio das
ldades intelectuais desenvolvidas ao máximo, é possível

criar situações de guerra assaz favoráveis, que encerram em si mesmas uma certa possibilidade de êxito.

Nenhum general agirá ao acaso, sem bases suficientes, sem que o conhecimento geral da posição do adversário, e sem haver ferido e marcado uma idéia aproximada de seus desígnios; mas não se deve esquecer que lhe é difícil, quase impossível, obter na guerra o esclarecimento completo da situação. Deverá estar intimamente convencido de que as resoluções mais importantes serão tomadas, na maior parte das vezes, "no nevoeiro das incertezas". (1)

A falta frequente de informações se junta, na guerra, a circunstância agravante da exatidão precária das que se recebem. "Lê-se, em todos os livros, que é preciso crer somente nas informações certas, e desconfiar sempre; isto não passa, porém, de fraca consolação livresca, que os inventores de métodos e os autores de manuais aconselham, na falta de cousa melhor.

"De tôdas as informações que se colhem na guerra, umas são contraditórias, outras falsas e eivadas da maior incerteza. Tudo quanto se pode exigir do oficial, neste particular, é que seja dotado de um "faro" especial, que somente o conhecimento dos homens e das cousas, aliado ao discernimento, podem proporcionar. As leis da verossimilhança devem guiá-lo. Esta dificuldade não é considerável quando se trata das primeiras decisões tomadas no gabinete de trabalho, e fora da esfera da guerra propriamente dita; mas é infinitamente maior quando no tumulto da guerra, as informações chegam, umas atras das outras.

(1) — É uma verdade, sobretudo quando se considera que, pela doutrina alemã, procura-se deduzir das informações quais sejam os desígnios, as **intencões** do inimigo. Ao contrário disso, a doutrina francesa leva a formular um certo número de hipóteses sobre as **possibilidades de ação do adversário**, fundadas nas informações colhidas, de acôrdo com o plano de busca. Se a densidade do "nevoeiro" não diminui, é, pelo menos, certo que o comando estará preparado para enfrentar as hipóteses que se verificarem, evitando, dessarte, as surpresas perigosas e desconcertantes que podem decorrer do fato de se emprestar ao inimigo desígnios que não tem. — (Nota do tradutor).

A maior parte das informações são falsas, e a pusilanímicos homens empresta maior força à mentira e à falsidade.

Em geral, cada qual é inclinado a acreditar mais no mal e no bem, e a aumentá-lo; e, embora as cousas perigosas das dessa maneira, desabem umas sôbre as outras, como as do mar, elas se reconstituem sempre, como estas, sem causa visível. Firmemente confiante em seu valor, o chefe er como o rochedo, contra o qual as vagas se vêm quebrar.

A tarefa não é fácil; quem não fôr naturalmente dotado de smo, quem não tiver experiência da guerra, ou quem não seguro de seus julgamentos, pode, se quizer conservar o deiro equilíbrio, adotar, como regra, a luta violenta contra ópria convicção, e, deixando de lado as apreensões, volpara a esperança.

Os caracteres ordinários que seguem os impulsos alheios, se-ão, frequentemente, irresolutos; acreditam nas circunstas totalmente diferentes daquelas que haviam suposto, e mais quanto maior tenha sido o crédito atribuído às opidos que os cercam. Entretanto, também aquêle que toma o suas decisões, e vê com seus próprios olhos, está igual-sujeito a se sentir desorientado por sua opinião pessoal. ne confiança em si, deve garanti-lo contra os impulsos de nto."

Os generais de Napoleão perguntaram-lhe um dia, cheios admiração, que fazia êle para adivinhar exatamente os des do inimigo, e como colhia as informações verídicas que m inspirar seus atos. Respondeu-lhes o Imperador: "Eu abia, prèviamente, que faltas meu adversário iria cometer, seriam punidas por mim; meditava, simplesmente, estu-a carta." Não eram, portanto, os dons de um vidente que illiavam a colher os triunfos, mas os de um grande capitão por um trabalho de meditação constante sôbre a carta, à clarividência, e ao qual é dado "sentir a verdade com o de seu julgamento".

Na guerra, Napoleão decidia baseando-se no que de podia acontecer, e escrevia: "Tenho por hábito pensar com ou quatro meses de antecedência, no que devo fazer; e calculo pelo pior." Por certo, as previsões hábeis e justificadas são melhor meio de evitar disposições preconcebidas, que seriam inadmissíveis; só elas permitem, pois que de antemão se arrazaram tôdas as eventualidades, realizar no momento oportuno que é justo. E' nesse sentido que a atividade de Napoleão exercia com grande antecedência, mas, apesar disso, sempre apropriada à situação. Ele sente, constantemente, as incertezas da guerra, mas domina as dificuldades, porque se conserva sempre senhor de suas decisões.

"Os atos sucessivos da guerra não são cousas premeditadas, mas atos espontâneos, dirigidos pelo que se poderia denominar o tacto, o senso da guerra. Trata-se, em cada caso particular de tirar da névem de incertezas que a rodeiam, aquilo de que se trata, de apreciar no seu justo valor o que se chega a conhecer de penetrar no desconhecido, de tomar rapidamente uma decisão, e de executá-la, então, enèrgicamente, sem hesitação.

A realização de uma vontade que vai diretamente ao fim colimado, é inteiramente diferente dessa falsa perseverança que se aferrada a opiniões preconcebidas, não leva em conta a vontade independente do adversário e esquece que, se o chefe deve sempre presente no espírito a *missão* que deve cumprir através das alternativas dos acontecimentos, deve também estar convencido do que faz, e de que o caminho pelo qual espera atingir seu fim não poderia ser fixado previamente, com inteira segurança.

Em tôdas as ocasiões em que as opiniões preconcebidas reinaram nas altas esferas do comando, seguiu-se a ruína dos exércitos.

Se o fato de persistir em opiniões preconcebidas, conduta, a iludir-se a si mesmo quanto às dificuldades existentes, e a não levar em conta as cousas imprevistas, o fato de se deixar conduzir,

guerra por idéias inteiramente teóricas, por imagens criadas uma vez para sempre, produz os mesmos resultados, e em grau muito mais elevado.

"Quem quiser se mover num elemento como é a guerra, não pode mais extrair dos livros que a educação do espírito; toda idéias feitas, que não lhe são inspiradas pelas necessidades do momento, e que não são o fruto de sua carne e de seu sangue, verá a onda dos acontecimentos derribar o edifício antes mesmo de estar terminado.

Jamais conseguirá fazer-se compreender pelos que o cercam, entre estes, os espíritos mais esclarecidos, que sabem, com nitidez, o que querem, não depositarão nele confiança nenhuma.

Um espírito que se nega absolutamente a abandonar qualquer coisa de sua opinião inicial, quando as circunstâncias o exigem, nada conseguirá, jamais, na guerra. O êxito pertence sempre a quem souber adaptar-se sempre, no momento oportuno às diversas eventualidades.

É nesse sentido que cumpre interpretar a afirmação de Clausewitz, quando diz nunca ter feito um plano de operações; e as palavras de Mollke: "Nenhum plano de operações poderá previr os acontecimentos, com certeza, além do primeiro encontro com as forças principais do inimigo. Não se pode prever o domínio completo do acaso, mas pode-se diminuir-lhe os efeitos, desde que se tenham adotado disposições que atendam às diversas eventualidades possíveis e, quando se tem consciência das próprias forças, agindo com a maior atividade e não permanecendo passivo.

As cousas inesperadas que encontramos continuamente na guerra exigem a livre criação intelectual, que é própria do artesão, porque a rotina do artesão é impotente neste domínio. Para quisermos sair vitoriosos dessa luta constante com o imprevisível, duas qualidades se tornam indispensáveis: primeiro, uma

inteligência que, nessa obscuridade profunda, não seja desviada de algumas centelhas da luz interior que nos conduz à verdade; depois, a coragem de seguir essa fraca luz. A primeira do domínio da imaginação e da representação das cousas, expressão francesa "golpe de vista", caracteriza-a perfeitamente; a segunda, é o espírito de decisão...

"Há pessoas que possuem os mais brilhantes dons de espírito para resolver problemas particularmente árduos, às quaes não falta igualmente a coragem das responsabilidades assumidas, mas que, entretanto, não conseguem tomar uma resolução em casos difíceis. Sua coragem e sua inteligência se acham paradas, cada qual de seu lado, sem se darem as mãos; e então nunca darão provas de espírito de decisão, se não intervier um terceiro fator.

"Em cada caso particular, o espírito de decisão é um traço de coragem; quando êste se torna um traço do caráter, é um hábito da alma. A inteligência, por si só, não faz a coragem porque vemos muitas vezes homens de espírito incapazes de tomar uma resolução. A inteligência deve, portanto, despertar primeiro, o sentimento de coragem, para nêle se apoiar, porque na angústia do momento, os sentimentos dominam muito mais fortemente que os pensamentos.

"Com o "golpe de vista" e o espírito de decisão, somos levados a falar na "presença de espírito, que deve acompanhar os actos e que, no domínio do inesperado, que é a guerra, deve representar papel importante, pois é nada menos que a dominação do imprevisível. Quando se fala em golpe de vista, portanto, não se trata somente dos olhos corporais, mas, sobretudo, dos olhos do espírito."

No século XVIII, no domínio da tática, o "golpe de vista" do general era, sobretudo, de ordem física. Os exércitos por vezes importantes, a tática dos combates, lhe permitiam, na maior parte dos casos, abranger com um mesmo olhar, no campo

ha, não somente as próprias tropas, como as do inimigo; isto não é mais possível para um comandante de corpo de exército, e apenas o será para um comandante de divisão. Se a batalha não da batalha era mais fácil nos tempos de Frederico, e no tempo de Napoleão, do que atualmente, é mister, entretanto, não perder de vista que esses grandes capitães só transformavam derrotas que travavam em derrotas decisivas do inimigo, e que, ao lado do "golpe de vista" corporal, eram dotados, em alto grau, do "golpe de vista" intelectual; que eram igualmente dotados desse espírito de decisão que se liga intimamente à vontade de bater-se, e que se manifesta tanto na batalha quanto na estratégia dela.

Se estes espíritos de primeira ordem mostram, na direção dos exércitos, o mesmo espírito de decisão que no domínio táctico muito mais restrito, há, de outro lado, numerosos exemplos de homens que, tendo dado provas, da maior decisão em circunstâncias menos amplas da guerra, perderam-na inteiramente em circunstâncias mais importantes.

"Na estratégia, o espírito de decisão não pode faltar, tanto quanto, frequentemente se torna necessário tomar decisões sem perda de tempo. Dizia-se do general Moreau, um dos comandantes do exército da primeira República francesa: "Seu defeito principal, era a irresolução. Qualquer decisão que tivesse de tomar, o excitava; e tão logo se decidia, lamentava a decisão tomada, só lhe via os inconvenientes, agravava-os, por gosto, no próprio pensamento, e perdia, em consequência, o momento da vitória."

Para o general Moreau que se aplicam bem estas palavras: "Embora os melhores homens possuam as qualidades necessárias para poderem tomar decisões, encaram sempre os perigos de um erro e, como se não estão familiarizados com as cousas que têm diante de si, a inteligência perde a força inata, e se tornam tanto mais titubantes quanto melhor conhecem o perigo da irresolução, da indecisão e se sentem joguetes, e quanto mais estavam habituados a vencer antes com presteza."

Nenhuma vitória será completa se não fôr seguida de uma perseguição fecunda em resultados; mas esta não se executa se o comando não houver estendido suas preocupações além do campo de batalha pròpriamente dito.

Nas batalhas decisivas malogradas, o espírito de decisão do chefe será submetido a rudes provas. Trata-se, então, de adoptar para a retirada, as primeiras disposições que a situação impõe e que a autoridade ainda exercida sôbre as tropas derrotadas permitam; de pôr essas disposições em acôrdo com as exigências da situação geral e com a continuação do conjunto das operações. Acresce que essas determinações devem ser ordenadas em meio aos mortos e moribundos, sob a impressão de uma derrota, que todos os sacrificios de vidas humanas foram imputados para conjurar.

Entre as circunstâncias múltiplas da guerra, sejam quântas forem as que encararmos, as mais favoráveis como as mais desfavoráveis, nelas se mostra sempre “a luta pela decisão” como o mais elevado de nossos deveres. Ela implica para o comandante, qualquer que seja seu posto, elevado ou não, a concentração de tôdas as fôrças do espírito e da alma. Cada um de nós possui, por temperamento, uma facilidade maior ou menor para tomar decisões; mas, pela educação perseverante de si mesmo e mediante exercícios simples e repetidos, é fácil desenvolver essa faculdade.

Chegaremos, então, e por êsse meio, “a suprimir em si mesmo todo o temor, pelo receio de incidir na hesitação e na temporização”.

“Aquilo a que chamamos inspiração, não é mais que um cálculo ràpidamente feito.” (Marechal Soult).

V — O CHEFE PRECISA TER IMAGINAÇÃO

“Na guerra, o chefe exerce sua atividade em extensões de terreno que influem de maneira preponderante sôbre a eficácia

operações. Quem comanda, não pode abranger com a vista espaços que nem o maior zêlo permite explorar, e que só raramente conseguirá conhecer com precisão, por causa da **variação constante dos aspectos.**”

Sem dúvida, o adversário, na maior parte das vezes, enfrenta as mesmas dificuldades. “Mas, a generalização da dificuldade não a suprime, e quem a superar pelo talento ou destreza, terá a seu favor enorme vantagem. Demais, esta valência das dificuldades desaparece no caso particular em habitualmente, um dos dois adversários (o que se defende) ocupa melhor o terreno do que o outro.”

“Esta dificuldade, inteiramente particular, só pode ser vencida mediante a disposição de espírito igualmente particular, cuja expressão “senso do terreno” traduz de maneira imperiosa. É a faculdade de formar, rapidamente, uma imagem métrica exata de uma região e, por conseguinte, de poder adaptar-se e mover-se em qualquer circunstância.

“Isto pertence, evidentemente, ao domínio da imaginação; apega-se com certeza a essa concepção, parte com os olhos e parte com a inteligência, que supre as lacunas entre os elementos oriundos da ciência, da experiência, e reúne todo os fragmentos percebidos pelos olhos humanos. Mas, para que esse conjunto se nos apresente ao espírito de maneira clara, para que se transforme numa imagem, cujos traços característicos perdurem e não se confundam, faz-se mister apelar para essa força de espírito que chamamos imaginação... Não pode negar que o hábito e a inteligência não venham em seu auxílio.”

“É natural que as aplicações dêsse talento se tornem cada vez mais importantes, à proporção que se sobe na escala hierárquica.

É a esta “carta desenhada dentro de nós mesmos” que von Thun alude, quando diz que o cérebro dos oficiais deve estar forrado de croquis.

Se quisermos apreciar, em seu justo valor, as informações contidas pela carta, é sempre necessário prová-la com tropas, pela aplicação. Esta faculdade é, antes de tudo, uma disposição

natural, porque não é dado a todos poder formar, no terreno ou na carta, a imagem real de forças que o olho não vê; mas um dom que, como qualquer outro, se aperfeiçoa com o exercício. E' d'êste poder de imanigação que depende, em campanha, a resolução brilhante de numerosas dificuldades.

Com o auxilio da imaginação educada, de acôrdo com as exigências da guerra, quem tiver que atuar em campanha sempre diante dos olhos um quadro preciso da situação militar e ficará, por conseguinte, em condições de adotar as disposições adequadas a cada circunstância. Evidentemente, com a incerteza sempre reinante na guerra, o quadro poderá induzir erro, e, por conseguinte, as providências tomadas não serão talvez, as melhores que se podiam esperar; mas é muito raro que, com uma execução resoluta, nenhum êxito seja logrado, porque as providências assentam em dados positivos.

VI — SÔMENTE UMA ALMA FORTE PODE RESISTIR IMPRESSÕES PRODUZIDAS PELA GUERRA

“Uma alma forte não é simplesmente a que é susceptível de grandes arrebatamentos, mas a que permanece equilibrada em meio às mais violentas emoções, de tal maneira que, apesar do tumulto do coração, a inteligência e a vontade sejam como a agulha da bússola que, no navio sacudido pela tempestade, continua a dar as informações mais precisas e acusa as variações mais delicadas.”

“À guerra, domínio do perigo, dos esforços físicos lentos e da incerteza, impõe continuamente as maiores exigências no que respeita à força de alma do chefe; na maior parte das vezes, porém, as impressões resultantes do próprio combate o forçarão a apelar para ela. “Quando uma tropa combativa cheia de coragem, de ardor, de entusiasmo, é raramente necessária dar provas de grande força de vontade, na realização dos nossos desígnios. Desde que as circunstâncias se tornam difíceis, porém, — e será impossível evitar que tal aconteça, quando se tem de executar alguma tarefa fora do comum — as coisas já não marcharão por si, como na máquina bem lubrificada

máquina começa a oferecer resistências, e é à grande força de vontade do chefe que incumbe vencê-las.

“Nas causas dessa resistência, não consideramos, absolutamente, a desobediência e o espírito de contradição, embora possamos encontrá-los frequentemente nos indivíduos isolados. Queremos referir-nos à impressão de que tôdas as forças físicas e morais se vão enfraquecendo, do espetáculo pungente que os sacrifícios sangrentos deparam aos olhos dos chefes, e contra o efeito dos quais êle deve reagir no seu próprio íntimo, bem como contra todos os que, direta ou indiretamente lhe comunicam suas impressões, sentimentos, angústias e esperanças.

“Assim como as forças de um indivíduo se enfraquecem, a vontade própria manifesta-se incapaz de reanimá-lo, também a inércia inteira da massa vai pesando, pouco a pouco, sobre a vontade do general-chefe. O desejo de atingir os fins, e os clamores da esperança, devem poder reacender-se na alma de todos quantos o rodeiam, graças ao ardor do coração e à luz do espírito do chefe. Tanto maior seja esse poder do chefe, mais lhe será possível impor-se à massa e conservar-se senhor dela. Mas, desde que essa dominação cesse, desde que sua própria coragem não seja mais bastante forte para reanimar a dos demais, a massa destaca-se dêle, e deixa que se manifestem os mais baixos sentimentos da natureza animal, que a fazem recuar diante do perigo e a tornam insensível perante a vergonha.

“Tais são as resistências que a coragem e a força d'alma do chefe devem vencer no combate, se quiser desempenhar realmente seu papel. Elas crescem com a massa, e para que as forças se conservem proporcionadas ao peso da tarefa que devem suportar, faz-se mister que elas aumentem com a importância da função.”

O desfecho infeliz de uma batalha decisiva influi extraordinariamente sobre o espírito do comandante-chefe. “As dificuldades que essa coragem e grandeza d'alma têm que vencer, crescem com as massas”, suas forças devem, portanto, ser capazes de suportar o peso de sua tarefa. Os chefes de alta hie-

rarquia e, notadamente, o comandante de um exército, devem restringir-se à maior reserva, se não quiserem perder de vista o conjunto. Se se apresentarem pessoalmente na zona do perigo, as impressões do combate atuarão sobre êles de maneira demasiado imediata, e atrairão muito sua atenção. Napoleão sabia, de maneira magistral, observar semelhante reserva quando se tornava necessário. Em Bautzen, esperando que o ataque decisivo se produzisse, permanecia tranquilamente sentado numa cadeira de campanha e fez-se surdo a todos os pedidos de socorro de sua ala direita, onde o combate se apresentava desfavorável, porque o ataque decisivo devia executar-se na ala oposta, por um movimento envolvente do marechal Ney.

Segundo Clausewitz, "a diferença na constituição das almas depende verdadeiramente do limite das forças corporais que animam o organismo humano, e decorre dessa natureza anfíbia a que denominamos sistema nervoso, e que parece atuar, de um lado, sobre a matéria, e de outro, sobre o espírito."

Clausewitz distingue, em relação à constituição da alma, quatro espécies diferentes de homens: em primeiro plano, os fleugmáticos e os indolentes. "Nêles, o equilíbrio não se pode destruir facilmente, mas, é evidente, não seria aceitável dizer-se que possuam força de alma, porque lhes falta qualquer manifestação de força. Cumpre, entretanto, reconhecer que tais homens, precisamente por causa de seu equilíbrio na guerra, têm certa habilidade. Mas falta-lhes, quase sempre, o móvel positivo da ação, a vontade de agir e, por conseguinte, a atividade; apesar disso, é raro conduzirem à ruína o que dirigem."

A segunda espécie, "compreende os homens muito ativos, mas cujos sentimentos não ultrapassam, jamais, uma certa força. Sensíveis e calmos, são facilmente arrastados à ação por motivos de pouco valor, mas as circunstâncias graves os esmagam. Não lhes faltando na guerra, nem atividade, nem equilíbrio, são, entretanto, incapazes de executar grandes ações."

Em terceiro lugar, vêm os caracteres excessivamente excitáveis, "cujos sentimentos se inflamam rapidamente e violenta-

como a pólvora, mas não duram muito tempo. Suas paixões impetuosas e inflamadas, não se coadunam muito com a vida prática e, por conseguinte, com a guerra. Consequentemente, o benefício dos fortes impulsos, mas estes não duram.

Entretanto, quando a atividade desses homens é dirigida pela razão e a ambição, podem prestar serviços apreciáveis à pátria, notadamente nos postos subalternos, pela simples razão de que as missões que lhes cumpre executar são, em regra, de curta duração. Quando têm a iniciativa de uma solução, as faculdades da alma se lhes incendiam. Uma surtida corajosa, um "hurra!" violento, são obra de poucos minutos; uma batalha é obra de um dia inteiro, e uma campanha dura um ano.

Em razão da vivacidade arrebatadora de seus sentimentos, homens de semelhante temperamento só dificilmente podem manter o equilíbrio d'alma; por isso, perdem frequentemente a razão, e o que, no que respeita à direção da guerra, é a pior das coisas para eles censuráveis.

Entretanto, contrário à experiência pretender que os homens facilmente excitáveis nunca sejam fortes, isto é, que consigam conservar o equilíbrio, mesmo em meio às mais violentas emoções.

Por que não haveriam de possuir o sentimento da dignidade própria, como é, aliás, de regra, nas mais nobres naturezas? Esse sentimento raramente lhes falta, mas não tem tempo de tornar-se eficaz. Na maior parte das vezes, não têm consciência de si mesmos. Quando a educação, a observação do próprio erro e a experiência da vida lhes houver ensinado, cedo ou tarde vão aprender a meio de se pôrem em guarda contra si mesmos, e quando os momentos de violenta emoção têm consciência do contrário, costumam moderá-los, o qual existe em seus corações, são susceptíveis de grande fortaleza d'alma."

É evidente que uma classificação matemática desses defeitos apresentados por Clausewitz, não é variável, e que

as manifestações de seus estados d'alma lançam dúvidas que à categoria na qual podem ser classificados. O próprio Clausewitz dá a entender "que seria contrário à experiência tender que essas almas facilmente influenciáveis, não são capazes de manter-se em equilíbrio nos momentos das maiores emoções."

E' por isso que, quando pela educação, pela observação de si mesmos e pela experiência da vida, os homens que possuem estes elementos adquirem o equilíbrio, torna-se muito fácil distingui-los dos que pertencem à quarta categoria, isto é, os homens "sobre os quais os acontecimentos de pouca importância não exercem influência; que, em regra, não entram em agitação rapidamente, e sim a pouco e pouco, e cujos sentimentos atingem um alto grau de intensidade, sendo muito duradouros. Esses temperamentos são os passíveis de paixões enérgicas, profundas e dissimuladas. São homens pouco influenciáveis e embora profundamente convictos, que se distinguem dos outros por serem mais capazes de vencer as dificuldades enormes que a guerra proporciona, e que a custo imaginamos."

O aumento excessivo do nervosismo em nossos dias convida de maneira insistente à observação de nossa personalidade, como meio mais eficaz de "adquirir uma grande fortaleza d'alma", e a tornarmos-nos semelhantes a essas naturezas robustas, animadas de paixões enérgicas e profundas. Inatamente adquirida, a tranquilidade d'alma é indispensável na guerra. Em muitas circunstâncias, ela pode substituir várias outras qualidades. Clausewitz diz do general-chefe russo Barclay de Tolly que, no combate de Valutina-Gora, em 1812: "Ele guiou-se pelo que de melhor tinha em si, e que, unicamente destinara a exercer um comando importante, a saber: grande calma, constância admirável e uma bravura a tôda prova."

— SEM FÔRÇA DE CARÁTER, NENHUM CHEFE
ESTARÁ, NA GUERRA, À ALTURA
DE SUA MISSÃO

Designa-se por fôrça de caráter, ou geralmente, por cetera tenacidade nas convicções. Pode resultar de idéias comuns ou estranhas, ou ainda, decorrer de princípios, de opiniões e inspirações momentâneas; numa palavra, de tudo que está ao domínio da inteligência... Manifestamente, não se poderá dizer de um homem que a todo o momento e sem qualquer real, muda de opinião: êle tem caráter. Esta frase só é aplicável aos homens cujas convicções são tenazes.

Quem conhece a natureza inteiramente particular de uma situação referente a um fim prático, como tôdas as que devem ser tomadas notadamente na guerra, sob a pressão de grandes possibilidades, no meio de mil incertezas e contradições, é incapaz de compreender que o fato de tomar uma decisão definitiva sem forte apreensão, e que aquilo que nos parece possível somente se realizará, na verdade, com a assistência de uma grande fôrça de vontade. É por essa razão que, nos momentos de guerra que exigem os mais consideráveis esforços, o elemento da concepção é o menor, embora a justeza desta seja uma condição necessária."

Quando Clausewitz chama de "fôrça de caráter a tenacidade de uma resolução, mesmo quando nascida de uma inspiração súbita", quer acentuar com isto a importância muito maior que se refere à fôrça de vontade do que à concepção. Von Bismarck exprime de maneira idêntica quando se refere ao general Schwarzenberg; êle não era um chefe no sentido exato, porque tinha necessidade de ser dirigido.

Devemos repetir aqui, é muito mais raro do que se pensa, que o fato de se deixar dirigir num sentido determinado permita alcançar os resultados. É mister dar provas de constância e de uma segurança que nem todos possuem em quantidade suficiente.

É o general que já se sente, por si mesmo hesitante, se deixar a ouvir muitas opiniões, o resultado certo é que sua

hesitação crescerá, e lhe será impossível formular um decisivo, firmar uma convicção própria, e tomar uma decisão oriunda de seu íntimo."

É pouco mais ou menos o que diz Moltke a respeito da constituição dos quartéis-generais: "Há generais que dispõem de quaisquer conselhos, que tudo avaliam por si mesmos e decidem o que os cercam somente resta executar."

"Êstes, porém, são astros de primeira grandeza, e um círculo produz poucos. Na generalidade dos casos, o chefe de exército não desejará privar-se de conselhos. Êstes poderão correr de uma apreciação da situação, compartilhada por um número mais ou menos grande de homens, cuja formação e experiência os torne particularmente capazes de formular juízos e pareceres exatos. Mas é preciso que nesta reunião de homens, a opinião prevaleça sempre... Resta, então, ao que comanda, o mérito infinitamente grande, e que o coloca acima dos conselheiros, de tomar sobre si a responsabilidade da execução."

Ninguém é perfeito, e, notadamente nos caracteres humanos, os penderes inconvenientes são bastante acentuados. Então, de desejar, e até muitas vezes necessário, que os conselheiros que os cercam, e que exercem influência sobre elle, contribuam, mercê de demasiada semelhança de caráter, a aumentar de maneira prejudicial os defeitos.

Faz-se mister, tanto quanto possível, que o caráter dos auxiliares mais immediatos do chefe seja a antítese do seu, e por certo modo, compensá-lo. Êste preceito, inteiramente justificado, supõe, entretanto, e de maneira absoluta, que o comandante chefe esteja à altura de suas difíceis funções ou que, pelo menos, seja capaz de satisfazer as exigências mais importantes dessa função; é frequente, entretanto, a má interpretação deste preceito, e se deduz, então, que os talentos de um auxiliar deverão suprir as qualidades deficientes de um comandante de exército. É um êrro absoluto e perigoso.

É fora de dúvida que os dois chefes de estado-maior que se tornaram célebres, Hesz e Gneiseneau, não poderiam

envolvido plenamente suas brilhantes qualidades se, em vez de acharem ao lado de chefes dotados de alto valor, como Scharnhorst e Blücher, tivessem que se haver com caracteres desiguais de qualquer qualidade, ou acessíveis a influências baixas e mesquinhas e injustificáveis.

Há cousas que ninguém pode substituir no chefe quando não as possuem. Se, por exemplo, a independência de critério lhes falta a tal ponto que, em meio à multiplicidade de opiniões possíveis, não saiba reconhecer a mais oportuna; se é completamente desprovido da firmeza necessária para pôr em execução uma resolução, e exigir, no exército, em quaisquer circunstâncias, a obediência e o cumprimento do dever, ninguém será capaz de suprir esse lamentável estado de cousas.

Nos tempos de Frederico o Grande, não se conhecia a função de chefe de estado-maior, tal como a compreendemos hoje. Quando, portanto, o Rei se exprime de maneira inteiramente análoga a Clausewitz e de Moltke, quando diz: "Creio, em verdade, que um general ao qual um oficial subordinado dá um bom conselho, deve aproveitá-lo, como aliás, todos os que possam vir de servidores leais do Estado, quando conformes ao bem da Pátria; o general deve considerar somente a realização dos fins que tem em mira, sem se preocupar com saber se a idéia que o faz agir vem d'ele próprio ou de outrem. A única cousa importante é cumprir integralmente a missão que lhe foi confiada."

O chefe de estado-maior mais bem dotado, não pode desregar o general-chefe da responsabilidade de seus atos.

A conduta dos chefes russos na Mandchuria mostra de maneira impressionante que desastres pode engendrar o medo às responsabilidades. Habituaados a agir somente segundo as ordens minuciosas vindas de cima, aferravam-se angustiosamente a seguir as ordens recebidas e, sem nenhuma iniciativa, deixavam escapar ocasiões favoráveis, em que poderiam ter agido

com êxito. Apesar da bravura dos japoneses, tais ocasiões estória,
nunca faltaram. mos e
ismo c

“O fato de dispor do mais perfeito estado-maior, dotado Melh
da mais exata visão das cousas, não implica a mais notável por si
reção de um exército, quando falta a alma de um grande chefe cias n
militar, porque, o golpe de vista e a pujança da vontade, que pend
são as qualidades essenciaes de um grande capitão, constituem o há h
muitas vezes, um correctivo excelente das manifestações dema as cora
siado eruditas da ciência de um estado-maior que, às vezes, com mpre,
plica por gôsto os planos do general-chefe, quando êste não pod las.
dispensar-se de apelar para ête na execução.” er, ad
e dão p

Hoje, mesmo ainda que na época de Clausewitz, o coman tâter.
dante de exército, em consequência da massa enorme de homens Em
que terá de dirigir, não poderá privar-se de um estado-maior entem
instruido. No tempo em que vivemos, não é, sem dúvida, o O c
temer que o estado-maior, como o dos adversários de Napoleão om se
“se atrapalhe com as manifestações de sua própria ciência.” meira:
ceira,

“O aspecto dissolvente dos perigos e dos sofrimentos d nte, e
facilmente, ao sentimento, a supremacia sôbre a convicção d o, mos
inteligência; e o crepúsculo em que tudo parece mergulhado ira-nô
torna o julgamento justo e claro tão difficil, que o fato de mod A v
ficá-lo é perfeitamente comprehensível e perdoável. ução.

Na guerra, age-se sômente de acôrdo com o presentiment periorr
e a sensação da verdade. E' por isso que em nenhum outro do ensão
mínio são tão grandes as divergências de opiniões; a corrente es, po
de impressões, contrária à convicção pessoal, não cessa nunca. contra,
A maior fleugma da inteligência não serve de garantia, porque da si
essas impressões, muito fortes e muito vivas, são sempre, a o de p
mesmo tempo, dirigidas contra a alma.” respeit
nto pr
ur e c

À vista do que precede, parece que os homens de grand — E'
sensibilidade, não são apropriados para conduzir a bom termo tod
as missões difficeis que se deparam no decurso da guerra;

a, entretanto, ensina o contrário. A cada passo, encontra em Frederico o Grande "uma abundância de sentimento que é dilacerante na dor", e, assim como o Rei, Lee e Pitke, foram homens fracos na vida privada. Mas sabiam silêncio a seus sentimentos e mostrar, quando as circunstâncias militares exigiam, para consigo mesmos e os demais, a firmeza que nenhuma consideração detém, e sem a qual o homem de guerra digno dêste nome. A sensibilidade de Frederico era compensada pelo equilíbrio que conservavam, qualquer que fôsse a violência das impressões recebidas. "Mas como o equilíbrio do coração exige força de caráter para admitir-se-á facilmente, por conseguinte, que os homens de guerra provas de grande fortaleza d'alma, têm, em regra, muito equilíbrio."

Em contraposição, os homens de muito espírito têm, frequentemente, pouco caráter.

O conde de Ségur, diz com muita justeza: "Muito espírito sem senso, com outro tanto de caráter, é o gênio!" As duas grandes qualidades fazem ver o ponto capital das cousas, e a razão faz empregar tôdas as forças para atingi-lo. Com o espírito, entretanto, quanto mais espírito, menos caráter; o espírito mostrando tanto o fraco quanto o forte de tôdas as cousas, não são irresolutos".

A visão nítida das cousas não protege, portanto, da irresolução. "Os princípios e as idéias gerais que devem dirigir a atividade, não podem ser senão frutos da compreensão clara e profunda dos acontecimentos; é por causa disso que, por assim dizer, que ao lado de cada caso particular, se encontra, de certa maneira, ancorado o sentimento que se deve ter na situação (1). A dificuldade consiste precisamente no fato de perseverar nas conclusões dessa primeira meditação, não se deixar levar pela corrente das opiniões e das aparências que o momento presente apresenta. Há, muitas vezes, entre o caso particular e o princípio, uma diferença essencial, que nem sempre

É o que se consegue por meio da aplicação constante do "método de raciocínio" preconizado pela doutrina francesa (N. do T.).

é fácil discernir num conjunto de dedugões decorrentes de factos visíveis, e que torna necessário uma certa confiança em si mesmo, bem como uma dose de ceticismo benfazejo.

É, então, que um princípio, com fôrça de lei, indica a linha de conduta a seguir: — perseverar na primeira opinião, em casos duvidosos, e nada alterar sem que um facto evidente o pugue a tanto. Entretanto, o facto de perseverar firmemente na primeira opinião, pôde conduzir muito longe.

A teimosia não é uma falha da intelligência; esta denominação cabe à repugnância em admitir uma apreciação differença da sua, em relação aos acontecimentos, repugnância que noutro aspecto da intelligência pode justificar. A teimosia é um defecto da alma. Esta inflexibilidade da vontade, esta susceptibilidade diante da contradita dos que nos cercam, tem sua origem na forma particular do egoismo, que coloca acima de tudo o proprio de dominar com sua própria actividade de espirito, a si mesmo, e não aos outros. Chamar-lhe-íamos de uma espécie de vaidade se não fôra, sem contradicção, alguma cousa de melhor; a vaidade contenta-se com as aparências, mas a teimosia assenta no proprio produzido pela cousa em si.

A teimosia não nasce da fôrça de carácter desenvolvido ao extremo, porque há homens excessivamente teimosos, mas não são dotados de minguada fôrça de carácter, consequência de uma pobreza de intelligência.

Com effeito, não é raro que a teimosia seja prova da pobreza de espirito, que considera como diminuição abandonar a propria cousa de suas idéias, o que, ao contrario, é prova de uma alma flexível. A teimosia revela-se, até frequentemente, em homens notavelmente bem dotados; é oriunda, então, mais de uma disposição inata da alma, que da influencia dos acontecimentos da vida.

Pode acontecer que por sua teimosia, um chefe deixe escapar e parem os mais belos êxitos.

IX —

“A

que dir
vida do
dessa em
fôrças q
intelligên
completo
nela nos
dividuo.

Sej

diferença
“condott
guerra,
conjunto
gras, lei
erro, a
mais ele
exército
tuem, de
que nêle
dá ao cr

Tra

espirito,
go milita
vaidade

pliado e

Nun

atrás de
o sentim
as grand
é sômen
o oficial
carreira
na, a que

IX — O QUE CONSTITUI A ESSÊNCIA DO CARÁTER DO HOMEM DE GUERRA.

“A guerra é um empreendimento inteiramente particular, e difere e se afasta do restante das atividades correntes da vida do homem. Estar compenetrado do espírito e da essência dessa empreza, despertar, exercitar e conservar em si mesmo as forças que atuam em nosso íntimo, compreender a guerra com clareza, resolvê-la com certeza e facilidade, dedicar-se a ela completamente, ultrapassar o resto da humanidade no papel que ela nos cabe, tudo isto, constitui as virtudes guerreiras do indivíduo.”

Seja qual fôr, em razão do serviço militar obrigatório, a diferença entre as guerras nacionais e os empreendimentos dos *condottieri* de outrora, “os que desempenham um papel na guerra, deverão considerar-se sempre como pertencentes a um conjunto que constitui uma espécie de corporação, em cujas regras, leis e hábitos se encarna o espírito guerreiro. Seria grave erro, a pretexto de considerar a guerra de um ponto de vista mais elevado, desdenhar do espírito de corpo. É ele que dá ao exército o que denominamos virtudes militares, as quais constituem, de certa maneira, o laço que une tôdas as forças naturais que nêle fazem sentir sua ação. É o espírito de corporação que dá ao cristal dessas virtudes tão fulgurante brilho.”

Trata-se, bem entendido, de pôr de lado os excessos desse espírito, que não são compatíveis com as necessidades do serviço militar geral, porque “não se pode comparar o egoísmo e a vaidade dos exércitos profissionais, com o espírito de corpo amigável e enobrecido.”

Num corpo de oficiais que, nos momentos graves, sabe ter atrás de si um povo inteiro, e que está habituado a confiar nêle, o sentimento da responsabilidade se desenvolverá muito mais, e as grandes idéias militares terão raízes muito mais profundas. Sómente assim que se poderá desenvolver o idealismo de que o oficial necessita, a fim de que, num longo período de paz, sua carreira não se torne monótona, e não seja dominada pela rotina, a que Lloyd chama “o pior de todos os tiranos.”

A nação armada representa o termo médio entre as milícias indisciplinadas e o exército profissional dos mercenários.

“As virtudes militares de um exército revelam-se uma potência moral perfeitamente definida.”

“Cumprе não confundir o espírito do exército com o moral que o anima.”

Se a primeira parte desta citação se aplica, palavra por palavra, ao exército prussiano destroçado em Iena, o final confirma-se nos acontecimentos que se desenrolaram do lado francês em 1870.

Os exércitos que sucumbiram em Iena e Sedan, combateram, ambos, gloriosamente; o desastre que sofreram é imputável aos erros do comando e de formação. Isto deve constituir um aviso severo no sentido de cuidar-se incessantemente, em tempo de paz, da conservação do espírito militar.

Não devemos dispor de um exército “que cujo moral se esvai rapidamente”. Nas circunstâncias atuais, não se pode esperar “que a força moral de nosso exército se eleve pouco a pouco, pela vitória e o esforço, à altura de sua difícil missão.”

O primeiro tiro de canhão deve encontrar-nos já bastante fortes para podermos suportar as mais pesadas tarefas, e dispender os maiores esforços.

A vitória imediata é indispensável, e por isso, devemos prepará-la por todos os meios durante o tempo de paz, e considerá-la, de maneira inabalável, como o fim essencial da preparação para a guerra. Numa guerra nacional, obter-se-á, então, esse entusiasmo fecundo “que faz executar mais do que a honra das armas exige; que tenta o impossível para atingir o que há de mais elevado”.

É nessas aspirações “para o que há de mais elevado”, que se encontra, propriamente falando, a melhor justificação da carreira militar que, em nossos tempos, não pode mais assentar-se

simplesmente na concepção da honra das armas, — mas que tem por base o sentimento do dever.

A significação moral da guerra se manifesta em tudo que o rodeia, e não nela. Por tôda a parte onde, na vida humana, rebente uma luta que não tenha, unicamente, e de ambos os lados, por causa, a satisfação, de uma rapacidade cega, ou a explosão sem intúitos de um humor belicoso; por toda a parte onde, num combate, se revela uma débil centelha do que o homem chama de seu dever, nasce, então, êsse sentimento sublime e misterioso, cuja doçura não pode ser humanamente avaliada, e que torna o pêso da vida tão leve, quanto o de uma pena: o sentimento do dever.

“O sentimento da honra pessoal, a consciência da própria personalidade, que elevam o homem acima das condições da natureza humana, e o prendem à ordem sobrenatural das cousas, nada mais são que a concentração da fôrça moral no indivíduo. Ela aparece no soldado como uma espécie de privilégio, como um patrimônio sagrado...”

“O guerreiro vela ciosamente por sua honra, porque sente que é a única coisa (mas essencial) que o eleva acima de sua caricatura, — o gladiador.”

Os apóstolos da paz eterna rebaixam o soldado ao nível dêste, porque lhes falece a idéia nítida da verdadeira energia. Falta-lhes a compreensão da grandeza do sacrifício e a noção do sofrimento que a guerra exige; perguntam a si mesmos, o que pode valer uma morte gloriosa a homens que a consideram como o maior dever de sua existência.

Conscientemente ou não, êsse desconhecimento da significação moral da guerra indica, principalmente, o desprezo pela importância da personalidade humana, que é, aliás, consequência das idéias materialistas sôbre o mundo e a vida. A base fundamental da doutrina da paz eterna, nada mais é que o egoísmo e o amor ao bem estar, que se esconde sob um vago idealismo.

A História nos ensina que as nações que desdenharam de empunhar as armas para salvar sua honra, foram sempre votadas à perda irremediável. Por esta razão, é bom que “quando um povo manifesta desejos de prazeres descuidosos, não limitados por considerações morais, se erga no horizonte o espectro das inquietações políticas: a guerra..., que nos lembra o que de vemos à pátria.”

“A paz universal seria para a humanidade cousa nefasta, porque deveria ser comprada a custo do sacrifício de suas mais nobres qualidades e de seus mais altos destinos.”

“Se a luta que leva à efusão de sangue é um espetáculo horripilante, isto deve incitar-nos a honrar mais a guerra, e não a embotar cada vez mais o gládio, porque pode surgir um adversário que empunhe um mais afiado, e nos decepe os braços.”

As circunstâncias políticas atuais não são, certamente tais que os grandes conflitos militares entre os Estados pareçam suprimidos para sempre.

Devemos honrar o espírito militar, ainda quando a “união harmoniosa das forças” não nos pareça ainda completamente realizada.

A cousa essencial é, e será sempre, que, na aspiração a grandes cousas, o homem não procure satisfazer apenas sua vaidade e seu próprio proveito. Praticado nêsse sentido, o esforço para o aperfeiçoamento de nossa personalidade não será um fim absoluto, mas, unicamente, um meio para conduzir-nos à única cousa que, na guerra, dá a justa medida do valor do soldado, isto é: a ação.

Nota do tradutor. — Infelizmente e muito embora com a alma confrangida, não se pode negar razão a Von Freytag-Loringhoven, quando diz que as circunstâncias políticas atuais (refere-se a época anterior a 1913) não são de molde a suprimir os grandes conflitos armados entre os Estados. Repetido, agora, êste conceito, êle há de ferir muitos espíritos, mas, existem fundadas razões para refutá-lo?

Apesar dos ingentes esforços que o espírito de humanidade
pende para achar uma solução que elimine a guerra da face
terra, onde a "sinceridade universal" dos homens, única fôr-
capaz de garantir a extirpação humanitária do flagelo? Es-
emos, entretanto, mas esperemos em guarda, resolutos, bem
nados, e sempre preparados para a guerra, se ela nos fôr im-
ta, tal como o pára-raios, que aponta, impassível, para o ceu
l, sem nuvens...

Estudo Histórico Geográfico do México

Gen. ONOFRE MUNIZ GOMES DE LIMA

(Continuação)

— NAÇÃO

México muito antes do descobrimento da América e do início da Conquista cortesiana era um povo autóctono cuja evolução, processada através de sucessivas dominações de uma tribo sobre outras circunvizinhas, atingira um alto grau de civilização, talvez em nada inferior, conforme atestam os magníficos monumentos da época precortesiana, às dos Chaldeus, Assírios-Babilôneos e Egípcios. Alcançara tal elevação que é possível admitir que, si a Conquista se houvera retardado um século, a América encontrada provavelmente em pleno início do ciclo das aplicações científicas elementares, porque tudo indica — desmentindo os exageros de apreciações enaltecidas, oriundas de uma exaltação patriótica — facilmente compreensível, já possuíam extensos conhecimentos no campo de algumas das ciências abstractas, (Matemática e Astronomia), como testemunha o soberbo Calendário Astéca, peça documental de que nenhuma outra, de qualquer das civilizações afro-ásia-europeias de período evolutivo correspondente, se aproxima no valor testemunhal e comprobatorio do nível cultural atingido. E si levarmos em consideração que não dispuseram das facilidades que a natureza proporcionou a outros povos (afro-asiáticos), decorrentes da posse de animais de alto porte potencial (cavalo, mula, boi, elefante etc.) e que toda obra construtiva se assenta no esforço muscular do homem, mais nos devemos orgulhar como americanos, deste imenso labor

e afã de criação de uma civilização própria da América, sem influências advenas e reveladora do extraordinário progresso alcançado no âmbito da organização coletiva do trabalho.

E' incompreensível e dolorosa a nós americanos a ação mesquinha, perversa e inculta dos europeus que, ao apossarem-se da terra nova e fecunda dêste Continente onde foram inicialmente recebidos de braços abertos por criaturas que em sua medida jactância e presunção chamavam "selvagens", se estivessem penhados na destruição e arrasamento de civilizações autônomas e florescentes, com o propósito egoísta de predomínio e escravização, demonstrando assim a barbaria de seu espírito e cultura de pseudo-civilizados, em que não se sabe o que mais condenar: si a maldade dos sofrimentos impostos aos povos novos ou a falta de visão apagando pelo arrasamento o cabedouro de promissoras civilizações, cuja conservação forneceria hoje uma base realista e segura ao estudo comparado das civilizações e da evolução da cultura.

Cegos pela ambição e dominados pela intolerância de uma falsa cultura que se traçara não suportar possibilidades de comparação, edificaram na História o mais estranho dos paradoxos: civilizadores mais bárbaros que os "selvagens" a civilizar.

E assim, a obra de Conquista européia da América, que devêra ter sido luminosa e rendentora, foi realmente demoníaca e escravizadora, e seus malefícios ainda perduram no retardamento que impôs à elevação das nações ameríndias, aos quais deverão acompanhar as nossas justas e eternas maldições: povos martirizados em nome da civilização por nações efetivamente bárbaras, máu grado o auto-juízo que se faziam de si mesmas.

Mas o julgamento de tais atentados à essência benéfica do espírito humano, já começa a processar-se no Tribunal da História, com os depoimentos e confissões dos povos martirizados em nome de uma Fé impiedosamente deturpada pelos seus próprios crentes. E à medida que nossas consciências se fôrem apossando de si mesmas, nós os povos martirizados da América, transformando-nos de vítimas e réus sem crime e

izes de nossos deshumanos algozes, pronunciaremos com as vozes mais esmagadoras o nosso justo veredictum de condenação e apearemos do imerecido pedestal — a que a si mesmos se ergueram — os falsos ídolos que se atribuem benemerências de que nos julgam devedores.

A História pode tardar, mas nunca faltou à sua precípua destinação de julgadora serena e imparcial dos homens e dos povos.

Contra a poderosíssima força do bom-senso e as mais claras indicações experimentais de todos os tempos, particularmente os modernos, e por simples espírito de rotina e subserviência às tradições lendárias dos povos bíblicos da Ásia-Menor, transcritas e incorporadas à cultura européia, que por interesse da manutenção de seu domínio cultural — fonte do econômico e conseqüentemente do político — delas não quer abrir mão, continua insistindo-se em oposição aos conhecimentos positivos reais da geografia universal, da origem adventícia das populações aborígenes do Continente Americano. Não é simplesmente vontade de complicar questões etnográficas; é também o esforço para conservar os povos americanos na dependência dos interesses europeus. Reconhecer o autctonismo destas populações pre-colombianas do Continente e confessar que por si mesmas haviam criado e desenvolvido avançadas civilizações que os conquistadores perfuraram por dismantelar e soterrar por meios e procedimentos os mais condenáveis, seria abrir mão dos laços de dependência étnica, fundamentada na tradição da subordinação espiritual e econômica das jovens nações americanas aos velhos troncos europeus, que contribuíram com pequeno contingente humano na formação de seus núcleos nacionais e com grande acervo de martírios e perversidades de que nunca poderemos esquecer-nos.

A teimosia de considerar o homem americano de procedência asiática não se assenta hoje em nenhum fundamento admissível e só se pode compreender pela remanência de suposições que no passado tiveram apoio no espírito religioso, mas que logo evolveram para servir de base à ganância e concupis-

cência de conquistadores e colonizadores com alma mais de mercadores e tiranos que de evangelistas.

Permanecer em tal ponto de vista significa desprezar o ensinamento de fatos que na atualidade, em que o mundo se fez pequeno pelos velozes meios de comunicação e transporte, podem ser observados em tôda sua extensão contínua ou descontínua. Como seria possível que povos asiáticos primitivos venessem os imensos espaços terrestres e marítimos, com meios embrionários de deslocamento e transporte, espaços que ainda hoje com os extraordinários recursos de viagem exigem muito tempo para serem transpostos? É si o fizeram, como não se conservaram no tempo e no espaço, sinais indicadores das correntes que estabeleceram para lograrem tal fim? Sabe-se perfeitamente que Colombo em suas viagens a êste Continente jamais encontrou a mais de três ou quatro dias mar a dentro embarcações indígenas. E por que? Porque não tinham capacidade para mais; eram movidas a remo (nunca mais de 10 remadores) e a pouca provisão de água que podiam levar limitava-lhes o afastamento de terra áquela distância.

Também se sabe que Colombo averigou que os índios que habitavam as Antilhas onde primeiro escalou em sua primeira viagem, eram originários da costa continental, donde fugiram para escapar-se à ferocidade dos Caraibas que os dominavam.

Para estas pequenas travessias em mar semi-cerrado e com escalas intermediárias pouco afastadas tinham meios suficientes; para mais não.

Caso idêntico é o dos fenícios e gregos no Mediterrâneo; suas viagens fôram alongando-se à medida que, com a experiência das pequenas, progrediram na prática da construção de embarcações, cujo porte foram progressivamente aumentando e na "Arte de Marear"; não convindo esquecer que dispunham de boas aguadas ao longo das costas, particularmente da do norte.

Esta evolução da progressividade das viagens marítimas em correlação com a da capacidade dos barcos ficou claramente confirmada nos ciclos das navegações portuguesas e espanholas.

— de que resultaram os descobrimentos dos séculos XV e XVI, não só de novas terras, inclusive continentes, como de novas rotas para os portos mercantis da costa oriental da África e de todo o litoral asiático.

As sucessivas etapas de avanço por mar longo dos portugueses e espanhóis, demonstram na sua incontestável progressão, a certa impossibilidade de poderem haver sido realizadas em épocas pre-históricas.

E não é possível contestá-las, porque a comprovação perdura no início e evolução das conquistas e colonizações delas decorrentes e na permanência nunca mais interrompida das correntes de intercâmbio estabelecidas.

Os poucos argumentos filológicos invocados são demasiado frágeis pelo conteúdo de subterfúgio e artificilismo dialético sem poder comprobatório nem capacidade documental. Podem mesmo ser considerados como digressões pedantes de quem não conseguiu dominar com segurança o estudo comparado das linguas ou idiomas, cuja extensão e dificuldades cada dia se tornam quase insuperáveis, a não ser a uma instituição com continuidade no tempo.

A ausência de tradição lendária na memória dos povos ameríndios, relacionada com reminiscências migratórias extracontinentais dos antepassados, é mais uma razão, embora fraca, em favor do autoctonismo do homem americano pre-histórico. E nem é lícito invocar que a facilidade encontrada por Cortês na Conquista do México derivou da predição, por alguns admitida, que vivia na lembrança de seus nativos, de que iriam ser redimidos da escravidão a que os submeiam os astecas dominadores — por um redentor branco surgido do mar, por isso que tal não implica na existência de recordações subconscientes na massa, ligadas à idéia de um movimento migratório provindo de fóra do Continente. O que é possível afirmar é que os povos mexicanos pre-colombianos transmitiram a seus descendentes a lembrança de migrações de tribus dominadoras oriundas do norte do território, o que está muito longe de nos conduzir à admissão de que supunham que seus maiores proviessem do mar ou de terras separadas das suas pelo mar.

Quase nada se sabe sobre os habitantes que durante muitos séculos povoaram — México, antes de nossa era e ainda depois apenas conhecemos sua existência pelos restos humanos, armas de pedra e outros objetos que d'elles se encontraram.

Dos povos históricos pre-cortesianos também pouco se sabe. Entre os anteriores ao descobrimento do Novo Mundo, cujos nomes chegaram até nós e dos quais algo se conhece, podemos referir os Otomíes, os Mayas, os Zaapotecas, os Tarascos e os Náhuas, com suas várias tribus: Toltecas, Chichimecas, Aztecas etc.

Os otomíes são considerados como um dos estratos humanos mais antigos de México. Comparados aos povos náhuas pré-cortesianos, eram incultos e pouco inteligentes. Quando os toltecas chegaram a "Mesa de Anáhuac", vindos de N.W., os otomíes ainda se conservavam nômades. Desalojados do sul da "mesa de Anáhuac" pelos toltecas que fundaram o primeiro império da família dos náhuas, os otomíes se concentraram no Centro e Nordeste da mesma (Guanajuato, Querétaro, Hidalgo, San Luis Potosí). Há marcadas diferenças antropológicas e linguísticas entre os otomíes e as diversas tribus náhuas.

Os mayas, profundamente diferentes das demais raças mexicanas, procederam da América Central onde habitavam parte de Guatemala e de Honduras. Em México se estabeleceram em Tabasco, Chiapas, Campeche e Yucatán, península em que mais se desenvolveu a elevada civilização que criaram. Aí construíram os monumentos mais admiráveis da arte indígena mexicana que tem grande valor histórico pelo fato de registrarem, em hieroglifos, as respectivas datas. São, provavelmente, aparentados com os "huastecos" e os "totonacos" de Veracruz e o vale inferior do rio Pánuco; com os "chontales" de Tabasco e com "lacandones" de Chiapas.

Os centros principais de suas ruínas são: Chichén-Itzá, Tulum, Uxmal, Mayapan, Palenque, Labuá, Ticul, Xul, Sayil e Sihó.

Os "mixtecos" e "Zapotecos" vivem na parte ocidental do Estado de Oaxaca e na oriental do de Guerrero em convivência

com outros grupos étnicos: "Chinantecos", mazatecos" e "guatequimanes" do vale do Papaloapan; tequistlaltecos", "eloptecos", "chatmos", "triques" e "amusgos", no centro e sul de Oaxaca; "ixcatecos", ao norte do mesmo Estado; e "tlapanecos", no Estado de Guerrero. Os "zapotecas" desde tempos remotos povoaram o vale de Oaxaca. A primeira cidade que edificaram foi "Teotitlán del Valle", perto do lugar em que se encontra a atual "Tlacolula de Matamoros, que muito prosperou graças ao clima temperado da zona, bastante favorável ao cultivo do milho, feijão, abóbora e "chile", seus alimentos principais.

Eram os "zapotecas" de estatura e compleição normais, olhos negros, nariz reto e carnudo, pouco bigode, dentes muito brancos e brilhantes, cabelos negros e corridos; fortes e ágeis para o trabalho. Abominavam os vícios, especialmente a embriaguez. Não praticavam, como os astecas, a poligamia; nem mesmo os reis. Honestos e respeitosos aos mais velhos, eram profundamente obedientes às leis e aos sacerdotes.

Para a época sua civilização teve certo brilho: sabiam medir o tempo, escrever em hieroglifos, pintar com cores indeléveis; praticavam os exercícios físicos por lhes conhecer as vantagens; sua educação, ministrada pelos sacerdotes, constava da prática de bons costumes, cantos e música. Nas artes manuais faziam primorosos objetos de barro, ouro e prata. Esculpiam ídolos em ônix, que tem sido encontrados nas excavações arqueológicas. Na arquitetura deixaram as admiráveis ruínas de "Mitla", únicas no gênero pelos labores filigranados e que por muito tempo proclamaram o alto grau de sua civilização. "Liobaa" (lugar de descanso) ou Mitla, foi a necrópole dos reis e sacerdotes.

O governo entre os "zapotecas" era, primeiramente teocrático; evoluiu depois separando-se em dois ramos: civil e religioso. Seu primeiro rei foi "Zaachila I" que fundou a cidade de "Teozapotlán" para onde trasladou sua corte. Em homenagem a sua memória seus sucessores mudaram o nome de Teozapotlán para Zaachila.

Em 1487 foram temporariamente subjugados pelos astecas e mais tarde pelos espanhóis como os demais povos mexicanos. Eram seus vizinhos pelo norte e seus rivais os "mixtecos" aos quais se atribui pelo menos parte das construções das atuais ruínas de Monte Albán, onde ultimamente pesquisas arqueológicas encontraram várias peças de joias, notáveis pelo valor e sobre tudo pela força de expressão da fisionomia humana.

Os "tarascos" formavam um dos povos mais poderosos de México, na época da conquista espanhola. Ocupavam a parte michoacana da "Mesa de Anáhuac" e sua vertente meridional até o rio das Balsas e também as comarcas de Jalisco e Guanajuato, mais próximas do Lago de Chapala.

Ignora-se sua procedência e em suas ruínas há traços de duas civilizações. Parecem anteriores aos "toltecas". Mantiveram-se independentes até a chegada dos espanhóis, apesar — das incursões dos "astecas" que chegaram a atacar sua capital, "Tzintzuntzan", situada à margem do Lago de Pátzcuaro.

Os "náhuas" constituíam o principal grupo etnográfico indígena mexicano. Compreende dois grandes ramos: os "náhuas setentrionais", abrangendo as tribus dos "Yaquis" e "Mayos" e algumas da "Sierra Madre Ocidental" como as dos "Tarahumaras" "Tepehuanes", "Huicholes" e "Coras"; e os "náhuas centrais e Orientais" que abrangem principalmente os "Toltecas", "chichimecas", os "Astecas" e além destes os Mexicanos do Distrito Federal; os "Tlahuicas" de Morelos; os "Chulultecos" e "Huexotzincas" de Puebla; os "Tlaxaltecas", os "Cuitlatecas" e os "Mazetecos" de Guerrero; os "Tuxtecos", "Coatzacoalcos" e outros de Veracruz; isolados dos anteriores os "Soconuscos" de Chiapas.

Os "toltecas" vieram, segundo crêem os etnólogos mexicanos, do N. W. do país. Adquiriram grande desenvolvimento na "Mesa de Anáhuac" onde constituíram o primeiro império náhuas, que edificou adiantada civilização, atestada pelos monumentos que deixaram. Parece que para escapar ao domínio dos "chichimecas", emigraram para Guatemala nos meados do século XI. Sua Capital, de 674 a 1116, foi a cidade de "Totán", hoje Tula de Hidalgo.

Os "chichimecos", originários do norte do México, organizaram o segundo império náhua na "Mesa de Anáhuac". Sua cidade mais importante foi "Texcoco".

No século XIII também procedentes do norte chegaram a Anáhuac os "astecas" ou "mexica", última fornada da família dos náhuas. Em suas lagoas fundaram pelo ano de 1325 sua cidade "Tenochtitlán" que através dos tempos se transformou na Capital do país. Incorporaram as civilizações tolteca e chichimeca e estenderam seu domínio até o Golfo do México e a Guatemala.

Foi o império dos astecas que Cortês destruiu progressivamente à medida que efetivava a conquista espanhola. Seu procedimento para com o Imperador Asteca Moctezuma Xocoyotzin (1502-1520) que o recebeu hospitaleiramente não só foi desleal como atroz. A Cuauhtémoc, heroi da resistência aos invasores, sacrificou da maneira mais covarde e cruel quando como seu hospede-prisioneiro o fez acompanhar na expedição punitiva (Hípueras), aos nativos do sul. Um dos mais belos monumentos da cidade do México é justamente o — de Cuauhtémoc.

Cortês na conquista do México atinge o mesmo nível de crueldade que Pizarro no Perú.

A destruição das civilizações autóctonas de México e Perú são rosários de crimes por tal forma infamantes, não só contra o homem americano como contra a sua promissora cultura, que jamais poderemos perdoar. À Espanha atrocidades tão barbas e traição tão grande à fé que professava. Tamanhos martírios impostos sob a invocação da doutrina do Cristo é uma das maiores agrêsões à cultura que já se praticaram no mundo. E Espanha deve espí-la, lembrada por nós americanos, como castigo à sua desmedida concupiscência e à sua deshumana tirania.

A população atual orça por 20.000.000. Seu índice de crescimento anual é cêrca de 350.000 ou 18/1000.

Compõe-se de brancos, quasi totalmente espanhóis e seus descendentes (criollos), mestiços (cruza do espanhol com índio), índios, negros e amarelos. Os brancos representam 17,5%, os mestiços 52 %, índios 30 %, os negros e amarelos o 5 %.

Presentemente existem ao redor 180.000 estrangeiros, dos quais pelo menos a metade são espanhóis. A seguir vêm chineses, centro-americanos, estadunidenses, judeus, canadenses, alemães, sírios, franceses, italianos, ingleses, árabes, japoneses, libaneses, russos, cubanos e polacos.

Assim se distribuem, religiosamente :

Católicos	19.400.000
Protestantes	150.000
Judios budistas, etc.	70.000
Ateus	5.000
Religião ignorada	25.000

Por idiomas :

Falam somente espanhol	15.000.000
" somente línguas indígenas	1.100.000
" espanhol e línguas indígenas	1.200.000
" espanhol e línguas estrangeiras	160.000
" somente línguas estrangeiras	4.000

Há cerca de 45 idiomas e dialetos indígenas.

Sob o aspecto econômico reparte-se em:

econômico ativa	6.600.000	ou	33%
econômico passiva	13.400.000	ou	67%

A ativa se distribue do seguinte modo :

Agricultores	5.000.000	ou	25%	da população global
Industriais	1.000.000	ou	5%	" " "
Administração Pública	160.000	ou	0.8%	" " "
Comerciantes	400.000	ou	2%	" " "
Comunicações e transp.	180.000	ou	0.9%	" " "
Profissionais	60.000	ou	0.3%	" " "
Ocupações não especificadas	200.000	ou	1%	" " "

As estatísticas oficiais revelam um fluxo contínuo de imigrantes e emigrantes, estes quase totalmente para os EE.UU. (uma média 50.000 por ano). É inegável que desde que Méxi-

co tem conhecimento de si têm existido estes movimentos migratórios. Com a conquista se estabeleceu por Leste uma corrente regular de imigração espanhola. No século XIX foi aumentada com novas correntes de procedência européia e também, pelo Pacífico, oriundas da Ásia (chineses e japoneses).

Por terra há uma forte corrente recíproca entre México e EE. UU., e outra com Guatemala.

Além destes movimentos migratórios externos, existem outros no interior do país, de umas regiões a outras, integrados por elementos que fogem das crises em busca de meios de vida.

A intranquilidade e a falta de garantias em épocas de revolução têm motivado o movimento das populações do campo e dos pequenos povoados para as grandes cidades em detrimento da agricultura. A reforma agrária vêm atuando neste sentido como uma revolução permanente.

Por falhas nas leis de imigração e sobre tudo pela sua má aplicação, México ao invés de se beneficiar foi muito prejudicado com a imigração. Dentro de pouco tempo se deu conta de que estava sendo asilo do rebutalho de estrangeiros sem saúde e sem profissão, refugados pelos países em que este assunto é tratado com o cuidado que reclama.

No aspecto social existem quatro desigualdades notórias na população; três se referem aos indivíduos e uma á sua distribuição.

1.^a Desigualdade étnica. Vimos que há: o grupo branco, composto de europeus e "criollos"; o grupo indígena; o mestiço; o de negros, mulatos e zambos; o asiático (chineses, japoneses, sírios, libaneses, turcos); o judío (alemães, polacos, checoslovacos, etc.)

2.^a Desigualdade de cultura, particularmente do grupo indígena em relação aos outros.

3.^a Desigualdade da distribuição da população pelo território.

4.^a Desigualdade da distribuição da fortuna e das possibilidades dos indivíduos.

As duas principais consequências destas desigualdades são: 1.^a, entorpecimento da unidade nacional; 2.^a dificuldades no progresso do país.

Entorpecem a unidade nacional porque é natural que os grupos étnicos ocupem posições distintas, que originam certa separação — sobre tudo entre o índio e os outros grupos — separação devida à raça, à côr, aos costumes, às tradições, ao grau de cultura e à posição social.

Também retardam a unidade nacional e o progresso evolutivo o isolamento em que vivem certos grupos indígenas e assim várias aglomerações nacionais, com meios de comunicações escassos, ou quasi nulos, com a maioria da família mexicana, como ocorre com a Baixa Califórnia, Quintana Roo e outras regiões do norte e do sul.

E' preciso, porém, não entender que as desigualdades apontadas e a separação referida cheguem ao ponto de criar e alimentar incompatibilidades entre os grupos étnicos. A tendência que se nota neste particular não é entre os grupos raciais e sim entre a classe obreiro-campesina e a patronal, como resultado da agitação demagógica permanente em que os líderes sindicalistas e políticos mantêm a primeira contra a segunda. Não é possível, porém, desconhecer o profundo ressentimento que o grupo indígena e o mestiço (branco com índio) têm do sub-grupo branco constituído dos espanhóis (depreciativamente chamados "gachupines"), nascido nas lutas da Independência e sempre alimentado pelo imenso setor nacionalista.

Normalmente, brancos (europeus ou "criollos") e mestiços — em suas variadas gradações — vivem e trabalham juntos e em harmonia, ocupando indistintamente uns e outros postos de relêvo e direção nas diversas atividades, conforme seu talento, cultura, recursos e posição, mas nos cargos de administração pública e ação política, prevalece acima de tudo sinão exclusivamente a absoluta subordinação ao partido político oficial (P. R. M.).

Quanto aos índios, a grande maioria vive em trato com os outros grupos étnicos; trabalham e comerciam com êles nos po-

veados e cidades; falam a mesma língua, têm a mesma religião e os mesmos direitos que os demais cidadãos. Sòmente um reduzido número de indígenas, pouco mais de um milhão, vive em quasi completo isolamento em longínquas serranias. A obra de evangelização e civilização, apesar do zelo dos missionários, dos esforços da Igreja e da bõa vontade dos governantes — modernamente através do "Instituto Indigenista" — só em parte chegou a essas regiões e várias vezes tem sido interrompida no transcurso da agitada vida política do país, quer nos tempos da colonia, já depois da Independência.

E' conveniente fazer notar também que não existe ódio de raças, regionalismos exaltados e separatistas, nem xenofobia. Os poucos índios rebeldes de épocas passadas já renunciaram sua atitude hostil contra brancos e mestiços e entre êstes dois grupos desapareceu quasi totalmente o veso da injustiça e violência contra os sofredores aborígenas.

Os brancos vivem nas cidades, nos centros industriais e mineiros e nas zonas agrícolas mais ativas e prósperas. Têm a supremacia intelectual e social e por isso dirigem os negócios, exercem a autoridade e possuem a maior parte da riqueza.

Os mestiços vivem indiferentemente em todas as regiões da República. Pertencem em parte a classe instruída e competem com os brancos na conquista de fortuna e posição social.

Os índios estão disseminados por todo o território, mas principalmente nos Estados ao Sul do paralelo de 21.^o e mais no de Oaxaca de que formam 70 % da população — e no de Puebla, Tlaxcala e convizinhos. Dedicam-se em geral à agricultura e são na maioria trabalhadores, obedientes e morigerados; todavia ainda existem grupos que pelo isolamento em que ficaram, dêde que se interrompeu a obra evangelizadora e civilizadora dos missionários — permanecem rotineiros e pouco dispostos ao progresso.

Ultimamente o diligente "Instituto Indigenista" emprega sua maior dedicação e desenvolve seus melhores esforços para levar-lhes os benefícios da cultura e da civilização. E certamente os resultados vão ser satisfatórios, pois o índio mexicano —

tem dado, em geral, prova de grande habilidade imitativa; é muito inteligente e possui excepcional vocação e capacidade de expressão artística, além de rara habilidade manual que lhe permite realizar trabalhos da maior perfeição. A comprovação destes conceitos se encontram nas magníficas construções de suas civilizações autóctonas, cujas ruínas ainda hoje causam grande admiração a nacionais e estrangeiros e na maneira inteligente e hábil com que soube harmonizar os elementos nativos de composição com os arabescos espanhóis nos belíssimos monumentos da época colonial.

Há muito poucos negros no México. Trabalham, geralmente, nos portos de mar, nas tarefas agrícolas das grandes empresas exploradoras das terras quentes das costa e nas minas.

A cultura mexicana — influenciada desde a segunda metade do século passado pela francesa e a partir de seu termo pelas principais européias e pela norte-americana, se mantém no entanto essencialmente espanhola. Foi tão profunda a penetração do espírito e do pensamento de Espanha na alma mexicana, que os enormes ressentimentos gerados nas lutas pela Independência não foram capazes de aluir-lhe o prestígio cultural em seus embasamentos, pesar do esforço dos próceres para conseguí-lo. E passada a refrega, serenadas as paixões, refloresceram robustecidas as tradições e influências espanholas em surto de exuberante atividade espiritual, artística e intelectual que teve pujança para trazer novamente a corrente ao velho leito. E hoje, embora divergente no ideário e na ação política, México se erigiu no baluarte defensivo e conservador do que há de substancial e brilhante no gênio criador e indomável da Mãe Pátria. Na verdadeira inquietude em que atualmente se agita a Nação para ultrapassar-se no espiritual como na ação, o centro gravitacional continua sendo a fidelidade à cultura espanhola.

Esta trajetória não é todavia consequência exclusiva da atividade dinâmica da elite espanhola radicada em México, incansável no esforço ininterrupto de evitar que uma de suas filhas diletas se encadeie e seja atraída pelo poderoso e ofuscante foco de progresso e grandiosidade que brilha incessantemente

ao norte do Bravo. E' também o efeito da elétividade anímica, da consaguinidade e da semelhança vocacional que impelem México para Espanha, à cuja órbita histórica sente permanecer prê-lo pelos laços irrompíveis da tradição e da cultura.

Apesar dos crimes e da tirania dos conquistadores, insaciáveis em difundir martírios e destruição, a Espanha generosa dos missionários transfundiu-se no plasma mexicano para enlaçar na mesma aspiração de justiça e bondade os dois povos. Foi esta a Espanha que edificou em México a cultura que o vai levantando cada vez mais aos olhos do mundo. E é por ela que México continua integrado na tradição espanhola.

E' surpreendente a atividade que na Pasta da Educação vem desenvolvendo o atual Secretario Torres Bodet. Tendo obtido situar o problema educacional no âmbito do Governo e na compreensão da opinião pública como basilar, ao lado dos da saúde e da alimentação do Povo, vai conseguindo, com a simpática cooperação de todos, os grandes recursos de que necessita para realizar seu amplo e bem elaborado programa, do qual a Nação certamente vai colher opíparos frutos.

Inteligência aguda e penetrante, servida por sólida e extensa cultura, sabendo o que se propõe realizar em proveito do Povo, México parece ter encontrado o homem que vai lançar os firmes embasamentos da sua futura grandeza, liberando o mexicano da ignorância e fazendo-o um trabalhador capaz e conriente na atividade que preferir exercer.

O ensino compreende três graus:

Primário que é obrigatório a todas crianças entre 6 e 14 anos. Abrange cêrca de 25.000 escolas rurais e primárias propriamente ditas; nêste número estão incluídos aproximadamente 500 Jardins de Infância.

Secundário, de preparação aos estudos superiores. Dispõe de cêrca 250 escolas de duas espécies: "Secundárias" que preparam com destino às Universidades e preparatórias" que se encarregam de orientar os candidatos às prevocacionais" e "vocacionais" — onde os jovens que se destinam aos ofícios e às profissões reconhecem sua verdadeira inclinação para escolher seu rumo.

Superior e profissional, ministrado o primeiro nas Universidades com a finalidade de instruir os estudantes das diversas carreiras; o segundo nas Escolas Profissionais, visando a preparação dos profissionais.

Há um total de 100 Escolas Profissionais.

Há várias Universidades: a de México, que é a líder por antiguidade e prestígio, é uma das mais antigas do mundo: fundada em 1553; a de Guadalajara a de Morelia e a de Puebla. Existe também a Universidade obreira, talvez única do mundo, que se ocupa da preparação e elevação cultural dos trabalhadores em grande parte com recursos oriundos das associações trabalhistas sindicalizadas.

Existem mais de 250 bibliotecas. Algumas de grande valor. A Nacional, fundada em 1884 conta aproximadamente com 280.000 volumes.

Como elemento subsidiário de cultura o país dispõe de vários Museus, alguns de alto nível.

(Continúa)

A CASAMATA É UM TÚMULO

Pelo Tenente-Coronel JOHN E. KELLY

As casamatas são verdadeiras sepulturas sem possibilidade de salvação para os que adotam a resolução de permanecer no seu interior e combater sob a proteção da falsa segurança de suas paredes. A experiência adquirida pela 95.^a Divisão de Infantaria em reduzir com eficácia todas as casamatas encontradas leva-nos à conclusão de preferir atacar as casamatas, ao invés de defendê-las.

Conquanto, na realidade, as casamatas ofereçam maior proteção que os abrigos individuais e sejam em via de regra fortemente guarnecidas e armadas, existem, todavia, do ponto de vista do atacante, algumas vantagens em combatê-las. Todas as casamatas precisam ter uma entrada e, muito comumente, têm apenas uma, o que significa só haver um caminho por onde delas se possa fugir. Coberta esta entrada, fica o inimigo encurralado no interior das mesmas. Além disso, as casamatas possuem seteiras ou aberturas, que são outros pontos fracos do sistema. Mais ainda, é conveniente lembrar que os fortins da Linha Siegfried eram feitos de concreto, dando aos seus ocupantes uma impressão errônea de seguridade, circunstância que, em qualquer operação militar, favorece o ataque.

As casamatas de nenhuma forma se parecem. Na Linha Siegfried encontramos duas espécies gerais de fortins: os de "seteira", cuja potência de fogo é toda escoada através de uma ou mais aberturas abertas nas paredes, e os de cúpula de aço, que apenas têm a torre exposta, permanecendo o resto da estrutura oculto sob um grande montão de terra. Os de seteira são facilmente camuflados. Nas cidades são construídos de modo a parecerem uma garage, pequena casa, um galpão ou coreto; no campo, um monte de feno ou uma saliência do terreno. Os de cúpula de aço são mais resistentes. Com bons campos de fogo

em todas as direções, não apresentam pontos mortos e são difficilmente atacáveis.

Quais os meios de defesa facultados ao inimigo no sentido de proteger suas casamatas, e como os sobrepujamos?

Atiradores adversários habitualmente occupavam trincheiras dispostas em volta da casamata afim de impedir a infiltração dos nossos elementos de assalto sem serem vistos e molestados. Mas o nosso fogo concentrado de artilharia e morteiros geralmente fazia retroceder esse grupo de segurança à relativa intangibilidade do seu abrigo. Com os seus próprios homens collocados sob cobertura, o inimigo foi levado a instalar artilharia em sua casamata afim de nos desencorajar do ataque. A isso retrucamos por meio de fintas realizadas contra as outras casamatas, o que obrigava o inimigo a dividir seus fogos de apôio entre muitas areas, e por meio de tiros de contra-bateria desencadeados sobre posições inimigas de artilharia e morteiros previamente determinadas ou denunciadas.

Por vezes, se bem que não muito freqüentemente, os alemães instalaram campos de minas em volta dos seus fortins. Neste caso, os engenheiros escavavam-nas ou uma turma de torpedo *bangalore* abria uma brecha através do campo. Também a artilharia, comumente, destruíra minas esporádicas, conquanto isto não constituia um método seguro de limpar um campo.

Durante o assalto, a principal difficuldade não reside propriamente no fortim, mas nos fogos de apôio que o protegem. A neutralização destas armas é o mais duro problema oposto ao atacante. A melhor solução é combater o fogo pelo fogo. Toda potência de fogo disponível deve ser dirigida contra os locais onde se sabe ou se supõe estar organizada a resistência inimiga. Nenhuma das armas à disposição do atacante deve ser menos prezada. Fogos contra-carros devem ser orientados para os fortins de maior eficiência em apôio do objetivo, e fogos de metralhadoras e armas portáteis, bem como morteiros e artilharia leve devem ser lançados sobre toda a zona do objetivo. Artilharia pesada, tais como os obuzes de 8 polegadas e de 240 mm, quando possível, pode ser eficazmente empregada, martelando as casamatas mais resistentes. O fogo dos canhões geralmente compelli

s ocupantes a deixarem as câmaras de tiro e a descerem ao fundo do seu abrigo, onde se tornam impotentes.

Contudo, não se pôde contar com a artilharia pesada ou média para destruir um fortim de cúpula de aço. Uma vez, em Wandsdorf, Alemanha, rolamos um canhão 155 mm, de longo alcance, até a distância de oitocentos metros de uma ameaçadora cúpula de aço. O alvo recebeu cinco impactos diretos e não se mostrou ressentido. Contra êste mesmo objetivo, cerca de cinquenta tiros de um canhão de 90 mm foram disparados sem resultado apreciável. Na mesma zona conseguimos impactos com morteiros de 8 polegadas em outro fortim dêsse tipo, também inutilmente. Eram realmente de difícil destruição.

FORÇANDO A RENDIÇÃO

Até agora temos tratado do meio de que dispomos para controlar o pequeno campo de batalha em volta do objetivo. Mas o isolamento do objetivo não é sua redução final. Os atacantes têm de forçar os defensores a se renderem. Isto geralmente exige um assalto cerrado, conquanto, às vezes, o fogo consiga, por si, resolver o problema. De qualquer maneira, devemos sempre tentar a colocação em posição de um canhão de 90, 75 ou mesmo 57 mm, afim de bater o fortim a pequena distância.

Na Alemanha, onde conseguimos obter penetrações e lançar granadas fumígenas dentro do fortim, os ocupantes muitas vezes tinham para fora, *hände hoch*. Quando não se rendiam voluntariamente, aconselhávamo-los a fazê-lo por meio de um alto-falante, o que freqüentemente conduzia a resultados satisfatórios, sem os custosos assaltos dos nossos homens.

Contudo, por vezes, e não poucas, o assalto era necessário. Os grupos de assalto variavam em tamanho, de acôrdo com a situação. Geralmente consistiam das frações encarregadas do assalto pròpriamente dito, dos elementos de apóio e segurança da turma de demolição. As frações do assalto pròpriamente dito compunham-se de um chefe, alguns atiradores e pelo menos um soldado conduzindo a carga necessária a abrir a brecha no fortim, tudo com o menor número possível de homens. Nunca

expor um pelotão quando meia esquadra for capaz de cumprir a missão. Os elementos de apóio e segurança devem ser constituídos da fôrça adicional, qualquer que ela seja, que o comandante do grupo de assalto julgar necessária a proteger a operação contra pequenos contra-ataques ou outras reações do inimigo. A turma de demolição deve ser suficientemente grande para carregar os explosivos necessários e destruir a casamata, uma vez esta ocupada.

Afim de neutralizar qualquer fogo que possa vir do fortim ou de trincheiras encarregadas da sua proteção, as frações de assalto pròpriamente dito devem ser dotadas abundantemente de armas automáticas. Verificamos que os fuzís-metralhadores e os mosquetões automáticos prestavam-se particularmente ao fim almejado. Também usamos lança-chamas, mas sem grande confiança. Todos os homens levavam granadas fumígenas e de fragmentação para remover a resistência inimiga, tanto por fora como no interior da casamata. Além disto, tais frações de assalto eram sempre utilizadas em duplicata, afim de que uma pudesse substituir a outra, se algum acontecimento inevitável e *esperado* assim o exigisse.

Antes de ser o assalto lançado, expediam-se instruções a serem seguidas no sentido de neutralizar as seteiras e janelas de tiro de onde o fogo pudesse provir. Normalmente esta função era atribuída aos elementos de apóio, os quais, de sua posição muito próxima à casamata, estavam em condições de dominar pelo fogo essas aberturas, forçando os ocupantes a fecharem as seteiras completamente afim de se salvar. Êste fogo era suspenso quando a fração de assalto o cobria. Em seguida, o grupo de assalto empenhava-se na tarefa de neutralizar as defesas. Quando o engenheiro portador da carga fazia sinal para que cessasse o fogo, corria logo a colocar o explosivo no ponto escolhido para a brecha. Utilizamos com igual êxito a carga armada em prismas ou sob a forma de ninho de abelhas. A principal dificuldade nesta última residia na necessidade de sua cuidadosa colocação, sob pena de perder sua eficiência. Contudo, quando *podia* ser convenientemente localizada, como em

uma seteira, eram geralmente mais violentas que uma carga do mesmo pêsso arrumada em prisma.

ABRINDO BRECHAS

Em uma de nossas operações noturnas contra casamatas, colocamos um ninho de abelhas de 35 libras no tampo de uma cúpula de aço. Uma carga prismática teria sido ineficiente, mas o ninho de abelhas abriu um buraco na torre projetando aço serrilhado para dentro. Mas assaltamos algumas casamatas onde era impossível colocar convenientemente um ninho de abelhas. Nesses casos, as cargas prismáticas eram eficazmente empregadas. Prendendo-as às extremidades de varas, conseguimos levá-las a locais de outra forma inacessíveis. Do tampo das casamatas dotadas de torre, atirávamos as cargas prismáticas, penetradas a extremidades de fios telefônicos, nas entradas do portim, derrubando as portas para dentro. Contudo, creio que os ninhos de abelha devem ser preferentemente usados, sempre que puderm ser colocados corretamente.

Uma casamata deve ser destruída no ponto onde for mais vulnerável, isto é, onde as paredes de concreto forem menos espessas. Todos os fortins germânicos tinham dois pontos fracos: a entrada e a seteira. Onde havia seteiras (inexistentes na casamata tipo torre de aço), verificamos que as cargas deviam ser blocadas contra elas e não contra a porta, pelos seguintes motivos:

- 1) A porta normalmente estava coberta por tiros rasantes provenientes de outras casamatas à retaguarda;
- 2) Depois de derrubada a porta, outras portas interceptando os corredores estreitos do interior da casamata tinham de ser destruídas para que fossem alcançados os defensores nas câmaras de tiro;
- 3) A maior parte dos defensores achavam-se no compartimento de tiro, e, assim, quando uma carga explodia na seteira matava ou atordoava grande número deles.

Depois de aberta uma brecha na casamata, a fração de assalto deveria arremessar no seu interior granadas fumígenas e

de fragmentação, afim de infligir maiores baixas aos defensores.

É necessário esperar uns cinco ou dez minutos, enquanto se desfás a fumaça e o pó, para que se tente penetrar em uma casamata que não tenha sido completamente neutralizada. A melhor solução para semelhante contingências é *enfrentá-la* tenazmente, preparando frações de assalto alternadas e respectivos chefes, com explosivos e planos adequados.

A missão não é considerada cumprida antes que o fortim se torne inutilizável para uso posterior. Há diversas maneiras de se conseguir êsse objetivo. Uma delas é "selando" definitivamente as portas à casamata por meio de granadas térmicas capazes de fundi-las. Esta não constituiu, entretanto, a melhor solução, pois, uma vez abandonada a casamata, podia o inimigo recuperá-la, bastando apenas, para isso, derreter a parte fundida e retirar as portas.

Outra maneira de obstruir as entradas é lançar atêrro sobre elas, o que pode ser eficientemente conseguido por meio dos tankdozers. Mas aqui também, se a oportunidade se apresentar, o inimigo pode remover o atêrro e mais uma vez defender seu ponto fortificado.

A melhor maneira é destruir as casamatas. Gastavam-se normalmente trezentos e cinquenta a quinhentos quilos de TN para destruir completamente um fortim germânico. Não bastava fendê-lo simplesmente; havia mister convertê-lo num montão de ruínas.

O Exército Alemão supunha que as casamatas lhe proporcionariam grande poder de resistência, capaz de nos submeter como atacantes, a duras provas. Mas, ao invés, portaram-quais verdadeiras armadilhas para os alemães que as ocupavam. Não quero implicitamente afirmar que seja fácil capturar e destruir uma casamata. Achamos que três passos devem ser dados para a redução de tal elemento de defesa:

- 1) Neutralização das posições de apoio;
- 2) Ataque à casamata;
- 3) Destruição do objetivo.

As casamatas são partes integrantes de sistemas defensivos permanentes bem preparados. Um ataque a uma delas demanda estudo cuidadoso, ação rápida, ensaios prévios (se possível) e instruções especiais para *enfrentar* as contingências inevitáveis. Quando o plano de ataque leva em consideração todos êsses elementos, a pseudo segurança da casamata é posta a descoberto e ela se torna irremediavelmente o túmulo de quantos resolvem permanecer e lutar no seu interior.

P. M.

(Da Revista INFANTRY JOURNAL, de julho de 1945).

O TÚMULO DE VIRGILIO

Gen. F. DE PAULA CIDADE

Estávamos no dia 8 de Agosto do ano da graça de 1944. Em meu quarto de dormir, em Possilipo, já muito cedo, podia-se ver as filas intermináveis de vapores, que entravam no porto de Nápoles, então transformado na mais importante base das forças aliadas do sul da Europa, ou dali saíam. Ruidos surdos, ecos de fortíssimas explosões longínquas, eram ouvidos a todo momento. Talvez, bombas de profundidade, para afujentar submarinos.

À hora do *breakfast*, a nossa primeira refeição do dia, combinei com alguns de meus camaradas uma visita ao túmulo de Virgílio, o maior poeta de tôda latinidade. Ficava não longe de nossa casa, mas a questão era saber como chegar até lá, o que, mesmo com a planta da cidade nas mãos, não era para nós coisa fácil. Imagine-se o leitor de posse de uma carta de pequena escala, de que deva transportar, com muita precisão, determinado ponto para o terreno. É é isso o que mais ou menos devíamos fazer, uma vez que nem eu, nem meus companheiros, nem o nosso *autista*, para usarmos do mesmo termo com que na Itália se designa o cidadão que dirige um automovel, conheciamos suficientemente a terra em que nos achávamos.

Mas, se quem tem boca vai a Roma, quando além da boca se possui uma carta topográfica, com trabalho maior ou menor pode-se ir à chamada Tomba di Virgilio. Saímos logo depois, para contentar a nossa curiosidade de homens mais ou menos retrados. Fossemos nós da mesma massa inerte desses soldados retos que naquela época se acotovelavam nas ruas de Nápoles, não teríamos perdido tempo em procurar o recanto do mundo em que há vinte séculos está dormindo o mais mavioso pássaro anoro, que, sob as aparências humanas, inundou os céus da

Itália com seus carmes, que passaram dos lábios ao coração e
cêrca de cem gerações intelectuais.

Depois de algumas idas e vindas, de um lado para outro
atravessamos um túnel e logo nos detivemos junto ao portão de
ferro que marcava entrada de um parque muito bem tratado.
Devia ser ali... Perto perambulava um velho mendigo, que
nada nos pediu, mas que certamente se sentiu feliz quando
procuramos para rogar-lhe que nos indicasse *la tomba di Virgilio*.
No fim de contas, rendeu-lhe a nossa conversa nada menos
de vinte liras... Era mesmo ali pertinho... A dois passos do
lugar em que nos achavamos... Ao lado do portão, conversava
um italiano e um soldado de tio San. O civil era exatamente
guarda do parque, no meio do qual se diz que Virgílio está
sepultado. O homem mostrou-se amável e prestativo. Não é
verdadeiramente um bosque por ali, mas havia de fato muita
árvores e arbustos ornamentais: eram as plantas de que Virgílio
fala nos seus versos. Dizem que ali se acham reunidas, por
terem figurado nas obras do poeta, cento e noventa espécies dife-
ferentes. Não posso garantir que isso seja verdade, porque por
tôda parte os *touristes* estão sujeitos a comprar gatos por lebres.
Mas, na verdade, por lá podem ser vistas parreiras arrimadas
a olmos, pinheiros, ciprestes, loureiros, rosas, violetas, jacintos
além de muitos outros representantes da flora da velha Itália.
Abundam as moitas de murta romana, uma das folhagens mais
queridas do gênio lírico e épico, que um dia fez sua cama em
cima daquele morro, onde há 20 séculos permanece mudo, por-
rém como um farol aceso. O túmulo de Virgílio fica num ponto
dominante, na Margellina, reduto da atual cidade de Nápoles,
acima 18 metros do nível em que os escritores antigos o colo-
cavam. No sopé dêsse morro, os modernos erigiram outro tú-
mulo, o de Giacomo Leopardi, um grande poeta da moderna
Itália, que excedeu em vários setores da inteligência ao padrão
de seus contemporâneos, embora tenha vivido pouco, pois morreu
aos 39 anos. Leopardi mereceu do govêrno de sua pátria um
túmulo quase ao lado do de Virgílio, aliás, considerado monu-
mento nacional. Assim, os visitantes do poeta latino prestam-lhe
igualmente as suas homenagens, sem que disso se apercebam.

E' interessante verificar que o autor do monumento criou naquele recanto estreito um ambiente apropriado à bela obra que ali devia ser erigida, numa simbólica aproximação dos dois escritores que cantaram aqueles céus, aquela natureza e aquelas gentes.

Foi escavado o tufo da montanha, onde se entalharam duas aberturas ogivais concêntricas, em dois planos verticais bem separados entre si. Nada mais se podia dizer de Leopardi do que o que se lê nas lápides do monumento. Numa delas:

*Al conte Giacomo Leopardi Recanatese
Filologo ammirato fuori d'Italia,
Scrittore di filosofia e poesie altissimo
Da paragonare solamente coi greci
Che finì di XXXIX anni la vita
Per continue malattie miserissima
Face Antonio Ranieri
Per sette anni fino all'estrema ora congiunto
All'amico adorato MDCCCXXXVII*

Outra refere-se à lei que determinou aquela honra excepcional ao filósofo, ao filólogo e poeta que honrou seu país, elevando bem alto o nome italiano.

Para os filhos do país, possivelmente Leonardi vale mais que o avoengo latino; para nós, não. Virgílio, apesar dos dois mil anos que nos separam d'ele, está mais perto dos néo-latinos do Brasil do que o poeta italiano. Por isso, aquele monumento, cuja visita não fora o que nos levara até ali, não podia reter-nos por mais tempo. Deixamo-lo sem maiores emoções. Agora, ia começar, para mim e para meus companheiros, a penosa romaria, que devia valer-nos a subida de várias centenas de degraus em separados entre si.

Mais ou menos à metade da subida, o guia fez-nos penetrar numa estreita galeria, aberta na rocha compacta da montanha. Depois de uma caminhada de algumas dezenas de metros, encontramos-nos numa câmara muito mais vasta, que era uma das tucumbas de Nápoles. Ali se reuniam cristãos para fugir à

sanha dos seus perseguidores e para celebrar seus ritos sagrados. A um canto da câmara, há um grande paralelepípedo da mesma rocha, que constitui o altar em que se realizavam os serviços religiosos; ao meio do pavimento, e escavada na rocha, há a pia batismal. As paredes estão recobertas da mesma velhíssima argamassa usada pelos arquitetos pré-romanos, o estuque de Pompéia, de cor avermelhada. Em duas das paredes há pinturas antiquíssimas muito mal feitas, uma deixando ver a Virgem Maria e seu filho e outra, apenas Jesus.

Sempre me constou que o culto das imagens, bem como de Nossa Senhora, não existissem nos primeiros tempos do Cristianismo, mas êsses desenhos e os que vi nas catacumbas de Roma desmentem essa versão.

Foi em começo do IV século de nossa era que teve lugar a última perseguição, promovida por Diocleciano. Constantiniano no ano 313, isto é pouco depois, deu a paz à igreja cristã, aboliram o suplício da cruz e os combates de gladiadores. Posteriormente os cristãos necessitavam de se ocultar nessas furnas, para realizar os atos do seu culto?

Não creio. Nessas condições, aquelas figuras bem poderiam ter uns 15 séculos.

A galeria abre-se sobre a velha rodovia romana, a Via Augusta. Essa estrada hoje está intranzitável e abandonada, parece ser perigoso atravessá-la, em vista dos pequenos desabamentos que inesperadamente aí se dão, na parte em que ela atravessa um túnel. Voltamos pela mesma galeria aberta em corredor pela qual havíamos entrado. Dentro de poucos minutos, já estamos fora e encontrávamos-nos de novo a subir... a subir. Degraus e mais degraus. Enfim, no topo do pequeno outeiro e antes de sabermos onde ficava o túmulo de Virgílio, paramos a admirar o belo panorama de Nápoles, cujo casario viu-nos um pouco em baixo. Em seguida, descemos uns dez ou doze degraus, já na vertente oposta do morro e penetramos num pequeno pavilhão, coberto por velha parede de uma argamassa escura, cuja forma externa muito se asemelha à de uma u

unerária etrusca. O interior é pequeno e circular. O guia diz-nos que ao centro, no chão, é que Virgílio foi enterrado.

Ao certo, ninguém o sabe. Nesse ponto, havia um ramo de flores murchas. A modesta sepultura de Virgílio deve ter sido outróra uma construção externa, hoje desaparecida. Nas paredes, rebocadas com o cimento de Pompéia, o que mostra a sua antiguidade, existem nichos sepulcrais. Há quem diga que o maior deles é a tumba de Virgílio. Em 1554, o cardeal Bembo ali mandou colocar a seguinte inscrição:

*Qui ceneris? Tumuli haec vestigia conditur
olim Ille hic cecinit pascua, rura duces.*

Fiquei um minuto em silêncio e evoquei o espírito daquele que cantou as origens da latinidade, outróra poderosa criadora de civilizações, e a vida rural na sua encantadora simplicidade.

O homem orgulhoso, que acreditava na origem divina de sua gente invencível, tinha ali sôbre seu túmulo os pés de soldados rudes, vindos de terras longínquas, com as quaes nem sequer sonharam os iluminados de seu tempo.

Apenas, alguns dêsses bárbaros, originários de um mundo ignoto que o gênio de um filho da Ligúria, Cristovão Colombo, quinze séculos mais tarde descobriria — ali se encontravam com as cabeças descobertas, numa comunhão espiritual que se estendia a dois mil anos de vida da humanidade.

Estava terminada a visita. Retornamos pela mesma estrada por que tínhamos vindo a aquele sitio. Pisávamos as terras que Virgílio outróra havia comprado, para ali passar certamente os últimos dias de uma vida serena de semi-deus vivo, adorado pelos seus contemporâneos, numa época em que a sonoridade das palavras merecia o mesmo aprêço que nossos dias apenas concedem à música melódica, que relegou para plano muito secundário a poesia, numa antecipação do que devia ocorrer com o teatro, quando aparecesse o cinema.

A tarde desse dia, notadamente à hora do jantar, foi cheia de reminiscências do passeio à Tomba di Virgilio, embora o

cantor da *Enéida* e das *Geórgicas* já não seja lido, nem mesmo nos cursos ginasiais. Há tempos, tentei reler, através de uma boa tradução, a *Enéida*. Quem disse! No fim de poucas páginas de versos e comentários, o sono tomava conta de mim.

A arte da palavra é inquestionavelmente de tôdas as artes a mais ingrata. Enquanto a escultura resiste aos séculos e as estátuas aumentam o valor com a idade, os versos dos mais famosos poetas duram apenas os velozes dias de algumas gerações...

MINAS E NEVE

Pelo 1.º Ten. J. F. L. SERPA
do Rgto. Sampaio

A neve, privilégio temporário ou eterno de algumas regiões de país, faz surgir inúmeros problemas, dificuldades, perigos e algumas poucas vantagens, tanto para o lançamento e limpeza de um campo de minas, como para o seu funcionamento e disfarce.

Uma das questões mais delicadas é o conhecimento do início da nevada, de sua duração, do nível atingido pela neve, do degêlo, em relação à sua influência na mina. Tudo isto acarreta procedimentos múltiplos temporários e relativos. Um campo de minas lançado antes durante a nevada, está sujeito a ficar improficuo, pois sobre a neve pode se formar uma camada de gêlo que impossibilite o seu funcionamento, notadamente no caso das minas contra pessoal. Será necessário, ou o seu abandono e o lançamento de um novo campo, ou sua atualização, em certos casos bem perigosa.

Uma fiscalização atenta é indispensável. Uma tropa pode se sentir segura e realmente estar iludida e exposta aos maiores perigos.

Quando o campo é lançado de modo a não sofrer "in totum" a ação da neve, o que é possível, surge o problema do degêlo. Minas que tenham sido colocadas na neve, conforme mais abaixo veremos, que por ela sejam ancoradas, podem, ao surgir o degêlo, ficar sem estabilidade necessária ou sem o disfarce recomendado. *Arames de aço*, que estavam a uma altura ideal, ou ficarão muito baixos ou muito altos.

A relatividade dos elementos deste problema e das soluções correspondentes depende sempre das condições do terreno, situação e condições táticas e, principalmente, da duração necessária da *atividade* do campo. Alguns há cuja duração é apenas uma noite, outros, dias até meses. Do exame dessas diversas condições é que surgirá a solução.

Uma dificuldade que perturba e torna perigoso o lançamento ou limpeza de um campo de minas, é o efeito da neve no soldado mineiro. O congelamento, e conseqüente perda de sensibilidade nas mãos, amenizado em determinados momentos, pelo uso de luvas, torna par-

ticularmente difícil e perigoso o lançamento das minas contra pessoal ou a neutralização das minas e armadilhas encontradas. A permanência prolongada do soldado em contáto com a neve, prejudica-lhe a eficiência. Seus deslocamentos nas proximidades das minas, têm que ser feitos com cuidado, de forma a evitar escorregões ou pisadas inadvertidamente. É um perigo que aumenta com a pouca firmeza do solo e invisibilidade absoluta da mina. Casos já houve de soldados que, ao lançarem minas, as fizeram funcionar.

Enfim, uma das poucas vantagens que oferece o campo de minas lançado na neve, sôbre o comum, é o disfarce. É absoluto, caso não surja o degelo...

Agora, que já conhecemos os traços gerais do problema *minas e neve*, examinemos detalhadamente o problema de seu lançamento na neve. Trataremos primeiro das contra-pessoal e, em seguida, da contra-carro, de execução mais rápida e menos traiçoeira.

A mina AP, de mecanismo mais delicado que a AC, apresenta, ao ser lançada na neve, para quem o faz, grande perigo. Além de perfeito conhecimento técnico, é necessário grande cuidado e calma. Qualquer precipitação ou descuido pode ter consequências fatais. "Com minas só se erra uma vez". Portanto, competência, cuidado e calma são qualidades indispensáveis ao mineiro.

A mina contra-pessoal, de um modo geral, apresenta quatro fases no seu lançamento: ancoragem, teste do ignitor, colocação dos arames de tropêço, e retirada do pino de segurança.

1.^a fase: — a ancoragem pode se efetuar de três modos, que apresentam vantagens e desvantagens.

1.^o — A mina fica amarrada numa árvore, estaca, etc., de forma a produzir efeito, ter fixidez e ser pouco visível. A relativa visibilidade e consêquente fácil localização, o tempo gasto em amarrá-la e o fato de ela não poder funcionar por pressão, são as desvantagens dêste processo, tendo por contrapeso, por estar fora do alcance do tapete de neve, não sofrer seus possíveis efeitos.

Os arames de tropêço, que em consequência ficarão também totalmente acima do nível da neve, atuarão melhor sôbre as tropas de raquetes e skis. Esta é uma vantaem que pode ser de grande importância, dela dependendo, às vêzes, a atividade de um campo.

2.^o — Faz-se um buraco na neve e nêle se coloca um saco de pano contendo pedras. Prende-se a mina no saco. Por cima do ignitor, como proteção, se coloca um fôlha de papel branco. O conjunto ficará coberto por uma camada de neve de modo a que não afete em muito, caso seu nível suba ou desça, o funcionamento e disfarce da

mina. Apesar do ótimo disfarce, de permanecer ancorada após o degelo, de ficar à altura que se deseja e poder funcionar por pressão, apresenta os inconvenientes de sofrer a ação, aliás reduzida, da neve, de necessitar transporte, afóra o do material normal, de sacos com pedras (grande inconveniente); e o de ser de execução demorada.

Além disso, os arames de tropêço não serão aproveitados em toda a sua extensão, no caso do uso de raquetes ou skis, e elevação do nível da neve.

3.^o — Em qualquer ponto comprime-se bem a neve com os pés até se formar uma base sólida sobre a qual se coloca a mina, e para que a estabilidade fique garantida, procede-se de modo análogo com a neve em torno desse ponto. Então, sobre o ignitor, se coloca uma folha de papel branco e cobre-se-a de neve. Mas, em caso de degelo, ou mesmo acentuado decréscimo de nível da neve, a mina ficará sem ancoragem, pelo que só deve ser este processo empregado quando não houver tal risco. Apesar destes inconvenientes, não havendo tais riscos, e do fato da neve prejudicar a ação da mina, e do reduzido aproveitamento dos arames de tropêço, tem este processo grandes vantagens que muitas vezes o indicam: funcionamento por pressão, colocação da mina à altura que se deseja, perfeito disfarce, execução rápida.

2.^a fase: — A verificação do ignitor, operação muitas vezes desprezada, é imprescindível; tem salvo a vida de muitos e ainda muitos morrerão por não fazê-la. No caso especial da mina americana M2-A1, muito empregada por nós, o pino de segurança tem de correr com certa liberdade em seu orifício de passagem; em caso contrário, é preciso cuidado. A verificação deve ser feita com precauções, pois o ignitor pode estar estragado e entrar em funcionamento, donde o percussor se perderá na neve.

3.^a fase: — Os arames de tropêço devem ser presos em árvores ou estacas vizinhas, a uma altura tal, que permitim fazer funcionar a mina, por alguém calçado de raquete ou ski, que não se aprofundam muito na neve. Se estiver muito baixo, o nível da neve pode subir e o inimigo passará ileso.

4.^a fase: — Tudo pronto, falta ainda a operação mais delicada e enervante: a retirada do pino de segurança. Após um rápido exame final do conjunto, mina, neve, arames, deve-se novamente verificar se o pino corre livremente. É uma operação delicada que deve ser feita sem luvas, porque estas diminuem a sensibilidade dos dedos do soldado que a opera, e cuja dificuldade aumenta pelo nervosismo do momento. O pino só deve ser retirado caso se tenha certeza que está solto. Não se deve forçar. Se há resistência, retira-se o ignitor da

mina e testa-se novamente. A precipitação, neste momento, tem causado muitos acidentes. Tudo pronto, tirado o pino, é preciso ainda muito cuidado, pois qualquer escorregão poderá fazer funcionar a mina. Cuidado com os pés, cuidado com as mãos, todos os cuidados são poucos porque a neve é traiçoeira. Afastemo-nos dela...

Vejamos agora o caso da mina AC. O lançamento desta na neve é grandemente facilitado. Basta fazer um buraco até achar uma base consistente, colocá-la, cobri-la com uma folha de papel branco, se se quiser, e tapar o conjunto. O disfarce é perfeito, e a execução é rápida.

Se desejamos colocar alguma armadilha, procedemos como no caso da AP, cujas dificuldades e perigos já conhecemos. Tomemos, portanto todos os cuidados, pois a mão está gelada e a neve é traiçoeira...

iccionario Militar Brasileiro

Pelo Capitão OTÁVIO ALVES VELHO

(CONTINUAÇÃO)

FABRICAÇÃO de MATERIAL de ENGENHARIA — Os Exércitos em campanha encarregam-se da fabricação dos materiais de Engenharia mais simples, tais como:

- pranchões, passadeiras ou elementos de passadeiras para a Infantaria;
- cavaletes, estacas, vigias e tábuas para pontes de circunstâncias;
- rêdes de arame, defesas acessórias, estacas, piquetes, caixilhos de galeria de mina, tábuas de ceu e de revestimento, pedras preparadas, vigias ou armações de cimento-armado;
- barracas para depósitos;
- madeira esquadriada;
- ferros perfilados em diversas dimensões, etc.

O núcleo das oficinas de fabricação é o Parque de Engenharia do Exército, embora nos Corpos de Exército e Divisões possam ser constituídas pequenas oficinas para atender rapidamente aos pedidos de material empregado na zona da frente.

SE COMPLEMENTAR — Última fase da batalha, em que têm lugar as *Operações Complementares*.

SE PRELIMINAR — Assim se denomina o início da batalha durante o qual se realizam *operações preliminares*.

FERRVIAS — Estradas de ferro.

Sob o ponto de vista militar classificam-se em 1^a e 2^a categorias.

FERROVIAS de 1ª CATEGORIA — São de bitola larga e grande rendimento. Em campanha, dependem do Director das Estradas de Ferro do Grande Quartel-General.

FERROVIAS de 2ª CATEGORIA — São de bitola de 0,60 m. Seu rendimento é limitado (débito médio diário de 50 a 1.500 toneladas), mas são de relativa rapidez de construção (praticamente, 2 km. por dia) e têm flexibilidade de adaptação ao terreno.

Em campanha, dependem do chefe do Serviço Ferroviário do Exército que estiver operando na região, e que para isso dispõe um suplemento de pessoal e material técnico que lhe é atribuído temporariamente pelo Director das Estradas de Ferro.

FICAR em CONDIÇÕES de — 1 — Ação de uma tropa adotar um dispositivo ou formação que lhe permita, rapidamente, realizar a ação prevista.

2 — Ação de um militar tomar as providências necessárias para lhe facilitar, sem perda de tempo e quando oportuno, cumprir determinada missão ou executar serviço previsto.

FLANCO-GUARDA — Destacamento de segurança, fixo ou móvel, destinado a proteger o flanco de uma tropa não quadrada.

FLANQUEAR — 1 — Ação de uma tropa ameaçar ou desbaratar o flanco do adversário.

2 — Possibilidade de bater com o fogo de determinada arma o flanco do dispositivo de uma tropa, ou a região por onde este deva passar.

FLANQUEAR-SE — Defender-se mutuamente os flancos de duas armas, duas posições ou duas tropas.

FORMAÇÃO — Disposição regular tomada pelas diferentes frações de uma unidade de determinada arma.

FORMAÇÃO BLINDADA — Formação cujo papel é combater com o auxílio de engenhos blindados.

FORNECIMENTO de ENERGIA ELÉTRICA — Em campanha, a energia elétrica para força motriz e iluminação, a cargo do *Serviço Elétrico*, pode provir da indústria civil (requisição ou contrato), de centrais de energia exploradas pela mão de obra militar ou então de grupos eletrogêneos isolados.

Os trabalhos são progressivos e abrangem:

- inicialmente, a instalação de grupos eletrogêneos para iluminação de estações, depósitos, oficinas, etc.
- em seguida, a organização de pequenas centrais de emergência e de pequenas rêsdes, de maneira a centralizar a produção de energia e a suprimir o maior número possível de grupos eletrogêneos a gasolina;
- finalmente, o prolongamento das rêsdes de alta tensão do território, o que permite generalizar a a centralização da produção de energia, suprimindo as pequenas centrais de emergência.

FORTIFICAÇÃO — Conjunto de trabalhos que visam aumentar a importância de obstáculos e cobertas existentes ou criar novos, com o fim de proteger o pessoal e o material contra os golpes de destruição e tornar mais eficazes os fogos amigos e mais difíceis os ataques inimigos.

FRAQUEJAR — 1 — Ceder, desistir.

2 — Perder as forças ou o ânimo.

3 — Diminuir a resistência durante o combate ou a marcha.

4 — Diminuir o ímpeto combativo.

FRENTE — 1 — No combate é o lado onde se acha o inimigo; em movimento, a direção de marcha; se se está detido, a direção para onde está voltada a tropa.

2 — Espaço compreendido entre a direita e a esquerda de uma tropa ou de uma posição.

FRENTE de ATAQUE — Frente na qual uma unidade conduz ou é levada a conduzir uma ação de força.

- FRENTE de BATALHA** — Frente sôbre a qual se desenvolvem as operações durante a batalha.
- FRENTE de CONTACTO** — Contôrno aparente do conjunto de contactos tomados com as fôrças inimigas em tôda largura da zona de ação de uma unidade.
- FRENTE DIPLOMÁTICA** — Aquela em que se combate por meio de diplomacia para coadjuvar a ação das Fôrças Armadas, promovendo alianças, dividindo os inimigos, procurando obter neutralidades, etc.
- FRENTE ECONÔMICA** — Aquela em que se luta para manter o equilíbrio das finanças e da produção do país, de modo a aumentar a capacidade combativa das Fôrças Armadas.
- FRENTE de ENGAJAMENTO** — Frente na qual uma G. U. engaja uma parte de seus meios, para precisar ou completar os resultados obtidos na tomada de contacto, bem como para preparar e iniciar seu ataque.
- FRENTE ESTABILIZADA** — Frente que, no curso de operações, pode receber uma organização defensiva muito desenvolvida, pela exploração de todos os recursos da fortificação de campanha e do material.
- FRENTE ESTRATÉGICA** — Parte da fronteira que permite mais fãcilmente a invasão ou a defesa, com relação ao país vizinho.
- FRENTE FORTIFICADA** — Frente defensiva que se apoia sôbre obras de fortificação permanente.
- FRENTE INTERNA** — Vida interna da Nação, que apoia moral e materialmente as Fôrças Armadas, e que com sua serenidade, patriotismo e esforço produtivo pode influir decisivamente no curso da guerra.
- FRENTE de OPERAÇÕES** — Em tempo de paz é a parte da fronteira correspondente a um Teatro de Operações. Na guerra, é a linha que une os pontos atingidos pelas testas das diversas frações que agem em um Teatro de Operações.

GRANDE UNIDADE — Reunião, em quadro orgânicamente constituído sob o comando de um mesmo Chefe, de tropa das diferentes Armas e dos Serviços que lhes são necessários para viver e combater.

GRANDES UNIDADES — No Exército Brasileiro são assim chamadas: a Divisão de Infantaria, a Divisão de Cavalaria, a Divisão Moto-Mecanizada, o Corpo de Cavalaria, o Corpo de Exército, Destacamento de Exército e o Exército.

GRANDE VALETA — Valeta para construção de linhas telefônicas enterradas, com profundidade de cerca de 70 centímetros.

GROSSO — 1 — Parte principal ou mais forte de uma determinada tropa.

2 — Na defensiva, assim se denomina às tropas que guardam a *Posição de resistência* com a missão de defendê-la a todo transe.

GROSSO de COLUNA de MARCHA — É o constituído pela parte mais forte da coluna, aquela que marcha bem afastada da vanguarda ou retaguarda.

GRUPO — Conjunto ou reunião de homens, animais, viaturas ou unidades.

GRUPO de ARTILHARIA — Unidade normal de tiro da Artilharia. É um conjunto de duas ou mais baterias — geralmente três — completado com órgãos de comando e de serviço e que permitem centralizar ou descentralizar o comando do tiro instantaneamente. É o quadro normal de emprego da Bateria.

GRUPO de COMBATE — É a unidade elementar de tiro, de infiltração e de patrulha, da Infantaria. É constituído dos homens que servem o fuzil-metralhador e cuja tarefa é esclarecer, manejar e remunciar essa arma e explorar os resultados do seu fogo, mesmo quando subsista um só homem.

Sua arma essencial e sua razão de ser é o fuzil-metralhador.

GUERRA AÉREA — Conjunto de operações realizadas no
pela Fôrça Aérea.

GUERRA ANFÍBIA — Aquela em que predominam as opera-
ções conjuntas do Exército e da Armada.

GUERRA DEFENSIVA — Aquela em que por deficiência de
meios, temporária ou não, os Exércitos não procuram
inimigo para travar a batalha decisiva, mas sim, visa
detê-lo numa determinada linha do terreno ou retardá-
em linhas sucessivas de forma a ganhar tempo. Nela pe-
de-se tôda a iniciativa, e jamais pode-se obter resultados
definitivos em nosso favor.

GUERRA de GUERRILHAS — E' a executada por meio de
pequenos destacamentos, geralmente de tropas não-regula-
res, visando causar o maior dano possível às linhas de co-
municação do adversário, às suas retaguardas e seus
flancos, etc.

Modernamente, é articulada no conjunto de manobra de
Comando que envia auxílio aos guerrilheiros por meio de
chefes, instrutores, material, armamento e munição, além
de ordens e informações.

Não proporciona resultados decisivos, já que é realizada
com efetivos reduzidos, mas pode influir poderosamente
no sucesso das operações. De qualquer forma, contribui
grandemente para elevar o moral da população em caso
de ocupação do território pelo inimigo.

Os processos de execução variam com o desenvolvimento
geral das operações, a psicologia do povo, o meio geográ-
fico e outros fatores.

GUERRA de MINAS — E' assim chamado o emprêgo sistemá-
tico de minas, que só poderá ter lugar em período de es-
tabilização ou contra uma linha de fortificações que resiste
a tôda ação da Aviação, Artilharia e Carros. E' do domí-
nio exclusivo da Engenharia.

GUERRA de MOVIMENTO — Aquela em que os Exércitos
operam sem se aferrar ao terreno, manobrando em busca
do adversário para atacá-lo da melhor forma possível.

Consiste em operações móveis realizadas no conjunto ou em parte de *Teatro da Guerra*, e cujo fim é manter a iniciativa, procurando forçar o adversário a travar a batalha ou procurando uma posição mais conveniente para este.

GUERRA NAVAL — Conjunto de operações levadas a cabo pela Armada.

GUERRA de NERVOS — Aquela em que se procura abater o moral do inimigo, quer por meio do bombardeio de suas cidades, quer pela sabotagem de suas indústrias e vias de comunicação, pela divulgação de notícias alarmantes, pela criação de confusão político-social, pela desorientação da opinião pública nacional, etc.

GUERRA OFENSIVA — Aquela em que se procura manter a iniciativa a todo custo, atacando o adversário e visando o seu aniquilamento.

GUERRA de POSIÇÃO — Aquela na qual as operações se estabilizam, pelo aferramento dos adversários ao terreno.

GUERRA de PROPAGANDA — Aquela que realizam os países beligerantes por meio de imprensa, folhetos, rádio, cinema, agentes etc. no país inimigo ou em outros países, a fim de abater o ânimo do adversário ou de atrair alianças e simpatias para a sua causa.

GUERRA de SÍTIO — Aquela em que há mais sítios de pontos fortes do que propriamente batalhas e combates campais contra os Exércitos inimigos. Modernamente, dir-se-á com mais propriedade *Operações de sítio*.

GUERRA TOTAL — Aquela que não visa apenas as Forças Armadas do adversário, mas também sua população civil, suas indústrias, vias de comunicação, etc. Dela participam todos os habitantes do país, sem distinção de classe, sexo ou idade.

IDADE MILITAR — Prazo durante o qual o cidadão se acha em condições de prestar serviços militares. Vai dos 21 aos 45 anos, podendo, em ação de guerra externa ou para man-

ter a integridade nacional, ser dilatado pelo Govêrno em consequência das circunstâncias do momento.

INIMIGO — 1 — País ou países aos quais a Nação declarou guerra. 2 — Fôrças adversárias, sejam elas estrangeiras ou rebeldes. 3 — O Exército contrário durante a guerra. 4 — No raciocínio tático, é um dos fatores da *Decisão*. Devem ser sempre avaliadas suas *possibilidades* em face das informações recebidas e da hora em que as mesmas forem colhidas, para então formar-se uma *impressão* à luz do terreno de ação.

INSTALAÇÕES — E' o nome genérico que tomam certos trabalhos realizados na retaguarda e nos estacionamentos, e que, quando de certa duração, cabem à Engenharia. Compreendem:

- instalações pròpriamente ditas;
- abastecimento d'água;
- fornecimento de energia elétrica para fôrça motriz e iluminação;
- exploração de florestas e fabricação de material de Engenharia, para o que se organiza serrarias e oficinas.

INSTALAÇÕES PRÓPRIAMENTE DITAS — Compreendem trabalhos de:

- construção de instalações fixas necessárias ao aparelhamento da rêde de comunicações (hospitais, estações e centros de reaprovisionamento, depósitos, patques, armazens, padarias, matadouros, etc.);
- criação e preparo dos acampamentos, bivaques e acantonamentos, sobretudo nos períodos de estabilização (barracas de madeira, abrigos, lavatórios, banheiros, latrinas, fornos de incineração, cozinhas fixas, leitos e cabides de armas, mangedouras, bebedouros, etc.).

INSTRUÇÃO — 1 — Documento pelo qual o Chefe orienta os subordinados para a realização de sua Idéia de Manobra. Sua previsão é feita para um período geralmente dilatado. E' de caráter *pessoal* e seu texto é *secreto*. (V. "*Diretrizes*" e "*Ordem*").

2 — Todo e qualquer ensino militar de caráter objetivo.

3 — Sessão ou aula de determinado ramo do ensino profissional militar.

INTERVALO — 1 — Espaço entre dois homens consecutivos de uma mesma fileira, ou entre duas unidades vizinhas, contado no sentido da frente.

2 — E' o espaço de tempo decorrido entre dois disparos sucessivos de uma mesma arma ou entre dois tiros consecutivos de uma salva de artilharia.

3 — Tempo de descanso entre dois movimentos, duas ações, duas aulas, etc., consecutivos.

LANÇOS — Deslocamentos sucessivos e metódicos de uma unidade em sua progressão ou regressão.

LIGAÇÃO 1 — Ato pelo qual dois comandantes de unidade tomam contacto, quer pessoalmente, quer por intermédio de um meio ou de um agente de transmissão. Tem por fim coordenar os esforços e assegurar a continuidade das relações entre as diversas autoridades que participam da mesma operação.

2 — Ato pelo qual dois elementos, no curso de uma operação combinada, procuram ou conservam o contacto pela informação, pela vista ou pelo fogo.

LINHA — 1 — Disposição de uma tropa em que as diversas frações se acham colocadas, uma ao lado da outra, qual quer que seja a formação dessas frações e o intervalo entre elas.

2 — A expressão *linha* emprega-se principalmente quando se trata de unidades em ordem unida ou de grandes unidades no combate (Tratando-se de pequenas unidades V. "*Escalão*").

3 — Finalmente, pode ser empregada ainda com um sentido mais geral: unidades de tal linha de combate, linha principal (de resistência), linha de balizamento, etc.

LIBERDADE de AÇÃO — Possibilidade que o Comando tem de empregar os seus meios, a despeito da intervenção do inimigo.

LINHA FERROLHO — É a série de obstáculos, da *barragem avançada*, que fica no limite do alcance da Artilharia da defesa.

MANOBRA — 1 — Tem por objeto combinar o emprêgo dos meios para o cumprimento de uma dada missão, a despeito do inimigo.

MANOBRAS — Em tempo de paz são os exercícios táticos das unidades ou Grandes Unidades.

MANOBRAS ESTRATÉGICAS — Combinações das forças segundo determinadas direções, tendo por fim procurar a batalha (ação ofensiva) ou manter a liberdade de ação do Chefe (ação defensiva); em qualquer caso, procurar impor ao adversário as condições do encontro, de modo a preparar e facilitar não só a vitória tática, como também um aproveitamento dessa vitória fecundo em resultados. Didaticamente elas podem ser classificadas em:

- Manobras em linhas interiores ou Manobras centrais
- Manobras de ala
- Manobras de direções convergentes
- Manobras de ruptura
- Manobras de tipos particulares.

MANOBRA de ALA — É toda aquela que visa levar o esforço sobre a ou as alas do dispositivo adversário. Pode ser classificada em três tipos:

- Manobra envolvente integral
- Manobra envolvente parcial
- Manobra desbordante.

Na sua execução exige surpresa e velocidade, e um perfeito conhecimento dos meios inimigos, do terreno e das próprias forças.

MANOBRA CENTRAL — V. *Manobra em linhas interiores*.

MANOBRA DESBORDANTE — É a manobra de ala caracterizada pelo fato de que as forças destinadas à ação frontal ficam soldadas à massa que vai agir contra o flanco ou a retaguarda do adversário, intimamente ligadas no espaço. É a forma de manobra de ala mais utilizada quando não se dispõe de maioria absoluta de meios sobre o inimigo.

MANOBRA ENVOLVENTE INTEGRAL — É aquela em que se lança sobre os flancos, ou sobre a retaguarda, do adversário, a massa de manobra, enquanto se faz um ataque frontal de fixação com uma minoria de meios. É a manobra de ala suscetível de fornecer resultados mais decisivos, mas sua execução só é aconselhável quando se dispõe de maioria absoluta de meios sobre o adversário.

MANOBRA ENVOLVENTE PARCIAL — É a manobra de ala caracterizada pelo envolvimento do inimigo por uma pequena fração, enquanto a massa de manobra lança sobre ele um ataque frontal. O ponto decisivo é, pois, a ruptura frontal. Embora ofereça menos risco que o envolvimento integral, não pode, por outro lado, proporcionar resultados tão decisivos.

MANOBRA em LINHAS INTERIORES — É aquela em que, tendo-se de enfrentar vários adversários, lançam-se pequenos destacamentos de cobertura contra alguns deles e com a massa de manobra ataca-se o restante; assim procede-se sucessivamente, até bater todos eles.

Para isso é preciso:

- Escolher o ponto decisivo, em função dos efetivos dos diversos adversários e da distância que os separa das forças amigas;
- Considerar o tempo disponível;
- Ocupar com a massa de manobra uma posição central em relação aos inimigos;

- Organizar a massa de ataque com efetivo superior ao do inimigo que vai ser batido;
- Lançar destacamentos de cobertura entre os adversários que não vão ser atacados no momento;
- Bater o inimigo por partes;
- Após bater cada parte, deixar um destacamento de observação para vigiá-la e acompanhar-lhe os movimentos;
- Manter livre, a todo custo, a linha de comunicações da massa de manobra, para que esta possa desaferrar e manobrar em retirada, se necessário fôr.

MANOBRA em RETIRADA — É uma forma dinâmica da defensiva. Operação retrógrada empreendida de propósito deliberado, com tropas muitas vezes intactas ou pelo menos em condições de ainda se manter bastante tempo, e em que o Comando está plenamente senhor da situação. Tem por fim furtar a tropa ao inimigo para travar a batalha em condições julgadas mais favoráveis, num terreno à retaguarda. Para isso conseguir, a tropa que manobra procura ganhar tempo, retardando a progressão do adversário. O Comando pode ser levado a manobrar em retirada por uma das seguintes razões:

- forte pressão do inimigo;
- acontecimentos de ordem estratégica ou tática ocorridos no conjunto da manobra do escalão superior;
- com a intenção de realizar um ardil, atraindo o inimigo para uma posição favorável às forças amigas.

Normalmente a manobra em retirada é feita nos altos escalões (Corpo de Exército, Exército, etc.).

Se ela não fôr bem conduzida, poderá conterter-se numa verdadeira *Retirada*.

MANOBRA de RUTURA — É aquela em que se visa quebrar diretamente a linha de batalha inimiga. Consiste em abrir,

por meio de ataques à viva fôrça, uma ou várias brechas nessa linha, de maneira a criar aí flancos que são imediatamente immobilizados, ou então recalçados por ações de rebatimento. Quando a brecha estiver suficientemente alargada, irrompe-se no sistema de comunicações do adversário.

Ela exige o emprêgo de meios muito poderosos e seu êxito estratégico é geralmente subordinado a operações prévias, que têm por objeto gastar as reservas do inimigo, ou atraí-las e conservá-las longe da zona em que é aplicado o esforço da rutura.

MANTER — Ação defensiva que exige que a tropa se aherre à posição e aí detenha o inimigo a todo custo, para o que necessita estabelecer um *plano de fogos*, tenha *reservas* e preveja *contra-ataque*.

MÃO de OBRA CIVIL — Conjunto de auxiliares civis destinados a cooperar na execução de trabalhos de campanha, geralmente braçais. Voluntária, requisitada ou paga (mediante ajuste), deve, sempre que possível, ser utilizada. É recomendável seu emprêgo, particularmente em território inimigo; neste caso, os trabalhos civis, organizados em grupos, são enquadrados, dirigidos e, se fôr o caso, vigiados pelos quadros militares.

MÃO de OBRA MILITAR — Auxiliares eventualmente postos à disposição das unidades (de Engenharia, sobretudo), para cooperar em tarefas que não requerem conhecimentos especiais desenvolvidos, e principalmente nos trabalhos de natureza braçal. Compreendem unidades de *Pioneiros* e de *Trabalhadores*.

MARCHA — Assim se denomina todo movimento de tropa. As condições de execução variam com a natureza da tropa (a pé, montada ou moto-mecanizada) e com as medidas que possam ser tomadas para garantir a segurança do movimento, facilitá-lo e proporcionar à tropa o máximo conforto compatível com as circunstâncias, evitando que se fatigue inutilmente.

Seu processo normal de execução é à noite, principalmente para os movimentos moto-mecanizados.

MENSAGEIRO — Agente de transmissão que se desloca a pé. É um meio de transmissão de uso corrente em qualquer situação e em todos os escalões. Tem a vantagem da segurança e o inconveniente de ser muito vulnerável. Pode ser empregado isolado ou constituindo uma *cadeia de mensageiros*.

METRALHAR — Atirar com metralhadora sôbre um objetivo qualquer.

MINAR — 1 — Ato de colocar minas num terreno, numa posição ou no mar.

2 — Figuradamente: solapar o moral de uma tropa ou abalar a reputação de uma pessoa ou coletividade.

MINAS — 1 — Cargas de explosivos colocadas na vizinhança imediata ou por baixo dos órgãos principais da fortificação inimiga, no interior do solo. Sua utilização consiste no *ataque a mina*.

2 — Petrechos de diferentes tipos, tamanhos e modos de funcionamento, colocados no solo ou em outros locais, para explodirem à passagem de um veículo ou de um homem, ao serem removidos, etc. Podem ser *anti-carro* e *contra pessoal*.

MISSÃO — 1 — É o que compete a uma unidade executar, por imposição do escalão superior, e que a orienta no desenvolvimento de determinada operação. Ela é imperativa e para seu cumprimento fiel tudo deve ser sacrificado.

2 — Tarefa ou encargo atribuído a um militar por um superior hierárquico.

MISSÃO MILITAR — 1 — Conjunto de militares enviados a um país estrangeiro com objetivo definido.

2 — Via de regra, conjunto de militares enviados a um país amigo afim de ministrar instrução ao seu Exército.

MOBILIZAÇÃO — Operação que tem por fim passar uma unidade, ou um serviço, do efetivo de paz para o de guerra,

ou criar em tempo de guerra novas unidades ou novos serviços.

MOBILIZAÇÃO GERAL — Conjunto de medidas de toda ordem, civis e militares, tomadas por um país, no momento de uma guerra declarada ou iminente, para permitir-lhe satisfazer as necessidades particulares do tempo de guerra.

MONTAR — 1 — Cavalgar.

2 — Subir num animal ou num veículo.

3 — Juntar as peças de um mecanismo, arma, máquina ou aparelho, e deixá-lo em condições de funcionar.

4 — Preparar uma operação de guerra.

5 — Colocar uma arma sobre um suporte, reparo, etc.

MONTAR o ATAQUE — Dar as ordens e tomar as disposições necessárias para o desencadeamento do ataque.

MONTAR GUARDA — Ficar ou estar em serviço de guarda.

MOVIMENTO — Deslocamento feito por uma tropa que utiliza seus próprios meios para locomover-se, cabendo ao seu próprio comando a organização do mesmo.

Realiza-se sob a forma de "*marchas*".

Compreende sempre três fases: preparação, execução e verificação.

MOVIMENTO DESBORDANTE — Movimento realizado para executar u'a manobra *desbordante*.

MOVIMENTO ENVOLVENTE — Movimento realizado para executar u'a manobra de *envolvimento* (parcial ou integral).

MOVIMENTO em LINHAS INTERIORES — Movimento executado tendo em vista a realização de u'a manobra em *linhas interiores*.

MOVIMENTO em RETIRADA — 1 — Retraimento.

2 — Movimento tendo em vista a execução de u'a manobra em *retirada* ou de uma *retirada*.

NEUTRALIZAÇÃO — Em Artilharia, assim se denominam os efeitos dos tiros realizados, em princípio contra pessoal,

visando impedir que êste se utilize eficazmente de seu material, e conduzido de modo a obter a destruição, pelo menos, de 50 % do efetivo inimigo.

NÚMERO de TIROS — Unidade de consumo de munição, geralmente referida a uma certa unidade de tempo.

OBJETIVO — 1 — Faixa de terreno cuja conquista materializará o sucesso da manobra de uma tropa.

Se o objetivo não puder ser atingido num só esforço, a operação é então dividida em fases. A cada uma das fases corresponde um *objetivo normal* e, frequentemente, um *objetivo eventual*.

A tropa pode ser obrigada a executar vários lanços a fim de passar de um objetivo a outro. Para o ataque, além dos *objetivos sucessivos* indicados a cada unidade, dão-se sempre *pontos de direção* afastados, que permitam assegurar a direção do movimento contra êsses objetivos e orientar, se houver necessidade, o prosseguimento da ação.

2 — Parte de uma posição inimiga a ser batida pelo fogo de determinada arma ou unidade.

OBJETIVO EVENTUAL — É o objetivo que a unidade pode visar além do *objetivo normal*, caso as circunstâncias o permitirem.

OBJETIVO NORMAL — É o objetivo que uma unidade (ou G.U.) deve esforçar-se por atingir com o grosso de suas forças, engajando todos os seus meios, se fôr necessário.

OBRAS d'ARTE — São as construções de madeira, alvenaria, ferro ou concreto destinadas a estabelecer a continuidade da estrada nos pontos onde ela encontra brechas ou águas, e a consolidar a chapa de rodagem. Dividem-se em *Correntes* e *Especiais*.

OBRAS d'ARTE CORRENTES — São os drenos, boeiros, muros de arrimo e pontilhões.

OBRAS d'ARTE ESPECIAIS — São as pontes, túneis, grandes muros de arrimo, viadutos e passagens.

OBSTÁCULO — Tudo o que tem por objetivo, proteger a tropa contra os ataques de surpresa e retardar o inimigo. Só tem valor quando é vigiado e batido pelo fogo.

Dividem-se os *obstáculos de barragens* e os *obstáculos de fortificação*, quanto ao ponto de vista tático, e quanto ao ponto de vista técnico há os *obstáculos contra Infantaria* e os *obstáculos contra carros*.

OBSTÁCULOS de BARRAGENS — Compreendem obras importantes de destruições, campos de minas, inundações, obstáculos contra carros, infecções, etc., que visam sobretudo deter ou retardar a Artilharia e os comboios de reaprovisionamentos de víveres, munição e material, do inimigo. Estabelecidos em grande profundidade só podem ser batidos pelo fogo da Artilharia e da Aviação.

OBSTÁCULOS de FORTIFICAÇÃO — São os que se destinam especialmente a deter os carros de combate e a Infantaria inimiga, e que se estabelecem nas proximidades o no interior da *posição de resistência*.

OPERAÇÃO — Termo genérico que abrange o conjunto de movimentos e atividades diversas realizados com determinado objetivo militar e limitados no tempo e no espaço. Ação militar de âmbito estratégico. Parte de uma campanha.

OPERAÇÃO de ALA — A que se realiza por meio de uma *manobra de ala*.

OPERAÇÃO AUXILIAR — A que é realizada para ajudar a operação principal ou uma operação secundária.

OPERAÇÃO ANFÍBIA — A que acarreta desembarque de tropas do Exército transportadas por via marítima ou fluvial.

OPERAÇÃO COMBINADA — A que é levada a cabo com a cooperação do Exército, Armada e Aeronáutica.

OPERAÇÃO DECISIVA — Aquela que, por seus resultados, pode marcar o desfecho de uma campanha ou mesmo pôr termo à guerra.

OPERAÇÃO de FLANCO — A que é dirigida contra o flanco do dispositivo adversário.

OPERAÇÃO em LINHAS CONCÊNTRICAS — V. *Operações em linhas exteriores*.

OPERAÇÃO em LINHAS INTERIORES — A que é realizada por meio de uma *manobra em linhas interiores*.

OPERAÇÃO em LINHAS EXTERIORES — A realizada por forças dispostas em círculo contra um inimigo que se encontra no interior do mesmo.

OPERAÇÃO de RUTURA FRONTAL — A efetuada por meio de uma *manobra de rutura frontal*.

OPERAÇÃO PRICIPAL — Aquela a que se empresta maior importância e à qual se dedica, em consequência a maioria de meios e de esforços.

OPERAÇÃO SECUNDÁRIA — A que, relacionada com a operação principal ou realizada em terreno diferente, tem uma finalidade menos importante, geralmente destinada a tornar possível o êxito daquela.

OPERAÇÕES COMPLEMENTARES — São as que, na Ofensiva, permitem pronunciar nitidamente a desorganização esboçada no dispositivo inimigo e dela tirar proveito para efetivá-la com a captura ou destruição total do adversário. Abrangem o *Aproveitamento do Êxito* e a *Perseguição*.

OPERAÇÕES PRELIMINARES — São aquelas que antecedendo a *Batalha Ofensiva*, permitem às forças se aproximarem do adversário e montarem convenientemente seu dispositivo. Abrangem a *Aproximação*, a *Tomada de Contacto* e o *Engajamento*, embora nem sempre tôdas estas se realizem perfeitamente definidas no tempo e no espaço, e muito menos obedecendo a esta seriação rígida.

OPERAÇÕES de SÍTIO — São aquelas que se desenvolvem no ataque ou defesa de praças-fortes ou fortificações.

ORDEM — É a tradução, de maneira simples e bem clara, da idéia do Chefe, para que os subordinados a executem. Só excepcionalmente poderá ser verbal, devendo, então, ser confirmada por escrito no mais curto prazo.

ORDEM de ATAQUE — Documento que contém as medidas de execução decorrentes do *Plano de Ataque*.

ORDEM de DEFESA — Ordem dada a uma unidade a fim de que fique em condições de fazer face a um ataque.

ORDEM GERAL — É uma ordem de execução que interessa a tôdas ou à maioria das unidades subordinadas à autoridade que a emite.

ORDEM de OPERAÇÕES — É uma ordem que regula de maneira nítida a execução de uma operação.

Pode ser *geral* ou *particular*, conforme a sua amplitude.

Quando à operação cuja execução tenha em vista, ela pode ser: de marcha, de estacionamento, de ataque, de defesa, etc.

ORDEM PARTICULAR — É uma ordem de execução que interessa apenas a uma parte da tropa comandada pelo Chefe que a emite.

ORDEM PREPARATÓRIA — É uma ordem dada à tropa para alertá-la, o mais breve possível, sobre uma determinada operação a ser regulada posteriormente. Visa dar tempo à execução de medidas preliminares urgentes e indispensáveis. É dada quase sempre verbalmente ou por telefone, devendo depois ser confirmada por escrito.

Errata da primeira parte, publicada no número de outubro-novembro de 1945: pág. 649, l. 30, ler: *Nota do Autor* — Há — muito... etc. Pág. 652, l. 33, ler: *Atacar o inimigo...* Pág. 655, l. 17, ler: **ALCANÇAR**; na mesma pág., l. 25, ler: *abastecimentos*. Pág. 657: depois de **APROXIMAÇÃO COBERTA**, incluir: — **APROXIMAÇÃO NÃO COBERTA** — É a executada pelas unidades de Infantaria das vanguardas das Grandes Unidades de 1º escalão. Realizada de dia, implica em

u'a missão nitidamente de segurança. Pág. 659, l. 8, ler: acompanhar um movimento. . ., na mesma pág., l. 11, ler: do terreno, tenazmente defendida; e na l. 33, ler: bandeira flâmula de comando, numa embarcação. Pág. 660, l. 16, nomeado, ou no impedimento do responsável. Pág. 661, l. acrescentar: 5 — E' o ato capital de tôda operação ofensiva, sua finalidade é a desorganização da resistência inimiga, p poder quebrá-la e finalmente, dominá-la, em tôda a sua p fundidade. 6 — Aproximação de uma. . .; na mesma pá l. 19, ler: ATERRISAGEM.

Há outras pequenas incorreções que o leitor corrigirá fã mente.

METEOROLOGIA M CAMPANHA

CAP. FERDINANDO DE CARVALHO
Ex-instrutor de Tiro e Meteorologia da
Escola de Artilharia de Costa

1 — INTRODUÇÃO

O presente artigo destina-se a proporcionar aos oficiais de tôdas armas uma noção sumária sôbre o funcionamento de um posto Meteorológico de Campanha, evitando-se penetrar nos detalhes próprios de técnicos que só poderiam interessar aos especialistas.

Ressaltaremos inicialmente a importância da observação aerológica na realização do tiro, particularmente o de artilharia. Mencione-mos o material empregado no Posto e descreveremos sucintamente os processos adotados. O leitor diretamente interessado numa explanação completa e minuciosa do assunto encontrará no *Manual de Meteorologia* publicado pela Escola de Artilharia de Costa integral satisfação de seu desiderato.

— IMPORTANCIA DAS OBSERVAÇÕES AEROLÓGICAS PARA O TIRO

1. TABELAS DE TIRO

Ninguém ignora que a técnica de execução do tiro de tôdas armas está fundamentada nos dados precisos concatenados nas tabelas de tiro que acompanham cada material, sejam elas numéricas, gráficas, mecânicas, ou de qualquer outra natureza. Ora, as tabelas de tiro são confeccionadas à base de condições aerológicas ideais, bem definidas, supostas constantes ou obedecendo a leis de variações constantes. São as chamadas condições normais ou padrões.

Assim, por exemplo, as condições aerológicas padrões adotadas pelos norte-americanos para o cálculo das tabelas de tiro de seus materiais são os seguintes:

- a) vento nulo;
- b) pressão atmosférica de 750 mm de mercúrio;
- c) temperatura do ar de 15° C;
- d) umidade relativa do ar de 78 %.

A contínua variação dos elementos aerológicos vai acarretar, entretanto, sensíveis variações nas trajetórias, diferenciando-as das teoricamente estabelecidas nas condições normais a que nos referimos.

O conhecimento das influências exercidas no tiro pelos fatores aerológicos possibilita a determinação de correções que irão facilitar as ajustagens e evitarão, em consequência, o consumo supérfluo, anti-econômico e, muitas vezes, inoportuno de munição.

É necessário pois, determinar com relativa precisão os elementos aerológicos que atuam no momento do tiro, sendo esse o objetivo das sondagens aerológicas realizadas pelos Postos Meteorológicos sejam eles fixos, como os de Grupamento numa Defesa de Porto, sejam móveis como os de campanha das AD.

2. DADOS AEROLÓGICOS QUE INTERESSAM AO TIRO

Os dados aerológicos que interessam ao tiro são:

- a) o vento;
- b) a pressão atmosférica;
- c) a temperatura do ar;
- d) a umidade do ar.

Desses, o principal fator de variação das trajetórias é o vento. Sobre a sua influência consigna o nosso I.G.T.A.:

"O vento, que tem considerável influência sobre a trajetória, é de ação complexa e suas direções e velocidades não são idênticas nas diversas camadas atmosféricas que o projétil atravessa. No solo e, praticamente, até as altitudes da ordem de 1.000 metros, causas essencialmente locais podem modificar rapidamente o vento existente. Sofre modificações em direção à proporção que se eleva na atmosfera e

que se afasta das influências locais. A intensidade e a direção são mais estáveis nas zonas elevadas onde entram em jogo as causas que dirigem a circulação das grandes correntes aéreas, isto é, as diferenças de pressão entre regiões distantes e que não se modificam com rapidez".

A temperatura do ar age isoladamente sobre a elasticidade do ar, considerada sobretudo nos grandes alcances, e associada à pressão atmosférica e à umidade do ar sobre a densidade do ar que tem sobre o tiro determinadas influências.

Para possibilitar a fácil determinação das correções correspondentes aos fatores aerológicos mencionados, as diferentes condições, relativas às várias altitudes, são reduzidas a condições fictícias uniformes, as quais teriam sobre o tiro efeito idêntico à da ação resultante de todas as condições variáveis combinadas. São os chamados "elementos balísticos" como a "densidade balística do ar" e o "vento balístico".

É interessante consignar aqui as idéias atuais sobre os mal conhecidos efeitos das nebulosidades sobre as trajetórias. A presença de partículas d'água na atmosfera traz como consequência dois tipos de "efeitos" sobre o projétil em seu percurso aéreo. O primeiro, denominado "efeito de densidade" resultante do fato de que uma parte da quantidade de gotículas d'água encontradas pelo projétil em seu caminho, adquirem certa velocidade e passam a acompanhá-lo como uma nuvem de poeira acompanha um automóvel, e isto vai acarretar um aumento na densidade do ar.

O outro efeito é o "de impacto" verificado simplesmente pelo choque das gotículas contra o corpo do projétil.

Foi verificado que o efeito de impacto é cerca de 10 vezes maior que o da densidade, e que os efeitos das mais fortes chuvas são apenas 1/5 dos efeitos acima referidos.

"Na prática é recomendado que a densidade balística do ar seja acrescida de 2 % se a trajetória fica inteiramente em nuvens ou nevoeiro, e proporcionalmente, se a trajetória passa apenas parcialmente no interior desses elementos".

3. CAMADAS AEROLÓGICAS E FLECHAS-PADRÕES

Para facilitar a execução das observações aerológicas, a atmosfera é suposta dividida em uma série de camadas concêntricas, a cada uma das quais corresponde uma flecha-padrão cujo valor coincide com a altitude do limite superior da camada. O seguinte quadro registra tal sub-divisão:

N.º da camada e da flecha-padrão	Espessura (m)	Flecha-padrão (m)
0	0	0
1	0—200	200
2	0—500	500
3	500—1000	1000
4	1000—1500	1500
5	1500—2000	2000
6	2000—3000	3000
7	3000—4000	4000
8	4000—5000	5000
9	5000—6000	6000
10	6000—8000	8000
11	8000—10000	10000

III — PÔSTO METEOROLÓGICO

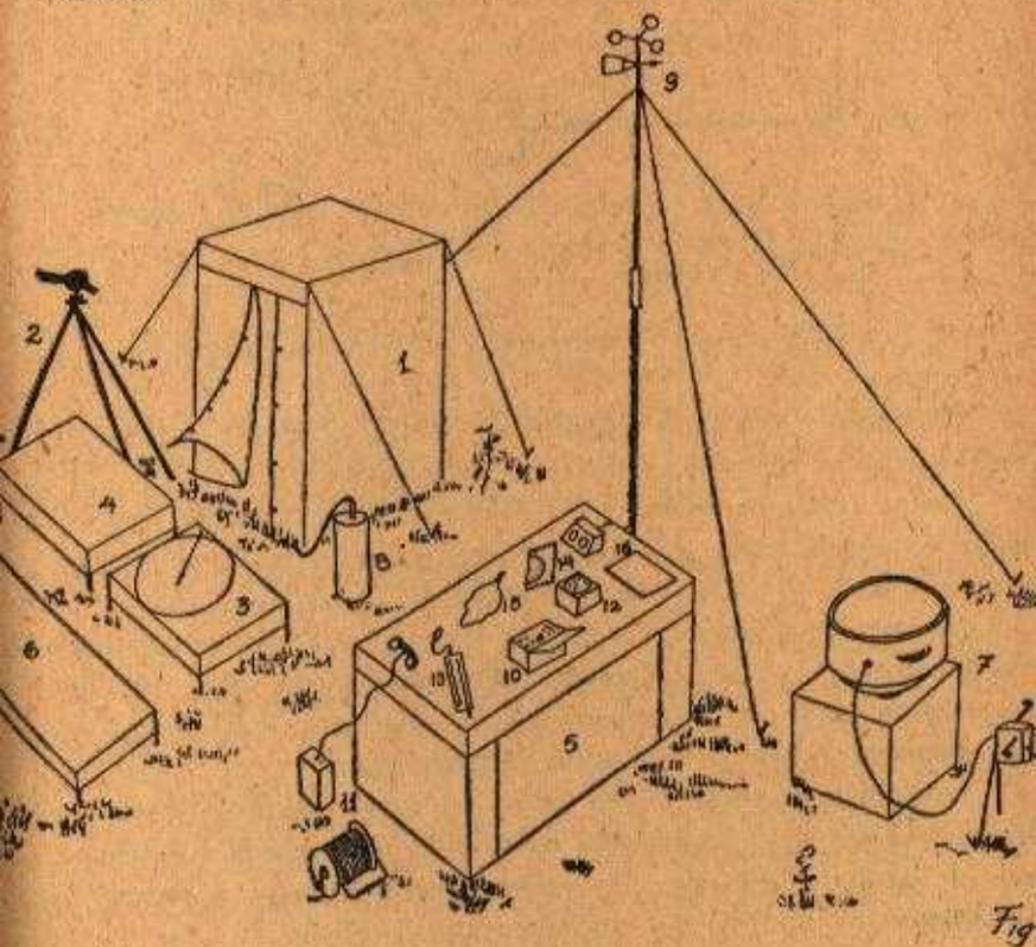
1. MATERIAL

O Pôsto Meteorológico de Campanha possui um equipamento simples, leve e facilmente transportável. Enumeraremos aqui os seus elementos principais, esquematizados na Fig. 1, a cuja numeração não reportaremos na lista do material:

- 1) — Abrigo de lona para enchimento do balão
- 2) — Teodolito
- 3) — Prancheta de levantamento do vento verdadeiro
- 4) — Prancheta de levantamento do vento balístico
- 5) — Mesa de trabalho
- 6) — Banco
- 7) — Projetor para sondagem noturna
- 8) — Gerador de hidrogênio para enchimento do balão
- 9) — Anemômetro e catavento

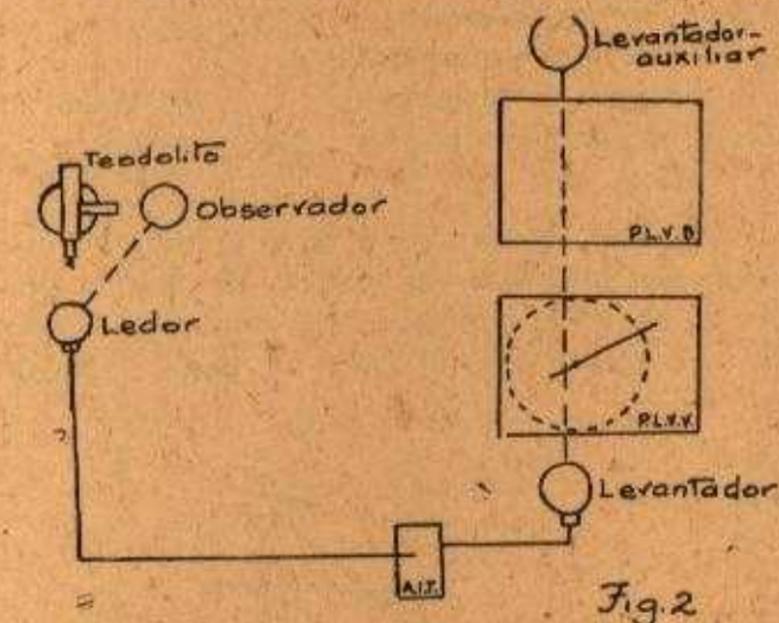
- 10) — Aparêlho de intervalo de tempo
- 11) — Telefone e bobina de cabo leve
- 12) — Barômetro
- 13) — Psicrômetro
- 14) — Transferidor-escala
- 15) — Balões para sondagem
- 16) — Manual de Meteorologia
- 17) — Material diverso como pilhas, expediente, pequenas peças, etc.

É interessante observar que o Pôsto é totalmente desmontável, e acondicionado em 5 caixas de madeira que poderão ser transportadas por 3 ou 4 homens. As caixas são construídas de modo a constituírem, após a montagem do Pôsto, as mesas e bancos para o trabalho.



2. FUNCIONAMENTO DO PÔSTO

A Fig. 2 exprime esquemáticamente o funcionamento do Pôsto Meteorológico durante a operação da sondagem.



Convenções:

Ligação a voz - - - - -

Telefônica —————

A guarnição normal é composta de 4 elementos com as seguintes funções:

Observador (cabo ou soldado) — Instala e orienta o teodolito, realiza a observação da ascensão do balão-piloto.

Ledor (cabo ou soldado) — Enche o balão. Durante a sondagem, lê, a cada toque do Aparêlho de Intervalo de Tempo, o azimute e o sítio do balão, transmitindo-os ao Levantador.

Levantador (Sargento Chefe do Pôsto) — É responsável pelo funcionamento do Pôsto. Executa o levantamento do vento verdadeiro e determina a pressão atmosférica, a temperatura e a umidade do ar. Prepara e envia a Mensagem Meteorológica.

Levantador-auxiliar (Cabo Sub-Chefe do Pôsto) — Instala e liga a Unidade de Transmissões constituída pelo Aparêlho de Intervalo de Tempo e telefones. Determina o vento balístico e secunda o Levantador no contrôlê do funcionamento do Pôsto.

A realização da sondagem aerológica compreende as seguintes operações:

- a) determinação do vento verdadeiro;
- b) determinação do vento balístico;
- c) execução das observações no sólo:
pressão atmosférica;
temperatura do ar;
umidade relativa do ar;
- d) determinação da densidade balística do ar;
- e) confecção e expedição da mensagem meteorológica.

IV — DETERMINAÇÃO DO VENTO VERDADEIRO

A determinação do vento verdadeiro é executada mediante a observação, por meio de um teodolito, da ascensão livre na atmosfera de um balão pilôto, cheio de hidrogênio. O enchimento desse balão é feito de modo que a sua velocidade ascensional seja de 200 m por minuto.

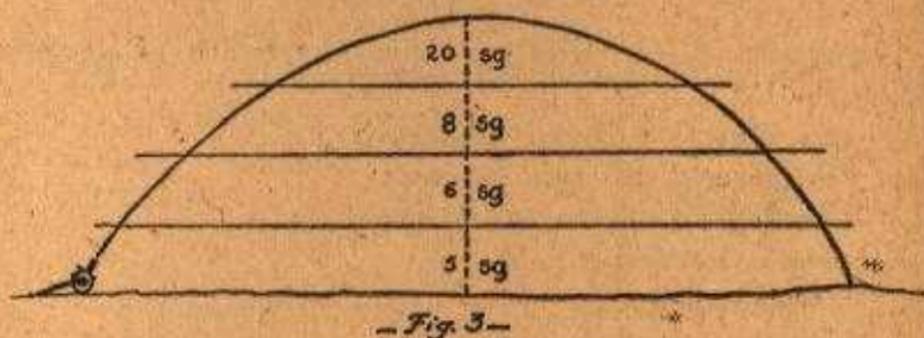
Nessas condições, de minuto em minuto, são feitas as determinações da direção (azimute) e do ângulo vertical (sítio) do balão.

Simultaneamente, sobre uma prancheta (prancheta de levantamento do vento verdadeiro) é obtida, mediante os valores referidos, a projeção horizontal da trajetória do balão no espaço.

Sobre esse levantamento pode-se determinar facilmente, pelo emprêgo de um transferidor-escala, a direção e a velocidade do vento verdadeiro nas sucessivas camadas atmosféricas.

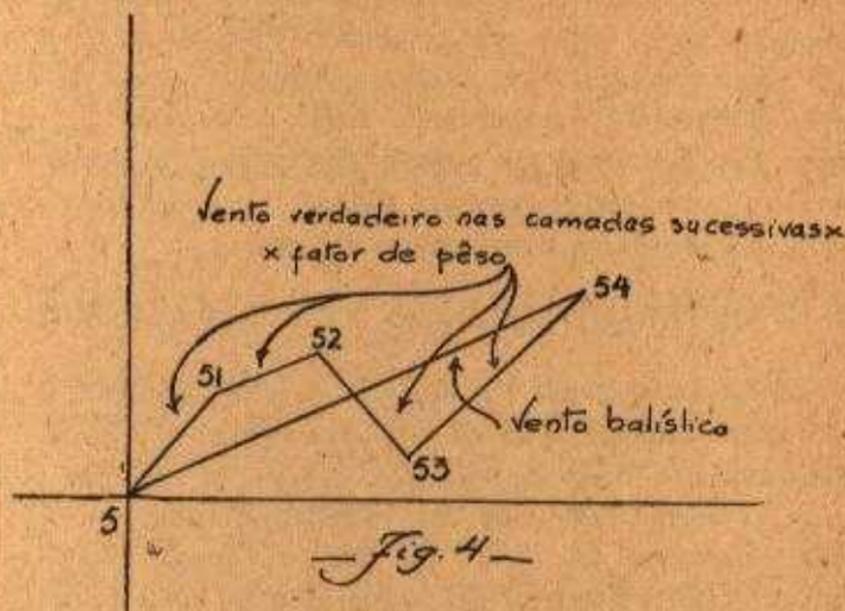
V — DETERMINAÇÃO DO VENTO BALÍSTICO

A razão da necessidade da obtenção do vento balístico é explicada, de modo evidente, pela simples observação da Fig. 3. Nela estão registradas, a título de exemplo, os tempos que um projétil gasta para percorrer cada uma das camadas atmosféricas. É perfeitamente nítido que um vento que age na camada superior tem muito maior influência que o da camada inferior em virtude da diversidade de tempo de permanência do projétil nas referidas camadas. É necessário pois, atribuir fatores de peso às diferentes camadas.



Foi verificado que tais fatores de pêso variam com o material e a munição. Na prática, entretanto, estabeleceram-se apenas duas relações de fatores de pêso, uma destinada aos materiais que atiram na faixa superior de trajetórias, como os obuseiros e morteiros, e outra para os materiais que atiram na faixa inferior, como os canhões e os obuseiros.

A determinação do vento balístico reduz-se, em consequência, a uma composição de vetores onde cada vetor componente representa o vento verdadeiro, em uma camada, multiplicado pelo respectivo fator de pêso, como está ilustrado na Fig. 4, numa determinação para a flecha 5.



Dêsse modo, ter-se-á para cada flecha-padrão, um vento balístico que representa um vento fictício de direção e velocidade cons-

ates e cujo efeito sobre o projétil seria a resultante de todos os fatores verdadeiros que agem sobre o mesmo em toda a sua trajetória.

A execução do levantamento do vento balístico é efetuada na plancheta de levantamento do vento balístico, com o auxílio do transformador-escala.

VI — OBSERVAÇÕES DO SOLO

Para completar os dados necessários à confecção da mensagem meteorológica, é necessário determinar os seguintes elementos obtidos por observações executadas no nível do Pôsto:

- 1.º — Pressão atmosférica — por intermédio de um barômetro,
- 2.º — Umidade relativa do ar — utilizando-se um psicrômetro nas respectivas tabelas.
- 3.º — Temperatura do ar — fornecida pelo termômetro seco do citado psicrômetro.
- 4.º — Densidade do ar no solo — obtida em tabelas em função dos valores da temperatura, pressão atmosférica e umidade relativa do ar.
- 5.º — Vento no solo — cuja direção é fornecida por um cata-vento e cuja velocidade pode ser medida por um anemômetro.

VII — DETERMINAÇÃO DA DENSIDADE BALÍSTICA DO AR

Assim como há necessidade de determinar o vento balístico, semelhantemente faz-se preciso conhecer a densidade balística do ar para as diferentes flechas-padrões.

Tabelas de emprêgo muito simples fornecem, em função da densidade do ar no solo, o valor das densidades balísticas do ar (Vide Manual de Meteorologia da E. A. C.).

VIII — MENSAGEM METEOROLÓGICA

A Mensagem Meteorológica é confeccionada para a difusão dos elementos aerológicos determinados nas sondagens. É enviada, no mais curto prazo, às unidades interessadas por intermédio do escalão superior.

O nosso I.G.T.A. consigna o processo de redação da mensagem (n.º 73). Entretanto, a tendência atual é para a adoção do tipo de mensagem preconizado nos regulamentos americanos visto que o boletim de sondagem adotado em nossos regulamentos ainda não discrimina as densidades balísticas do ar. Passamos à descrição do processo americano de redação.

Existem dois tipos de mensagem: O tipo 2, destinado às estações que atiram na faixa superior de trajetórias, e o tipo 3 para as que atiram na faixa inferior. O texto de ambas obedecem porém a um padrão comum.

A primeira linha da mensagem consta de seis letras, a segunda de 5 algarismos. Seguem-se 12 grupos de 7 algarismos. Exemplo:

MABMAB —

3 1 5 2 5 - -

0 1 2 0 8 8 6

1 1 2 0 9 8 6

2 1 3 0 9 8 6

3 1 4 0 8 8 7

4 1 5 0 9 8 7

5 1 7 1 0 8 7

6 1 7 1 0 8 8

7 1 6 1 1 8 8

8 2 0 0 9 8 9

9 1 8 1 0 8 9

0 2 1 1 1 9 0

1 2 3 1 0 9 1

As seis letras da primeira linha representam o indicativo do Posto Meteorológico (MAB no exemplo) repetido uma vez.

A segunda linha indica:

1.º algarismo — o tipo da mensagem (2 ou 3).

2.º e 3.º algarismos — altitude do Posto em decâmetros (no exemplo em questão: 150 m).

4.º e 5.º algarismos — temperatura do ar em graus centígrados (no exemplo 25º C). Quando esta é inferior a 0º C, soma-se 50 a valor absoluto da mesma. Assim 54 representa — 4º C.

As 12 linhas restantes obedecem à seguinte convenção:

1.º algarismo (0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 0, 1) indica o número da flecha-padrão (0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11).

2.º e 3.º algarismos — exprimem o azimute do vento em centésimas de milésimos.

4.º e 5.º algarismos — representam a velocidade do vento em metros por segundo.

6.º e 7.º algarismos — indicam a densidade balística do ar em %. Quando esta excede de 99% é representada pelos dois algarismos finais. Assim 06 representa 106 %.

A falta de qualquer dado é na mensagem indicada pela letra X que substitui o elemento não determinado. Exemplo: 5XXXX02.

IX — VALIDADE DA MENSAGEM METEOROLÓGICA

Em condições estáveis admite-se um prazo de 3 horas para validade dos elementos obtidos em determinada sondagem. As variações bruscas do estado atmosférico podem restringir muito o valor desse limite. Nessas condições, durante os períodos de ação, as mensagens meteorológicas devem ser expedidas com um espaçamento máximo de 3 horas.

Os dados obtidos na sondagem podem ser aplicados, desde que não existam zonas de regime evidentemente heterogêneo, num raio de 30 km. Entretanto para flechas inferiores a 300 m, as observações devem ser feitas o mais próximo possível das posições de tiro.

Relato da Atuação da F. E. B. no Teatro de Operações da Itália

CAPÍTULO IV (*)

OFENSIVA DA PRIMAVERA

(Mj. NELSON R. CARVALHO)

A roçada das unidades brasileiras do Reno para o Panaro (vertentes do divisor de águas), se processou de maneira descontínua, progressiva, dada a feição das operações no Reno e à nova missão da D.I.E. no Panaro. Exigiu continuados e cuidadosos reajustamentos de dispositivos e deslocamentos rápidos da tropa, para permitir a arrancada da 10ª Divisão de Montanha no rumo de nordeste e na qual a cobertura agressiva de sua linha de comunicações foi, inicialmente, a idéia diretriz das operações brasileiras.

Em Abril, nos albores da Primavera, o Generalíssimo Alexander baixou singela e expressiva ordem do dia concitando as forças do Teatro de Operações da Itália a um esforço decisivo pela vitória final — esforço que “não seria um passeio, pois o animal ferido, embora mortalmente, ainda podia ser muito perigoso”. Por sua vez, o Gen. Mascarenhas completou — “Este é o último esforço que o Brasil espera de nós, pela Vitória Final. Avante!” Tais proclamações prenunciavam o conjunto de operações denominado Ofensiva da Primavera que iria culminar com a rendição incondicional das forças nazi-facistas da Itália.

O último daqueles reajustamentos de dispositivo vai pois encontrar a Divisão Brasileira face ao Panaro, com uma frente que se estendera das encostas SW de Torraccia a Sassomolare

(*) Continuação do n.º anterior).

e mais a leste, em pleno domínio da penetrante Gaggio Montan — Abetáia — Castel D'Aiano, e enquadrada a oeste pelo 371 Regimento Americano e a leste pela 10ª Divisão de Montanha.

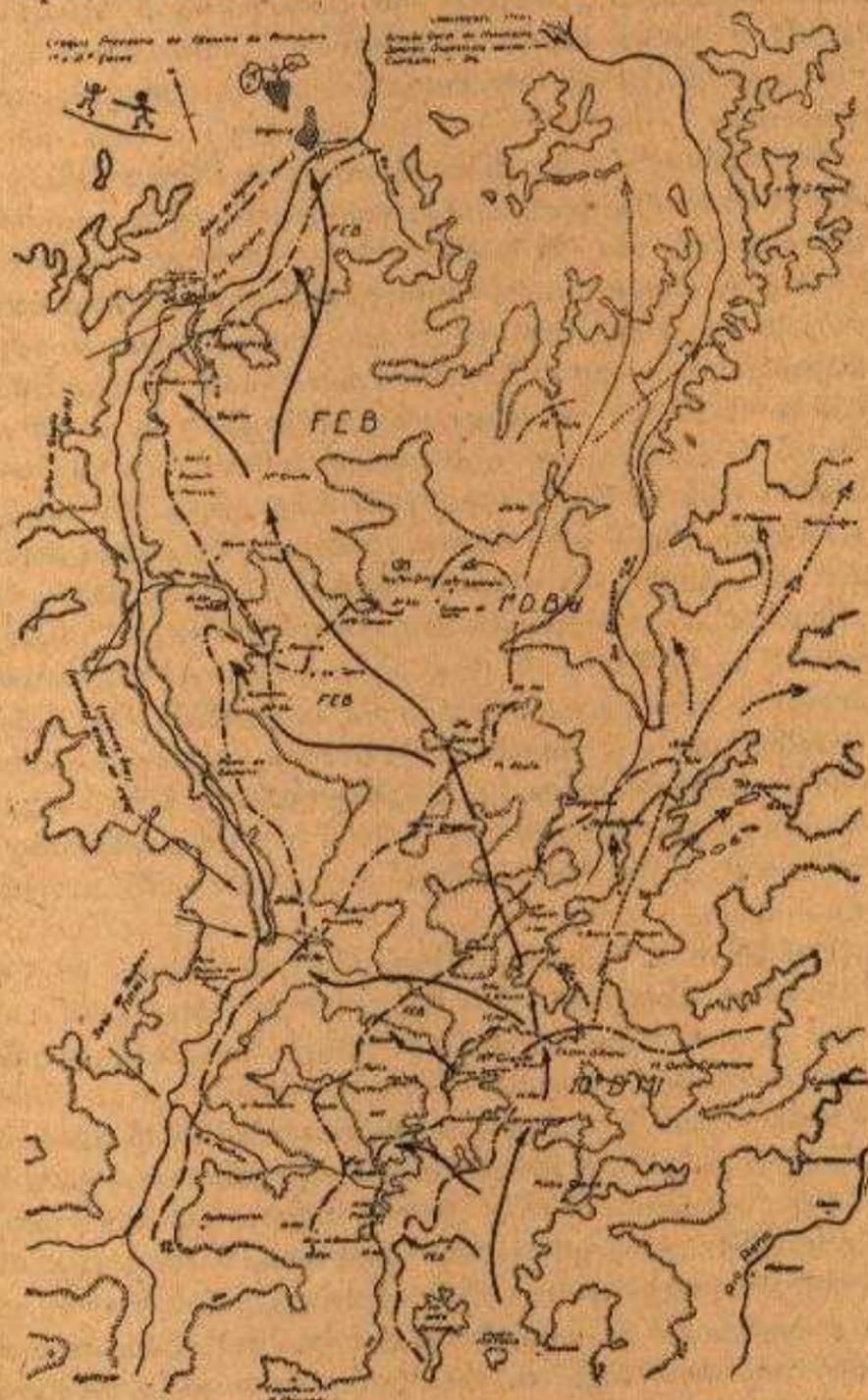
O terreno é ainda o plateau divisor Panaro — Reno, que das elevações ao norte de Castel D'Aiano, fendido pelo corte do Sommogio (afluente do Reno) se bifurca, rumando para o norte e para nordeste. O ramo norte, serpenteado por uma penetrante que vai dar em Vignola (a sudeste de Módena, no vale do Pó), constitui, depois da abertura e 1ª fase da Ofensiva da Primavera (Montese), o eixo pelo qual a D.I.E. conduziu a "exploração do êxito" (2ª fase), sobre uma retirada ainda organizada do inimigo, a apresentar os combates mais importantes de Zoca e Marano sul Panaro. O rio Panaro, na época um tímido curso d'água a abrir caminho por uma esteira de seixos rolados, apresenta algumas passagens organizadas, pelas quais é transposto pelas transversais que põem em comunicação a Rota 64 com a Rota 12 (esta vinda de Lucca), ou pelas ligações de suas estradas marginais, de interêsse local. Tais passagens são, principalmente, a da transversal Marano (64) — Montese — Pavulo (12); a ponte de Samone, vau da região de Rocetta; pontes de Marano sul Panaro e Vignola.

O inimigo apresentava já resistências descontínuas, mantendo, porém, a leste do Panaro, pontos fortes que tinham que ser reduzidos, por isso que ameaçavam, de um lado, as comunicações e o flanco oeste da 10ª de Montanha (depois, da Divisão Blindada), e de outro, impediam a progressão franca dos brasileiros para o norte.

Missão, terreno e inimigo imprimiam, pois, original execução às operações da D.I.E., aparentemente contraditórias: cobertura (defensiva) e progressão (ofensiva). Reduzidos, porém, aqueles pontos fortes, barradas as passagens assinaladas do Panaro, uma judiciosa "economia de forças" iria permitir a conciliação do desdobramento aparente da missão, o que foi feito com seguro êxito.

Na reunião em que o Gen. Truscott (IV Corpo) discutiu os planos desta Ofensiva da Primavera, o Cmt. da 10ª Divisão de Montanha consultou o Gen. Mascarenhas sobre a possibilidade

os brasileiros eliminarem as alturas do massiço de Montese, que espiavam atrevidamente para a zona de ataque dos ameri-



Croquis Provisório da Ofensiva da Primavera — 1.º e 2.º fâses

canos. A resposta, positiva, não se fez esperar, com satisfação geral das autoridades americanas. Daí o ataque de Montese primeiro daqueles pontos fortes, localizado na região Montelo — Cota 927 — 888 e cobria o acesso ao Panaro (Rota 127) já no flanco da 10ª de Montanha, que deveria progredir para nordeste.

Foi Montese a abertura da Ofensiva da Primavera. O dispositivo divisionário para este ataque compreendeu, reajustado primeiramente, um Sub-setor do Regimento Tiradentes (11º R.I.), a que coube o esforço principal do ataque; um quartelão do II Batalhão (R.S.), encarregado da cobertura do flanco do ataque do R.T., e um outro quartelão, do III Batalhão do R.S., em prolongamento e ligação com a 10ª. A artilharia de apoio assim se distribuiu: I Grupo ao Regimento Tiradentes e ao II/R.S.; e em ação de conjunto Bias do II do III Grupo e todo o IV Grupo (poderosa, essa ação de conjunto, contrastando com o apoio, normal). A Engenharia dispôs uma Cia. no sub-setor do Regimento Tiradentes; 1 Cia. no quartelão do II/R.S. e 1 Cia. de reserva. As transmissões reforçaram o eixo do ataque. Reserva da D.I.E. o 6º R.I. um Batalhão (I) e o Esquadrão de Reconhecimento, em condições de prolongar o flanco norte (progressão da 10ª) ou intervir no ataque de Montese. O P.C. avançado da Divisão justapôs ao P.O. em Sasso molare, donde o Gen. Mascarenhas dirigiu o ataque.

O objetivo a conquistar demorava nas alturas de Cota 927 Montello, Cota 888, um triângulo de observatórios excelentes. Como “ante-câmara”, as alturas de Montese, a é ligado, Serreto e Paravento.

O ataque em si comportou um reconhecimento agressivo inicial, sobre as alturas médias intermediárias entre a base de partida e o primeiro objetivo, (ante-câmara), com fortes patrulhas reforçadas com equipes de “caça-minas” (eng.), a que uma violenta e massiça ação de artilharia procurou dar ao inimigo a impressão do verdadeiro ataque. E embora reagissem energicamente com fogos de infantaria, morteiros e artilharia sobre a base e sobre as patrulhas, estas, apesar dos campos m

nados, às 13 horas de 14 de Abril ocuparam Casone, Il Cerro, Possessione e Cota 745 (as alturas médias a que nos referimos).

Realizado com êxito este "ataque cortina", ia se desenvolver a ação principal, sobre Montese, Serreto e Paravento, "ante-câmara" e 1º objetivo. Meia hora depois, sob violenta preparação de nossa artilharia, o Regimento Tiradentes lança o seu III Batalhão ao ataque, cobrindo-o, a esquerda, com o I, e tendo a direita o II/R.S., enquanto tanques americanos, em destacada atuação, buscavam abrir o caminho de Serreto. Uma Cia. de Morteiros Químicos, americana, ora mascarava as posições atingidas com densa cortina de fumaça, ora batia com fumígenos as posições dos alemães. E assim, às 15,15 num lance audacioso de um Pelotão, Montese é conquistada, extendendo-se a conquista a Serreto e imediações de Paravento, por todo o Regimento Tiradentes, enquanto que no flanco direito o II/R.S., pouco além de Possessione, conquistava, duramente, Cá di Bertolino. O inimigo, reagindo tenazmente, castiga com violência desusada as posições que abandonara e ora em poder dos brasileiros, com artilharia e morteiros. Em Montese lutava-se ainda, em ações de limpeza. O III/6º R.I. é então dirigido para aquela Vila, para ultimá-las. Com a caída da noite, encerrou-se a "primeira jornada de Montese". E se Montello, Monte Buffoni e 888 não tinham sido conquistados, a conquista de Montese, baluarte daquele triângulo, compensava já o esforço da jornada.

A 10ª Divisão de Montanha, por sua vez, pouco progredira. Para o dia seguinte, 15, reforçou-se o apoio direto do Regimento Tiradentes (I e III Grupos) e se prossegue o ataque. Reage com violência e precisão ainda maiores a artilharia e os morteiros inimigos, registrando-se, nesse dia, o recorde de impactos contra a Divisão Brasileira em toda a Campanha da Itália. Explosão de minas e fogos ajustados de infantaria e os duelos da artilharia brasileira, completavam esta "visão do inferno" em Montese. As 11.45, Montebuffone (vila) já nas subidas da Cota 927, e a Cota 778 (Paravento) são ocupadas sob tenaz resistência, e em fim de jornada, Paravento, cai também, sendo confusa a situação ao norte de Serreto. Como na véspera, a ação

principal esteve a cargo do III Batalhão do Regimento Tiradentes, coberto, a leste, pelo II/R.S. O vetusto casario de Montello (vila) é destruído pelos tanques americanos. A luta vai além das 18 horas (já escuro), tendo uma Cia. do III/R.T., numa arrancada épica, desbordado a Cota 927, sendo imobilizada afinal no colo entre esta Cota 927 e Montello (altura). Montese é bombardeada seguidamente. Luta-se pela noite a dentro. Aos 3.200 tiros, nossa artilharia respondeu com 9.660. Eles também provaram o seu inferno...

Para a "3.^a jornada", forte reserva é acionada em revigoração do ataque, de véspera. O 6.^o Regimento a dois Batalhões (II e III) entra em linha, na região de Serreto, entre o R. Tiradentes e o II/R.S., substituindo, porém, o III/R.T. que tanto êxito conseguira já, mas cujas baixas e estafa, nesses dois dias, reduziram-lhe o efetivo. Por outro lado, a progressão do grosso da 10.^a, obrigou a entrada em linha do I/R.S. (por substituição de elementos da mesma 10.^a, assim liberados), ficando a D. Br com um só Batalhão de reserva, fosse para explorar o êxito até as margens do Panaro, fosse para se aproximar de Zocca (progressão da 10.^a). Pelas três da madrugada, "a Cia. ousada" retrai-se do côlo, sob fortes concentrações de 88, não sem antes ter repellido dois golpes de mão que os tedescos lhe desfecharam. E durante a jornada, enquanto os elementos do R.T. melhoravam as posições, o III/6.^o Regimento, dividido por poderoso bombardeio inimigo, ficou com uma parte detida na própria linha de partida, e embora a outra parte partisse à conquista da Cota 927, esbarrou nos campos minados que a circundavam sem poder prosseguir. Três vezes desarticulado o seu dispositivo, o "III.^o" não conseguiu, também, êxito, enquanto que o II/6.^o R. apenas ponde entrar em linha (II Cerro). O 6.^o Regimento recebe, apesar de tudo, ordem de se manter em condições de prosseguir no ataque.

O IV Corpo, porém, considerando que esta enérgica diversão brasileira permitira a 10.^a um avanço substancial para nordeste, determina, a 17 "manter as posições atingidas" suspendendo assim, o ataque final, prestes a partir.

A conquista de Montese, feito que empolgou o Comando Americano, foi o bastante para comprometer as vistas do inimigo sobre a zona de ataque da 10ª Divisão de Montanha, e a ameaça permanente dos brasileiros sobre o triângulo 927 Montello — 888, atraindo as reservas inimigas, possibilitou a arrancada dos montanheses. Embora fosse, pois, uma vitória inacabada, por desnecessária, sobre ser Montese o mais duro êxito tático dos brasileiros na campanha da Itália, teve grande significação para abertura vitoriosa da Ofensiva da Primavera do IV Corpo.

Eliminado afinal o ponto forte, consequência da progressão da 10ª Divisão de Montanha, ainda o Regimento Tiradentes, o Esq. Rec. e a Eng. procederam a imediata limpeza e exploração das restantes minadas margens E. do Panaro, na região. Ainda nossa Eng. em poucas horas, entregava ao tráfego militar, limpa de minas e desobstruída, a transversal Canevaccia-Montese. Com essa conquista, a D.I.E. reajustou uma vez mais o seu dispositivo, soldando-o (no triângulo de alturas Castel D'Aiano-Vila D'Aiano-Bocca di Ravari), aos objetivos atingidos pela 10ª D. Montanha em 16 de Abril. Surgiu assim o Setor de Montese (entre os rios S. Martino e Rivella), o primeiro de uma série de quatro outros de cobertura, ao longo da progressão simultânea da D.I.E. para o N., até Vignola.

A esta altura, fendido pelo leito do Scommoggio, o plateau se bifurca e sua ação dissociadora vai dar novos rumos à D.I.E. e à 10ª D. Montanha, orientando o IV Corpo a sua ofensiva Bolonha, na direção de Tolé-Mte. Moscoso-Mte. S. Pietro. Abriu-se uma larga brecha e para ela foi roçada a I D. Blindada. Por outro lado, a ameaça da intervenção de uma G. U. inimiga, tangida do setor litorâneo (La Spezia) e a assinalada presença de tropas importantes em Zoca, fizeram crescer de importância a cobertura do flanco W. (D.I.E.) do IV Corpo.

Aqui a I D.I.E. montou nova e interessante manobra. Guarnecido o setor de Montese com o II R.I., o Regimento Sampaio foi levado para um segundo setor de cobertura, Sampaio (entre os rios Rivella e Valecchie), e o 6º R.I. (passando por Zoca) para o Setor de Giuglia (rios Valecchie e Spinella).

Cobriu-se a operação com o Esq. Rec. pela marginal E. do Panaro e por um Esq. Rec. Am., por W. Em consequência da progressão, o 371 R.I. americano substituiu no Setor de Montese o II R.I., que o guarnecia, para que êsse Regimento fôsse lançado sôbre Giuglia e Marano, onde foi constituir o quarto último Setor de cobertura, o de Vignola (entre os rios Spinella e Orze). E se a concepção da manobra esteve à altura dos acontecimentos, sua execução nada deixou a desejar, apesar das ações complementares de limpeza que exigiu (nas margens E. do Panaro), levantamento de minas e desobstrução de estradas. As margens W. do Panaro foram igualmente sondadas. E em Zoca, tornou-se mesmo necessário montar um ataque à uma resistência nesse ponto forte, onde o inimigo empregou, artilharia, armas automáticas e morteiros. O ataque foi executado pelo 6º R.I., o flanco coberto pelo I (Sampaio) e contou com forte apoio de Artilharia. Daí por diante, acentuou-se a destruição sistemática a que o inimigo sempre procedeu, exigindo intenso



MONTESE — Abertura da ofensiva da primavera — A artilharia Divisória reduziu a escombros a famosa cidadela alemã.

trabalho de nossa Engenharia. Igualmente em Marano Sul Panaro, o nosso Esq. Rec., para cruzar o rio, teve que se empenhar; sofreu baixas, mas fez prisioneiros.

Por fim, numa última arrancada, constituído o quarto e último Setor de Cobertura (o de Vignola), a D.I.E. atingiu as próprias orlas da cidade de Vignola, que a seguir limpou do inimigo e ocupou, com os "partigiani" da região.

Atingido a "encruzilhada da F.E.B." (Vignola), a Div. Brasileira rumou pelo Sul da Via Emilia, para o golpe final. Pouco mais de uma semana se passara desde o início da Ofensiva da Primavera.

CAPÍTULO VII

A RENDIÇÃO FINAL

Para a Ofensiva da Primavera, em que Bolonha foi inicialmente o grande objetivo militar, o V Exército engajou o II Corpo no eixo da Rota 65 (Prato-Bolonha), quase ao mesmo tempo que o IV Corpo era lançado pelas alturas a cavaleiro do Reno-Panaro. No litoral, a 92 D.I. Am. assinalava êxitos sucessivos sobre La Spezia. Por sua vez, o 8º Exército martelava às portas do grande centro militar em que os nazi-facistas apoiavam suas operações na Itália.

A 10ª Div. de Montanha e a I Div. Blindada, com a queda de Bolonha, deslocaram-se, céleres, para o N., buscando cortar as passagens do Pó ao inimigo derrotado, no rumo do N. (Verona-Brennero). Esta operação do V Exército, combinada com manobras similares do 8º Exército no seu setor, cortariam a retirada do inimigo, cerca-lo-ia e o forçaria à rendição.

Montagem idêntica levou o Comando do V Exército e o do IV Corpo ao emprêgo da 34ª D.I. do II Corpo ao longo da Via Emilia, com a missão de barrar às restantes forças inimigas, já batidas no litoral (La Spezia), a retirada para o Pó, segundo os eixos que, cortando aquela Via no trecho Modena-Placenza, cruzam o grande rio em busca do Norte da Península. Eventualmente, deveria impedir qualquer tentativa inimiga de reforçar a margem S. do Pó (possível cobertura de retirada).

A D.I.E., em particular, coube a missão de deslocar-se rapidamente para N.W., avizinhandose da calha do Pó, fôsse para soldar-se à 34ª D. Am. (no seu flanco direito e pela Via Emilia), fôsse para impedir a transferência de forças inimigas do S. para o N. do rio (posteriormente, e a partir de Placenza, também do N. para o S.). Sua execução, coroada de pleno êxito embora, exigiu um trabalho insano de E.M., para perfeita coordenação do movimento com a parte defensiva da missão, já que o transporte motorizado disponível, todo êle orgânico e para satisfação de necessidades imediatas de vida e de combate, era inferior aos imperativos da parte ofensiva da missão, numa situação tática como a que se apresentava (a art. div. cooperou eficazmente na solução). (1) Por outro lado, foi de grande valia para as relações de comando, nesta fase de rapidez e grandes lanços, o emprêgo das Transmissões (na F.E.B. operando como Arma, como no Exército do EE.UU.), cujo esforço principal passou a se exercer sôbre a utilização intensiva do rádio, desde Montese.

O inimigo, cuja tessitura defensiva, dos Apêninios ao Pó, vinha de ser rompida em seus esteios fundamentais, entrava em franca desorganização, abalado, ademais, pelos sucessos aliados nas frentes oriental e ocidental.

O terreno, era a rica, fértil e bem traçada planície padana, ao S. do grande rio, no trecho Moderna-Placenza, depois, Voghera-Tortona, Alessandria. O Pó chegou a ser atravessado por unidades da D.I.E.

Na execução de sua missão, a partir de Vignola, a Div Brasileira, pelos eixos do S. e paralelos à Via Emilia, progrediu rapidamente para NW., com soldagens sucessivas a 34ª D.I. Am., no seu flanco direito, cobrindo-se, por sua vez, face aos eixos vindos do S., em ações de limpeza, cobertura e perseguição.

Dêsse modo, nas jornadas de 25 e 26 de Abril, sua vanguarda atingiu o rio Taro (que passa por Parma) e aí entrou

(1) A decisão da Requisição dos Transportes da Art. em benefício da perseguição pela Inf. foi digna e consagrada de um grande General, possibilitando o cerco e rendição da 148ª D Nazista.

em contato com a vanguarda dos restos de uma D. facista, dos remanescentes de uma D. Panzer e do grosso da 148 D. nazista, que batidas, se retiravam do litoral, buscando passar o Pó e ganhar o norte da Península. Atacada na região de Colecchio, reagiu a vanguarda nazi-facista às primeiras investidas da vanguarda brasileira (Esc. Rec., II/II R.I. e 2ª e 8ª/6 R.I. e Sec Eng/9. B.E.) que a cortou de seu grosso, na região de



Atividades da nossa engenharia — Ponte tipo Bailey (26 pés, D.S., contínua em 4 lanças, classe 40), construída sobre o Rio Pó, nas imediações da Piacenza.

Fornovo, enquanto a Esq/F.A.B. vigiava o campo de batalha. A convergência de novas forças, numa feliz manobra divisória, (6 R.I., 2ª III/Grupo e 3ª/IV Grupo e II R.I. em cobertura e bloqueio, a E.) abalou então o moral já combalido do inimigo, que evidentemente ignorava o que se passava na Via Emilia. Daí o "ultimatum" do Cmt. do 6 R.I., que fora investido no comando da execução daquela manobra, ao Comando da tropa sitiada na região de Fornovo-Respiccio: "Para poupar sacrifícios inúteis de vidas, intimo-vos a render-vos incondicionalmente ao Comando das tropas regulares do Exér-

cito Brasileiro, que estão prontas para vos atacar. Estais completamente cercados e impossibilitados de qualquer retirada. Quem vos intima é o Comandante da Vanguarda Brasileira que vos cerca. Aguardo dentro do prazo de duas horas a resposta do presente ultimatum". (A) Cel. Nelson de Mello. Pelo Mj. Kuhn veio firmada a contestação alemã: "Depois de receber instruções do comando superior seguirá resposta."

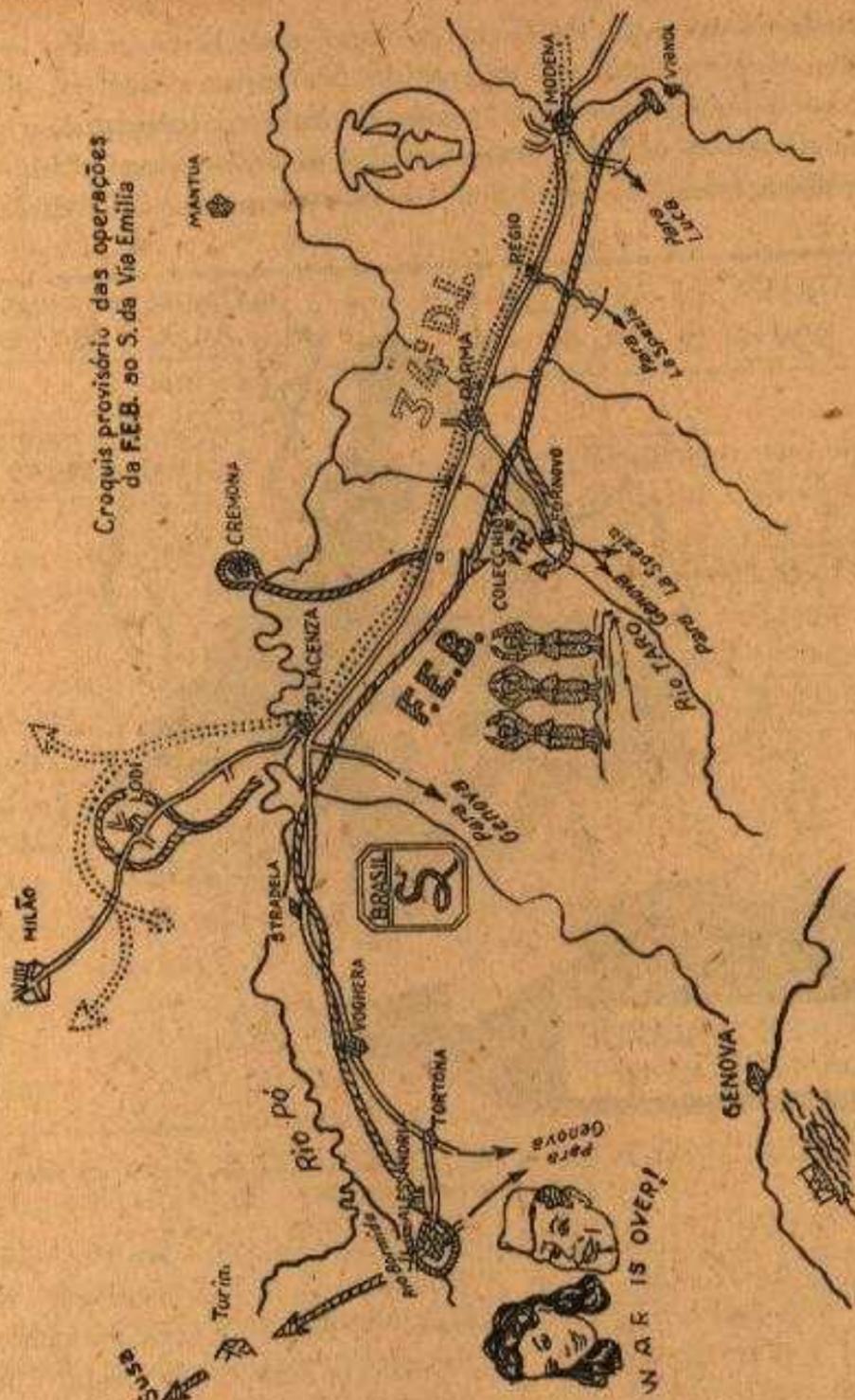
Assim, às 00 horas de 28 de Abril, apresentaram-se no P.C. do Cmt. do 6 R.I., três oficiais da 148 D.I. alemã, inclusive o próprio Chefe de seu E.M., onde exibiram credenciais em nome do Ten. Gen. Cmt. da D. nazista. Pelo Gen. Cmt. da D. brasileira fizeram-se presentes seu chefe de E.M., Cel. Lima Brayner, e o Chefe de sua G-3 (3ª Secção), o Ten. Cel. Castelo Branco. A esses, os parlamentários confessaram a incapacidade de prosseguir na luta e a decisão deliberada de seu Chefe de render-se ao Comando das Forças Brasileiras.

As memoráveis jornadas de 28 e 29 de Abril assistiram, em consequência, ao espetacular episódio militar da rendição dos restos da D. Itália e dos remanescentes da 90ª D. Panzer Granadier, bem como do grosso da 148 D.I. Alemã, com toda a sua impedimenta de guerra, entregando-se pessoal e separadamente, ao Cmt. da F.E.B., o Gen. Mario Carloni, facista, e o Ten. Gen. Fretter Pico, nazista. Ambos foram escoltados e entregues ao Q.G. do V Exército, em Florença, pelos Gens. Zenobio da Costa e Olimpio Falconieri, respectivamente.

Simultaneamente, outras forças brasileiras atingiram Placenza, soldando-se e substituindo aí elementos da 34ª D.I. Am. Transpuzeram e patrulharam além do Pó (1 de Maio, ocupando Lodi e Cremona, III/Regimento Sampaio e II/R. Tiradentes respectivamente).

Enquanto isto, outras Unidades brasileiras, inclusive o Esq. Rec., rapidamente e pelo S., alcançavam Alessandria (30 de Abril), onde se ligaram a elementos americanos procedentes de Gênova, completando, dêsse modo, o cêrco do inimigo, das Montanhas para o S. Pouco depois, a 3 de Maio, ocorreu a ren-

Croquis provisório das operações da F.E.B. ao S. da Via Emilia



dição incondicional de tôdas as forças nazi-facistas no Teatro de Operações da Itália, não sem que a D.I.E. participasse

ainda da ocupação de Torino, (*) por onde se procurava cercar uma G.U. alemã, proveniente da fronteira da França. Reassava-se pouco depois, na região de Susa, a ligação de tropas brasileiras com forças francesas, descidas dos Alpes. Milão foi também simbolicamente ocupada por elementos brasileiros.



Esta a nossa contribuição: a corajosa declaração de guerra no auge da expansão alemã

A F.E.B. reagrupou-se, então, ao longo do eixo Placenza Voghera-Alessandria, com a missão de guardar instalações de toda a ordem, ainda necessárias ao V Exército. (Grupamentos I, 6 e II, sob os cmds. dos Generais Zenobio da Costa, Cor...

(*) — O Gen. Cordeiro de Farias, Cmt. da Art. Div., foi o primeiro chefe a entrar em Torino, num "jeep", sem escolta, adiantando-se, audaciosamente, às forças brasileiras e aliadas de reconhecimento.

deiro de Farias e Olimpio Falconieri). Daí se deslocaria (Junho de 45) para a Área de Estacionamento de Francolise (N. de Napoli) onde aguardaria o seu reembarque para o Brasil.

Registre-se a coincidência histórico militar: em sua última missão, a I D.I.E. pisou terras que testemunharam altos feitos de Aníbal, Cesar e Napoleão!

CAPITULO VIII

ESTATÍSTICA E RESULTADOS

Balanço final das operações da F.E.B. dados conhecidos até a impressão deste resumo histórico: A 1ª D.I.E., às vésperas da rendição nazi-facista (mapa diário de 30 de Abril de 45), contava com um efetivo global de 14.822 homens (891 oficiais, 1.975 sub-tenentes e sargentos, 11.956 cabos e soldados). Em termos médios, êsse efetivo oscilou pelos 15.000 homens. Pelo mesmo mapa, existiam no Depósito do Pessoal, 5.883 homens (351 oficiais, 558 subten. e sargentos, 4.974 cabos e soldados). Sua movimentação média, porém, foi da ordem de 7.500 homens. Havia, além disso, organizações de base peninsular e outros órgãos não divisionários, para as ligações de serviço e funcionamento com as autoridades norte americanas.

A penetração da D.I.E em território italiano se pode estimar em 750 kms., sendo inúmeras as cidades liberadas, em extensas regiões da Toscana, Emilia, Lombardia e Piemonte. Seus feitos mais notáveis foram Mte. Prano e Barga (Dest. F.E.B.); Monte Castelo (o mais emocionante, com os contra-ataques de La Serra); Soprassasso-Castelnuovo; a difícil conquista de Montese; a espetacular rendição do rio Taro e as passagens do Pó, com meios de fortuna, em franca perseguição. O número de prisioneiros ascendeu à casa dos 20.000, sendo estimável a quantidade de material bélico apreendido ao inimigo. Nossas baixas em ação: desaparecidos, 48, dos quais 27 recuperados depois de cessação das hostilidades (prisioneiros): 1.513 feridos e 432 mortos (11 oficiais e 421 praças). Além disso, perto de 1.500 citações de combate e cerca de 1.000 condecora-

rações, atestam bem o valor com que se bateu a nossa gente, em tão curto praso.

A contribuição a vitória foi, inquestionavelmente, o grande mérito da expedição. E é como resultante de muitos esforços em diferentes setores, que ela deve ser vista, no esforço de guerra do Brasil. Assim, a F.E.B. é uma síntese: da vontade do povo brasileiro de fazer a guerra; dos primeiros entendimentos entre os representantes dos governos brasileiro e americano; dos trabalhos de preparação, nos gabinetes; da convocação e sele-



A ESPETACULAR RENDIÇÃO DE GOLECHIO — Dois Generais inimigos, suas divisões e todo equipamento de guerra cãem nas mãos Fôrça Expedicionária Brasileira, em consequência da manobra do Rio Faro.

o do pessoal; do aprestamento bélico, do noticiário da Imprensa, Foto e Rádio. Organizada a F.E.B., vieram o treinamento, a viagem e a entrada em ação. E se a vitória colimou esforços das diferentes armas na batalha (inclusive da Esq. Ligação e Observação, da F.A.B., que lhe foi incorporada), que considerar os estafantes trabalhos diuturnos do Serviço Intendência; a assistência desvelada do Serviço de Saúde; a ação do Serviço de Material Bélico pelo remunciação e conservação do armamento e viaturas; a cooperação da Polícia Militar, na manutenção da ordem, serviços de guarda, momento militar das estradas; a contribuição dos alpinistas italianos na fase da luta nas montanhas; o zelo do Serviço de Justiça pelo bom nome do Exército e do Brasil; a cooperação do Serviço Especial, no conforto e humor do pracinha e do Serviço Religioso, na assistência moral e religiosa; a regularidade e precisão dos trabalhos do Serviço de Fundos e Agências do Banco do Brasil; os perfeitos serviços de Base e Ligação; do Serviço Postal, pela rápida entrega da correspondência; enfim, os Órgãos não Divisionários, onde a tarefa realizada pelo Departamento do Pessoal, em Stafoli, foi de interesse militar mais próximo.

A F.E.B. foi, realmente, uma síntese: de cooperação, cumprimento do dever e boa vontade, do Brasil à Itália, aureolada de sadio patriotismo!

Paralelamente ao resultado imediato da contribuição à vitória, acrescenta-se um mais intenso conhecimento das cousas do Brasil, proporcionado pelas relações dos nossos expedicionários com o meio civil (embaixadores de verde oliva...); e também, nos círculos militares aliados, inglês e americano principalmente, decorrente da camaradagem militar que sempre reinou. Resistiu-se ainda, o trabalho subsidiário de propaganda do Brasil na retaguarda, realizado pelo Serviço Especial da Divisão, Agências do Banco do Brasil e pelos Serviços de Ligação e Base, em Florença, Livorno, Roma e Nápoles. Por ultimo, os correspondentes de guerra, divulgando nossos feitos, prestaram um bom serviço ao Brasil.

Em verdade, porém, se divulgamos, também aprendemos, e o Exército, dum ponto de vista estritamente militar, foi grandemente beneficiado, de vez que é na própria guerra que melhor se aprende a arte militar, em todos os seus aspectos de guerra total.

Por outro lado, o cotejo com outros povos, de civilização mais antiga ou industrialmente mais avançada, ao contrário de inferiorizar, eleva e dignifica a Pátria Brasileira. Certo, há ensinamentos que precisam ser ponderados. Mas com eles, o expedicionário leva também para o nosso Brasil, a convicção de que somos, já, uma Nação forte, risonha e progressista!

EPILOGO

Da F.E.B. se pôde dizer, neste fim de guerra, que cumpriu, com destaque, as missões que lhe foram atribuídas pelo Comando Americano, ao qual esteve subordinada. E confortador o conceito que tem da força brasileira o Gen. Grittenberger, Cmt. do IV Corpo de Exército, dos EE.UU.: "Estou orgulhoso de ter tido a 1.^a D.I.E. da F.E.B. como parte do IV Corpo, nesta campanha." "Os feitos da Força Expedicionária Brasileira sob vosso comando (dirigindo-se ao Gen. Mascarenhas), durante a campanha do IV Corpo na Itália, terão um lugar proeminente quando fôr escrita a história desta guerra." E o Gen. Mark Clark, em carta dirigida recentemente ao Gen. Mascarenhas, assim se expressa: "A F.E.B., sob seu comando teve uma parte importante na longa campanha, agora, felizmente, terminada. O seu ataque para N.W., entre a 1.^a Div. Blindada e a 92.^a D.I., foi uma contribuição vital para a nossa vitória. Foi um privilegio ter a F.E.B. como parte do 15.^o Grupo de Exércitos."

Por sua vez, aos seus comandados, assim se dirigiu o Cmt. da D.I.E., em expressiva Ordem do Dia, pela cessação das hostilidades: "Quiz o destino que, entre as armas vitoriosas que neste instante se ensarilham, estivessem as nobres armas brasi-

...ras, lançadas nesta grande conflagração mundial em defesa
 ...o somente da honra e dignidade nacionais, como também em
 ...ome da solidariedade humana e em pról do estabelecimento da
 ...nfiança e do respeito entre as nações." "A Fôrça Expedicio-
 ...ária que representou o Brasil nesta sanguinolenta guerra cum-
 ...riu galhardamente a missão que lhe foi confiada, mercê de
 ...eus e a despeito de circunstâncias adversas." "Oficiais e pra-
 ...as da Fôrça Expedicionária Brasileira, Concorrestes brilhante-
 ...mente para que à nossa Pátria fosse reservado um lugar de re-
 ...vo entre as nações que velarão pela paz vindoura e futura re-
 ...onstrução do Mundo. E com orgulho, sem jactancia e confian-
 ...a, sem exageros, retornemos aos nossos lares, aos nossos quar-
 ...eis e postos de trabalho, para prosseguirmos na faina sagrada de
 ...azer um Brasil forte e respeitado, num Mundo livre e feliz.



STAFOLII — Retorno da instrução no D.P. — F.E.B.

Organização do Serviço de Saúde do Exército Norte-Americano nos Teatros de Operações

Cap. méd. Dr. SAULO TEODORO PEREIRA DE
MELO, da Diretoria de Saúde do Exército e
estagiário da Escola de Estado-Maior.

CAPÍTULO 3

*Destacamentos de Saúde das Divisões Blindada e de Apôio-Aéreo e
das Unidades Não-Divisionárias*

SEÇÃO 1

Destacamento de Saúde da Divisão Blindada

32. GENERALIDADES. a) A divisão blindada é GU complexa, constituída de diferentes armas e serviços, organizada para combater com dois grupamentos táticos, dependendo a constituição orgânica destes da missão da divisão; sendo possível numerosas combinações de batalhões de infantaria blindados, batalhões de carros de combate e de grupos de artilharia de campanha blindados. O primeiro ato do médico-chefe de destacamento de saúde, cujo batalhão blindado foi pôsto à disposição de maior unidade de combate, é de entrar imediatamente em ligação com o médico-chefe desta, para evitar confusão e duplicidade de ação de ambos os destacamentos; devendo ser feito plano-saúde antecipado, para o emprêgo do serviço de saúde, segundo a missão da unidade blindada. O médico-chefe da unidade à disposição deve-se inteirar incontinentemente dos dispositivos e efetivos das unidades de saúde, com que se deve articular e com cujos suprimentos possa contar, informando-as do eixo de evacuação disponível e das localizações prováveis dos postos de socorro e dos pontos de recolhimentos de baixas. E' impossível esquematizar minuciosamente o emprêgo dos destacamentos de saúde, prevendo tôdas

as circunstâncias decorrentes do combate; há, entretanto, certos princípios fundamentais táticos que devem ser observados. Todos os indivíduos do destacamento de saúde devem estar a par do tipo de operação planejada, dos eixos de progressão e de evacuação, dos locais propícios à instalação do posto de socorro, do tipo de terreno utilizado, da cobertura e abrigos naturais, da rede de estradas, da natureza e do dispositivo da resistência inimiga. Os batalhões autônomos devem ser organizados de maneira que se bastem administrativa e taticamente, contando com destacamento de saúde, como é de regra na divisão blindada (V. fig. 19 e TOE 17).

b) O emprêgo tático do destacamento de saúde blindado é flexível e variável (V. FM 17-80). O processo preferível dependerá do tipo da unidade blindada, de prévio plano de ação, da configuração do terreno, da proximidade ou do afastamento do segundo escalão de saúde. Em qualquer hipótese, será vantajoso que o médico-chefe do batalhão e o comandante da companhia de saúde (segundo escalão) entendam-se sobre as localizações dos pontos de recolhimento de baixas, a serem atendidos pela companhia; desobrigando, nestas condições, o destacamento de saúde de deixar suprimentos e praças de saúde em cada ponto de recolhimento; e facilitando grandemente o câmbio de material-carga.

33. DESTACAMENTO DE SAÚDE DO BATALHÃO DE CARROS DE COMBATE. a) *Organização* (V. TOE 17-25). O destacamento de saúde de cada batalhão de carros de combate pode ser funcionalmente dividido em uma esquadra de socorro (posto de socorro), uma turma de padioleiros transportados (ambulância) e pessoal condutor para dirigir e empregar qualquer veículo como transporte de feridos (V. fig. 20).

b) *Funções*. (1) *Generalidades*. Os socorros de primeiro escalão, prestados pelos destacamentos de saúde blindados, diferindo so bremaneira dos ordinários, precisam ser descritos com alguma minúcia. Papel importante do médico-chefe do batalhão blindado é treinar todo o pessoal na aplicação perfeita do curativo de urgência, prática justificável, em razão de nem sempre ser possível aos especialistas de saúde prestarem assistência às baixas ocorrentes dentro dos carros de combate, com a devida presteza, porque eles, quando fora de combate, permanecem muito tempo expostos ao fogo direto do inimigo; cabendo, porisso, à própria tripulação os cuidados de primeira urgência, poupando às praças de saúde sacrifícios inúteis. Com êste fito, cada carro de combate é normalmente equipado com estojo grande (unidade-â24) de primeiros socorros para veículos motorizados, contendo torniquete, unguento para queimadura, pensos, com-

essas e, quando as contingências militares o exigirem, siretas de morfina; devendo os tripulantes serem bem treinados em primeiro socorro, para queimadura, vários tipos de ferimentos, estancamento e hemorragia, prevenção e tratamento de choque e uso e contra-indicações da morfina.



Fig. 19. Destacamentos de saúde da divisão blindada (+)

2) *Evacuação dos carros de combate* (V. FM 17-80). O destacamento de saúde pouco tem a ver com a real evacuação das baixas de dentro dos carros de combate, os quais, inutilizados, imobilizam-se, tornando-se muito vulneráveis ao fogo inimigo. A grande probabilidade que têm de explodir, por causa da munição que carregam; ou incendiar, em consequência do carburante de alta combustão que usam (octana); obriga a tripulação a abandoná-los imediatamente e, com presteza, afastar-se de sua vizinhança; não havendo tempo, mesmo, de serem socorridos os gravemente feridos, que, descarregados, apesar de por seus camaradas, são levados para sítios ocultos e desenfardalhar o aguardam o pessoal de saúde. Estas regras, contudo, não excluem a inconveniência de ser o pessoal de saúde adestrado na remoção de e no xas de dentro dos carros de combate, pois isso pode ser freqüentemente necessário.

3) *Eixos de evacuação*. O médico-chefe do batalhão, com a autorização do seu comandante, indica o eixo ao longo do qual se realizam as evacuações.

baixas ser evacuadas. Este eixo deve ser facilmente identificável terreno, sobre uma estrada ou por uma série de árvores; e coincide habitualmente com o de suprimentos e manutenção do batalhão. Todo o pessoal do batalhão deve ser dele informado; sendo nêle colocadas as baixas que esperam evacuação.

4) *Turma de padioleiros transportados.* A função desta turma é ajudar a evacuação das baixas do batalhão para o posto de socorro. Consiste normalmente de um condutor, dois padioleiros e um técnico cirúrgico, contando com um caminhão-ambulância para o transporte. A fim de preservar e proteger o pessoal de saúde e os seus veículos a ambulância dos padioleiros, mantendo contacto com a retaguarda do batalhão em combate, guardará distância imposta pelo terreno, pela resistência inimiga e por outras circunstâncias ocasionais; devendo aproveitar o mais possível os desenhamentos e as coberturas naturais, expondo-se o menos que puder ao fogo direto inimigo, evitando o terreno plano, as cristas e as contra-vertentes visíveis à observação. As baixas encontradas em áreas expostas, são recolhidas e transportadas em padiola, à mão, para a ambulância, que deve avançar o tanto quanto lhe permitam os acidentes e a vestimenta do terreno e a atividade do inimigo; sendo essa uma das principais funções dos padioleiros. O emprégo ocasional judicioso da ambulância e dos padioleiros exige perspicácia, discernimento e pronta decisão dos oficiais e das praças simultaneamente. A ambulância transporta as baixas para os pontos de recolhimento, ao longo do eixo de evacuação ou, quando praticável, para o posto de socorro. Posto de Recolhimento significa ponto, ao longo do eixo de evacuação, previamente indicado, onde devem ser deixadas as baixas, para oportuna evacuação. Quando as baixas são muitas, deverá ser escalada praça de saúde, geralmente o técnico cirúrgico, para cuidá-las, até o momento da evacuação, que será apressada, improvisando-se os jipes e os caminhões de transporte de material em transporte de feridos, aproveitando-se das vantagens de serem estes veículos baixos, para qualquer terreno e de satisfatória lotação.

5) *Pôsto de socorro de batalhão.* O posto de socorro deve ser situado sobre o eixo de evacuação, em posição mais avançada possível de forma a prestar socorro ao batalhão, instalando o mínimo de material, para atender as baixas ocorrentes, trazidas, pelas ambulâncias diretamente para ele, no começo do combate. As baixas deixadas sobre o eixo de evacuação permanecerão aí até que sejam evacuadas pelo segundo escalão, a companhia de saúde do batalhão de saúde. Antes do combate, as tripulações dos carros são instruídas sobre hora e o local dos "pontos de reunião", onde devem ser reabastecidos de combustível, reparados e remuniçados; sendo aí também prestado

os socorros de primeiro escalão de saúde, porque o médico-chefe, informado previamente do ponto, para lá transfere o posto de socorro, à hora aprazada, deixando as baixas na primitiva localização, para serem evacuadas pelo segundo escalão de saúde sob o cuidado de praça de saúde, se for necessário. Dirigindo-se para a área de reunião, o posto de socorro ultrapassa os pontos de recolhimento à frente localizados, cuja evacuação passará a ser feita também pelo segundo escalão do serviço de saúde. Chegado ao ponto de reunião, o posto de socorro instalar-se-á novamente, para a assistência das baixas trazidas pelos próprios carros de combate ou pelas ambulâncias do destacamento, para ponto suficientemente distante, à retaguarda, que garanta contra o fogo inimigo as ambulâncias de campanha (não blindadas) do segundo escalão de saúde (batalhão de saúde).

c) *Equipamento e transporte.* O equipamento do posto de socorro consta de canastras de saúde, canastras contra gás, mantas, padiolas, compressas aquecedoras, talas e goteiras barraca P.C., quando necessária. Cada ambulância carrega lote de mantas, padiolas, compressas aquecedoras, talas e goteiras e pensos. O transporte normal consta de uma ambulância e de vários caminhões leves, um dos quais equipado com rádio. É conveniente que todo o equipamento orgânico, que não for absolutamente imprescindível para o recolhimento, o tratamento e a evacuação das baixas, seja retirado dos veículos, na iminência do combate, e deixado no trem de combate à retaguarda. É igualmente importante que a ambulância se mantenha suprida de pensos, talas, goteiras, padiolas e outros artigos que deva trazer; aliás o socorro de urgência, que se propõe poupar vidas e tornar as baixas transportáveis, falha irremediavelmente. O equipamento realmente utilizável em combate será carregado primeiro, sendo o restante arrumado da melhor maneira possível, de maneira que, na iminência do combate, toda a carga desnecessária possa ser descarregada imediatamente, sem confusão.

d) *Instrução, administração e provisionamento.* 1) Todo o pessoal deve ser bem treinado no emprego das unidades blindadas, para bem compreender a sua atuação em combate; deve saber executar reconhecimentos, compreendendo e fixando os acidentes topográficos, orientando-se convenientemente no terreno, para que seja capaz de evacuar as baixas dispersas para o eixo de evacuação e localizar o posto de socorro e o ponto de reunião, sem perda de tempo. O pessoal do posto de socorro deve ser bem treinado na instalação e no funcionamento do posto, para movimentá-lo com segurança, pelo eixo de evacuação, até o ponto de reunião. Os condutores de ambulância e demais veículos devem conhecer perfeitamente as regras de manutenção e o emprego adequado das suas viaturas. A turma de padio-

leiros deve ser habituada a lidar com as baixas, retirá-las dos carros de combate, transportá-las individualmente, em padiola e em veículos de transporte de feridos improvisados; sendo o técnico cirúrgico especialmente prático em socorro de urgência.

2) As questões de administração e aprovisionamento são idênticas as dos destacamentos de saúde das unidades não blindadas.

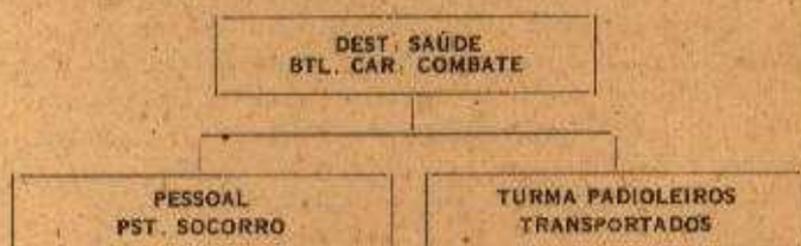


Fig. 20. Organização do Dest. Saúde do Btl. Car. Combate

34. DESTACAMENTO DE SAÚDE DO BATALHÃO DE INFANTARIA BLINDADA (V. TOE 7-25). Este destacamento assemelha-se tanto ao do regimento de infantaria como ao do batalhão de carros de combate. É organizado e equipado para instalar um posto de socorro e dispõe de efetivo para constituir uma turma de padioleiros transportados e esquadras para a evacuação das baixas, em padiola do campo de batalha para os pontos de recolhimento. A ambulância blindada deve avançar tanto quanto as circunstâncias o permitam, evacuando as baixas para o posto de socorro e deste para

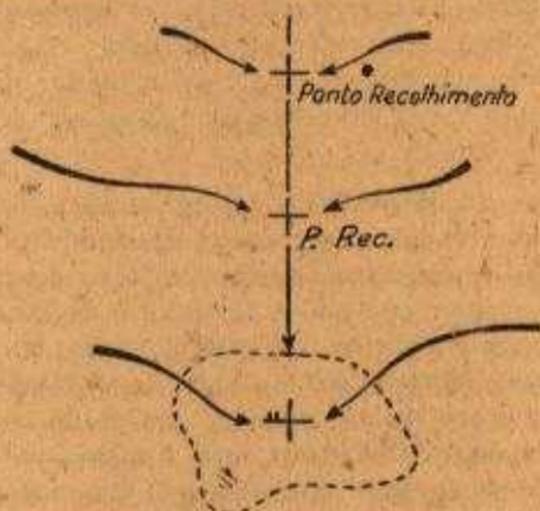


Fig. 21 — Primeiro escalão serviço saúde da divisão blindada; P. S. na área de reunião.

local à retaguarda, aonde possam chegar as ambulâncias normais, a coberto do fogo inimigo. O emprego dos enfermeiros de companhia é o específico; o das esquadras de padioleiros e ambulâncias, bem como o arranjo para a evacuação pela companhia de saúde (2.º escalão), depende dos fatores já mencionados, ao tratar-se do batalhão de carros de combate. Diferentemente do destacamento de saúde deste batalhão, a TOE prevê aqui um oficial dentista e uma canastra n. 60 (equipamento e artigos dentários).

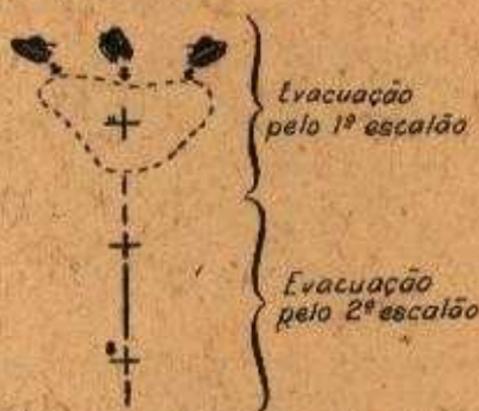


Fig. 22 — Primeiro escalão serviço saúde da divisão blindada; P. S. no ponto de recolhimento

35. DESTACAMENTO DE SAÚDE DO GRUPO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA BLINDADO (V. TOE 6-165). O destacamento de saúde desta unidade funciona mais eficientemente em conjunto, exceto quanto aos enfermeiros de bateria, no próprio local do posto de socorro. A ambulância do destacamento pode ser enviada às posições de bateria, quando solicitadas; êste plano, entretanto, depende inteiramente dos meios de comunicação e ligação, assim como da rádio-transmissão das baterias individualmente.

36. DESTACAMENTOS DE SAÚDE DO BATALHÃO DE ENGENHARIA BLINDADO E DO REGIMENTO DE RECONHECIMENTO MECANISADO (V. TOE 5-215 e 2-25). As questões que os médicos-chefes das unidades de engenharia e de reconhecimento têm de resolver dependem inteiramente do grau de dispersão da tropa. O destacamento de cada unidade dispõe de pequeno número de ambulâncias, sendo obviamente impossível dotar de ambulâncias, e médicos todos os elementos isolados em que, por força da função, se desdobram estas unidades; devendo êles ficarem, em tais

circunstâncias, sob a dependência do serviço de saúde incidental do mais próximo destacamento de saúde, nas circunvisinhanças localizado.

37. DESTACAMENTO DE SAÚDE DA COMPANHIA DE COMANDO (V. TOE 17-2). A companhia de comando dispõe de pequeno destacamento de saúde para instalar posto de socorro, que atende ao pessoal do estado-maior da divisão e da companhia de comando, para cujo fim conta também geralmente com uma ambulância.

38. DESTACAMENTO DE SAÚDE DO QUARTEL-GENERAL E DA COMPANHIA DE COMANDO DO GRUPAMENTO DE COMBATE (V. TOE 17-20-1). Cada um dos dois QG e companhias de comando dos grupamentos de combate da divisão blindada conta com dois oficiais (médico e dentista), um escrevente e um técnico dentário. A função do médico é administrativa, não dispondo ele de equipamento de saúde; a atribuição do dentista é profissional, pelo que conta com um assistente técnico.

39. DESTACAMENTO DE SAÚDE DO TREM DA DIVISÃO BLINDADA (V. TOE 17-60 e 9-65). O destacamento de saúde do trem da divisão serve ao batalhão de manutenção (material bélico). Conta com um oficial médico, um assistente de saúde do corpo de administração do serviço de saúde e de pequeno número de praças de saúde para instalar um posto de socorro, não possuindo padioleiros.

SEÇÃO II

DESTACAMENTO DE SAÚDE DA DIVISÃO DE APÓIO-AÉREO

40. GENERALIDADES (V. TOE 71). 2) As unidades da divisão de apóio-aéreo, que têm destacamentos de saúde, são as seguintes: o regimento de paraquedistas (de infantaria), o regimento (de infantaria) de planadores (dois), o batalhão de engenharia, a artilharia divisionária e o grupo anti-aéreo. Em razão da grande mobilidade das unidades de apóio-aéreo, no início do seu emprêgo de vasta amplitude geográfica em apóio das forças terrestres, a característica do serviço de saúde aqui será um tanto diferente das outras divisões, exigindo soluções especiais. A zona de combate das operações de apóio-aéreo é localizada e sem profundidade. No começo das operações, o combate, os suprimentos e as ligações podem ser inevi-

mente confusos; a instalação do serviço de saúde difícil; a or-
das baixas errática. Tendo o serviço de saúde pouca facilidade
manter por pouco mais que alguns dias as baixas recolhidas, é ne-
ário prever-se a evacuação delas por ar, logo no princípio das
ções. Plano-saúde minudente fica dependendo sobretudo das
ões tomadas de momento, durante o desenvolvimento do ataque.

b) Podendo a evacuação das baixas ser perturbada pelo rápido
imento de tropas, pelos transportes inadequados e pelas dificul-
es de comunicação, as unidades de paraquedistas e de planadores
em reter as suas baixas até entrarem em ligação com o serviço de
de divisionário (V. Cap. 6). A evacuação do posto de socorro
batalhão para o de regimento é de regra no serviço de saúde de
io-aéreo; é função da seção de comando do destacamento de saúde;
do, para isso, obrigado o médico divisionário a ajudar o regimental
n alguns padioleiros da companhia de saúde. As seções de pa-
eiros dos três pelotões da companhia de saúde evacuem as baixas
postos de socorro de regimento para os pontos de recolhimento,
e aguardam evacuação pelos jipes, providos de aparelhos fixadores
padiolas, acionados pelas seções de ambulâncias dos pelotões de
de. Os três pelotões da companhia de saúde podem ter de conser-
as baixas que evacuaram até que a missão de apoio-aéreo tenha
o concluída e estabelecido o contacto com as tropas terrestres; ou
ha sido conseguida cabeça de aeródromo (*air head*), permitindo
cução pelo ar. Quando, entretanto, imediata evacuação for im-
escindível das unidades isoladas, três métodos podem ser empre-
dos: Cada avião de ligação pode carregar uma baixa sentada, mas
o uma deitada, sem modificação da estrutura. Têm sido construídos
icópteros que podem transportar duas baixas deitadas, adaptando
respectivas padiolas pelo lado de fora da fuselagem, em ganchos
provisados. Onde se puderem instalar campos de planadores, so-
ção mais prática pode ser obtida. Qualquer planador pode ser adap-
do, de forma que possa transportar quatro baixas deitadas e qua-
o sentadas; podendo aterrar mui facilmente, mesmo em pequenos
mpos; e descolar, com as baixas, colhido e rebocado por avião em
o.

41. ORGANIZAÇÃO. a) *Destacamento de saúde do regimento*
paraquedistas (V. TOE 7-31). Este destacamento é constituído
uma seção de comando e de três seções de batalhão, uma para
da um dos três batalhões de paraquedistas.

1) *Seção de comando*. Nesta seção há o oficial dentista, pessoal
para a administração do destacamento, sargentos e técnicos para a
instalação do posto de socorro regimental.

2) *Seção de batalhão*. Cada uma das três seções de saúde batalhão é comandada pelo médico-chefe do batalhão, assistido por um sargento. Há ainda outros sargentos, técnicos, alguns padioleiros suplentes. Os técnicos cirúrgicos da seção são classificados como enfermeiros de companhia.

b) *Destacamento de saúde do regimento de planadores* (V. TOE 7-51). A organização do destacamento de saúde da infantaria de planadores é idêntica a de paraquedistas, com a diferença de que aqui há somente duas seções de batalhão, com muito maior número de padioleiros.

c) *Destacamentos de saúde das outras unidades da divisão*. Os destacamentos de saúde do batalhão de engenharia (TOE 5-225), grupo anti-aéreo (TOE 44-275), e da artilharia divisionária (TOE 6-200) são organicamente similares às supracitadas unidades de infantaria da divisão de apoio-aéreo.

42. FUNÇÕES. a) *Destacamento de saúde do regimento de paraquedistas*. 1) Este destacamento aterra em paraquedas, em íntima ligação com o regimento, saltando os enfermeiros de companhia com as respectivas sub-unidades. Segundo dados colhidos durante a instrução, 1 1/2 % da tropa sofre fraturas dos membros inferiores, além de 1 % de distensões, bastante graves para incapacitá-la imediatamente. Os portadores dessas lesões precisam ser tratados, com aparelhos de imobilização, pelos enfermeiros de companhia, e reunidos em pontos de recolhimento, na área de aterragem; aqueles cujas condições permitam, podem acompanhar, à retaguarda, a unidade, cumprindo funções sedentárias de segurança, perto dos postos de comando.

2) As seções de batalhão normalmente instalam os seus postos de socorro próximos dos P.C., para facilitar a ligação com o serviço de saúde dos outros escalões. Por causa da carência de pessoal para atender as necessidades de padiolagem, é preciso que o padioleiro siga de perto o seu batalhão, durante o combate; pela exiguidade de equipamento, o tratamento deve restringir-se aos cuidados mais urgentes à garantia de vida e o apresto à imediata evacuação. Conta com possível isolamento da unidade, o médico-chefe dos batalhões deve preparar-se para reter as baixas até que possa evacuá-las.

3) *Seção de comando*. Durante o combate, o posto de socorro regimental é elo importante da cadeia de evacuação; o que não é regra nos outros tipos de divisão. Não possuindo a divisão de apoio-aéreo companhias de evacuação, as atribuições dos postos de

**REPRESENTAÇÃO
DE
A DEFESA NACIONAL**

Ampliando a sua rede de sucursais em vários Estados do país **A DEFESA NACIONAL** desenvolve, também, a sua circulação e habilita-se a tornar mais eficiente a propaganda em suas páginas.

Tendo, outrossim, entregue a exclusividade de sua publicidade em todo o Brasil ao

BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

a revista por excelência do Exército acha-se habilitada a receber anuncios e toda a demais matéria respectiva através dos representantes desta prestigiosa organização abaixo discriminados:

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Parana-
napiacaba, 61 — 4.º andar.

Curitiba — Percival Loyola, Rua 15 de Novem-
bro, 573.

Porto Alegre — Arthur Batista Gonçalves, Rua
Shuller, 44.

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Ma-
dre de Deus, 113.

Pará — Edgard Proença, Edifício Bern (1.º andar),
Avenida 15 de Agosto).

Anuncie nas páginas de

A DEFESA NACIONAL

que fará publicidade eficiente

50.000 LEITORES EM TODO O BRASIL

	Mais uma Carga Camaradas — Gen. Benício da Silva	21,00
(x)	— Morteiro — Cap. Gutemberg Ayres de Miranda	11,00
	Noções de Desenho Topográfico — Cel. Arthur Paulino	16,00
	Notas sobre o Comando do Btl. no Terreno — Cmt. Audet	5,00
	Notas de Tática de Cavalaria — Cap. Alvaro Lucio Areas	11,00
	Narrativas Autobiográficas — Gen. Bertoldo Klingner	25,00
(x)	— Noções de Topografia em Campanha — Gen. Paes de Andrade ..	13,00
	O Livro do Observador — Cap. Paladini	11,00
	O Exército Alemão — Cel. Leony de Oliveira Machado	27,00
	O Surto no Japão — Maj. Nicanor de Souza	2,00
	O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. Ary Silveira	5,00
	O Tiro da Secção do Morteiro Brand. 81m/m — Maj. Pavel	16,00
(x)	— O Tiro de Grupo nas I. Rápidas — Cap. Breno Borges Fortes ...	6,00
	O Tiro de Morteiro — Cap. Goberi de Couto e Silva	11,00
	O Livro do Carro de Combate — Cap. Frederico Reis Pimentel	11,00
	O Serviço em Campanha na Arma de Cavalaria — Cap. Antonio	
	Pereira Lira	15,00
	O Oficial de Cavalaria — Gen. Benício da Silva	11,00
(x)	— O Serviço de Informações e de Transmissões em Campanha —	
	Cap. Geraldo de Menezes Cortes	11,00
(x)	— Os Pombos Correios e a Defesa Nacional — Dr. Freitas Lima ..	6,00
(x)	— Pequeno Manual do Serviço em Campanha na Cavalaria — Trad.	
	Maj. José Horacio Garcia	13,00
	Pedagogia de Educação Física — José Benedito de Aquino	16,00
	Pastas para Folhas de Alteração	8,00
(x)	— Regulamento para Instrução dos Quadros e da Tropa	6,00
(x)	— Regulamento de Educação Física, 1. ^a parte (N.º 7)	25,00
(x)	— Tática de Infantaria — Cel. X.	3,00
	Sinalização a braços e ótica — Ten. Cel. Lima Figueiredo	3,00
	Telemetros de Inversão Zeiss — Cap. José J. Gomes da Silva	9,00
(x)	— Tática de Infantaria nos Pequenos Escalões — Ten. Cel. Alexân-	
	dre José Gomes da Silva Chaves	16,00
(x)	— Travessia de Cursos Dagua — Maj. José Horacio Garcia	6,50
	Transposição de Cursos Dagua — Ten. Cel. Lima Figueiredo ..	8,00
	Transferidor Militar (Tipo A) — Carlos Morim	75,00
	Transferidor Militar (Tipo B) — Carlos Morim	25,00
	Transferidor de Derivas e Alças — Carlos Morim	30,00
	Theoria e Progressões de Logarítimos — Floriano Daltro Ramos ..	5,00
	Theoria e Emprego dos Milésimos — Cap. Eduardo Campello	5,00
	Três anos de Ortografia S. Brasileira — Gen. Bertoldo Klingner	16,00
	Topografia Prática — Cap. João Augusto Fernandes — Rubens,	
	Castro	31,00
	Um ao de Obs. no Extremo Oriente — Ten. Cel. Lima Figueiredo	15,00
	Vade-Mecum de Matemática Elementar — Frederico J. Nunes	
	Dias	13,00

(x) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I. "A Defesa Nacional"



Dicionário de Termos Militares (Inglês-Português) — H. Castro Jobim	25,00
Educação Física Militar — Cap. Gutemberg Ayres de Miranda ..	10,00
Educação sobre a Instrução Militar — Trad. Maj. José Horacio Garcia ..	13,00
Estudos sobre Granadas de Mão e Fuzil — Cap. Moacyr N. Assumpção ..	11,00
Educação Moral do Soldado — Cap. Frederico Trota	10,00
Emprego Tático das Transmissões — Cel. Paulo Bolivar Teixeira ..	17,00
(x) — Estratégico do Terror — Trad. Cel. J. B. Magalhães	15,00
Exterior e Julgamento dos Equideos — Walter Jardim	30,00
Escola de Fogo I e II parte — Maj. Rubens Monteiro de Castro ..	16,00
Escola de Fogo, II parte — Maj. Rubens Monteiro de Castro	7,50
Escola de Fogo, III parte — Maj. Rubens Monteiro de Castro	7,50
Escola de Fogo, IV parte — Maj. Rubens Monteiro de Castro	7,50
Euclides da Cunha — Cap. Umberto Peregrino	4,00
Fichário para I. de Educação Física — Cap. Jair Jordão Ramos ..	16,00
Formulário do Contador — Cap. José Salles	5,00
(x) — Formulário Processual — Ten. Cel. Niso de Viana Montezuma	16,00
Fenômeno Militar Russo — Cel. J. B. Magalhães	30,00
Fenômeno Militar Russo — desconto de 10% aos Assinantes da Revista "A Defesa Nacional"	27,00
Guia para o Cmt. de Plt. de Fuzileiros, 1ª parte — Maj. Tamoyo ..	16,00
Guia para o mt. de Plt. de Fuzileiros, 2ª parte — Maj. Tamoyo ..	13,00
(x) — Guerra de Secessão Separata n.º 53 — Ten. Cel. Arthur Carnauba ..	5,00
Guia para a Instrução Militar — Maj. Ruy Santiago	21,00
História do Duque de Caxias (Ilustrada) — Cap. Frederico Trota ..	5,00
História Militar do Brasil — Gustavo Barroso	13,00
Indicador Alfabético — Odon Antonio da Cunha Braga	4,00
Indicador Paranhos 1935 — Eurico Paranhos	13,00
Indicador Paranhos 1936 — Eurico Paranhos	6,00
Invasão e Tomada das Ilhas Bálticas — Trad. José J. da Silva	5,00
Impressão de Estágio no Exército Francês — J. B. Magalhães	5,00
(x) — Instrução na Cavalaria Separata n.º 54 — Maj. José H. Garcia ..	3,00
Instrução de Obs. nos Corpos de Tropas — Ten. Cel. Armando Baptista Gonçalves ..	1,00
Instrução de Transmissões — Ten. Cel. Lima Figueiredo	2,00
Iniciação Tática — Cel. Inácio José Verissimo	1,00
Introdução ao Estudo da Estratégia — Cel. Inácio J. Verissimo ..	2,00
Inquérito Policial Militar — Amador Cysneiros	1,00
Índice do C. J. M. de 1938 — Cel. José Faustino da Silva Filho ..	1,00
(x) — Limites do Brasil — Ten. Cel. Lima Figueiredo	1,00
Lições D'Armas — Gen. Valério Falcão	1,00
Manual de Orientação em Campanha — Cap. Antonio Pereira Lira ..	2,00
Manobras de Nioac — Gen. Bertoldo Klingner ..	2,00
Manual da Socorrista de Guerra — Raul Briquet	2,00
Manual de Topografia Militar — Cap. Evandro Del Corona	2,00
Manual de Instrução Pré Militar — Cap. Moacyr Faião G. de Abreu ..	2,00
Manual do Soldado de Engenharia	2,00
(x) — Memento do Artilheiro — Cap. Amir Borges Fortes	2,00

Pardo-claro (quando se tratar de indivíduo descendente de raça negra ou mestiço, cuja característica seja berrante);

Pardo-escuro (mestiço, com predominância de raça negra);

Preta (quando a cútis for completamente preta e apresentar as características da raça negra).

(Aviso n.º 2.886 de 19 — D.O. de 22-10-945).

TRANSFERENCIA SEM EFEITO — (Solução de consulta).

— Consulta o Subcomandante e Fiscal Administrativo do 19.º B.C. se um oficial que teve sua transferência tornada sem efeito e que em consequência restituiu metade da ajuda de custo recebida (letra b do artigo 88 do Código de Vencimentos e Vantagens dos Militares do Exército) cabe no caso de nova transferência, antes de decorrido doze meses, receber nova ajuda de custo ou se lhe não assiste nenhum direito a receber a vantagem referida. Em solução declaro:

a) — que o art. 88 do C.V.V.M.E. não previu a hipótese de nova classificação, remoção, transferência, nomeação ou matrícula, antes de decorridos doze meses do ato anterior anulado e consequentemente restituição da metade da ajuda de custo;

b) — que nenhum outro dispositivo do Código trata do assunto;

c) — que embora restituída somente pela metade, a ajuda de custo recebida em virtude de transferência tornada sem efeito não deve ser computada para contagem dos prazos de 12 a 24 meses, que devem medear entre os recebimentos de ajudas de custo, por isso que a metade não restituída custeia as despesas que o militar fez com preparativos de uma viagem não realizada por motivo independente de sua vontade.

(Aviso u.º 2.902 de 23 — D.O. de 25-10-945).

UNIDADES DE MANUTENÇÃO (Funcionamento).

O Diário Oficial n.º 256, de 13-11-945, (página n.º 17.416) publica o aviso n.º 8.790, do Ministro da Guerra, que aprova as instruções Provisórias para o funcionamento das Unidades de Manutenção.

UNIFORMES — (Fixação).

— Fica atribuída a Secretaria Geral do Ministério da Guerra a fixação dos uniformes com que se devam apresentar os oficiais às solenidades, reuniões, atos públicos ou particulares, de caráter civil ou militar, quando convidados ou designados representantes de autoridades, corpos de tropa, estabelecimentos ou repartições. Os Comandantes, Chefes ou Diretores ao organizarem solenidades delas deverão dar ciência à S.C.M.G. para os devidos fins acima referidos.

Para que os oficiais tenham conhecimento, quando necessário, do uniforme marcado para os atos do dia, deverá aquela Secretaria organizar um serviço telefônico de informações, a par da publicação no Boletim diário.

(Aviso n.º 2.911 de 23 — D.O. de 25-10-945).

RESERVISTAS CONVOCADOS E APRESENTADOS — (Dispensa).

— Declaro que ficam dispensados de incorporação os reservistas convocados e apresentados que, por motivos estranhos à sua vontade, deixaram de ser incorporados.
(Aviso n.º 2.957 de 5 — D.O. de 8-11-945).

SOLDADOS RESERVISTAS — (Vencimento).

— Os soldados reservistas de 1.ª e 2.ª categorias, que foram incorporados de acôrdo com o Aviso n.º 2.804, de 10 de outubro corrente, perceberão os vencimentos de soldados engajados.

— A incorporação, nessas condições, será estritamente limitada às percentagens de engajamento, fixadas para os Contingentes e Corpos de Tropa, pelos Avisos ns. 1.927, de 1 de agosto de 1945 e 2.103, de 13 de agosto de 1945.

(Aviso n.º 2.924 de 26 — D.O. de 29-10-945).

SARGENTOS — (Reclusão).

— A reinclusão de sargentos, em virtude do disposto no Aviso n.º 2.523, de 15 de setembro de 1945, deve ser efetuada no pósto que tinham nas fileiras, no momento do licenciamento.

(Aviso n.º 2.949 de 1 — D.O. de 5-11-945).

SERVIÇO DE ASSISTENCIA RELIGIOSA — (Autorização).

— O Exmo. Sr. Presidente da República em despacho exarado no parecer n.º 336, de 25 de outubro de 1945, do Conselho de Segurança Nacional sôbre a Exposição de Motivos n.º 622, de 10 de outubro de 1945, dêste Ministério, autorizou a manutenção do Serviço de Assistência Religiosa (S.A.R.) criado pelo Decreto-lei n.º 6.535, de 26 de maio de 1944 e nas condições estipuladas em seu regulamento aprovado pela Portaria n.º 6.573, de 8 de junho de 1944.

(Aviso n.º 2.944 de 1 — D.O. de 5-11-945).

SERVIÇO DE MOTOMECANIZAÇÃO — (Criação).

E' criado, para organização imediata, o Serviço de Motomecanização da 1.ª Região Militar, com o efetivo previsto no Anexo 3 ao Decreto n.º 9.803, de 26 de junho de 1942.

Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1945, 124.º da Independência e 57.º da República.

(Decreto-Lei n.º 8.151 de 29-10-945 — D.O. de 6-11-945).

SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO DO EXÉRCITO — (Adoção).

— Fica adotada, no Serviço de Identificação do Exército, a seguinte classificação de cútis:

Branca (quando se tratar de indivíduo de cútis alva e de origem de raça branca);

Morena (quando se tratar de indivíduo de cútis morena e de origem de raça branca, isto é, que não apresente característica da raça negra);

MILITAR EM TRÂNSITO — (Permissão).

— A permissão de que trata o artigo 330 do Regulamento Interno dos Serviços Gerais, bem como a necessária ao gozo do trânsito fora da Região em que serve o militar, é atribuição do Chefe do Estado-Maior do Exército, quando se tratar de oficial pertencente ao Quadro de Estado-Maior da Ativa.
(Aviso n.º 2.914 de 25 — D.O. de 27-10-945).

OFICIAIS SUBALTERNOS DA RESERVA — (Aproveitamento).

O Diário Oficial n.º 252 de 8-11-1945, publicou na íntegra o Decreto-lei n.º 8.159, de 3 do corrente mês e ano, que dispõe sobre o aproveitamento no serviço ativo do Exército, de Oficiais Subalternos da reserva convocados e de praças, e dá outras providências.

OFICIAIS DO EXÉRCITO E AERONÁUTICA — (Transferência).

Aos oficiais do Exército e da Aeronáutica transferidos para a Reserva Remunerada até 31 de dezembro do corrente ano, em consequência da aplicação da respectiva lei especial sobre permanência no serviço ativo, ficam assegurados os benefícios previstos nos artigos 4.º e 5.º do Decreto-lei n.º 8.119, de 19 de outubro de 1945.

O presente Decreto-lei entra em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.º 8.165 de 9-11-945 — D.O. de 12-11-945).

QUADRO DE ESTADO MAIOR DA ATIVA — (Categorias).

O artigo 5.º do Regulamento para o Quadro de Estado-Maior do Exército, aprovado pelo Decreto-lei n.º 5.190, de 14 de janeiro de 1943, passa a ter a seguinte redação:

O Quadro de Estado-Maior da Ativa compreende 3 categorias:

a) oficiais para as diversas funções de Estado-Maior que dispensam a condição de arma. (Anexo 2);

b) oficiais de cada arma para as funções de Estado-Maior privativas da arma (Anexo 3);

c) oficiais para as funções de Estado-Maior que não as previstas nos anexos 2 e 3.

Os oficiais das categorias a, b e c referidas no presente artigo, constituem, respectivamente, o "Quadro de Estado-Maior Geral Privativo (Q.E.M.P.)" e o Quadro de Estado-Maior Complementar (Q.E.M.C.).

Os oficiais da categoria c não preencherão vagas nos Quadros de Estado-Maior Geral ou Privativo, nos quais só ingressarão à medida que neles forem criadas as funções correspondentes, na sua arma ou posto.

Os oficiais do Quadro de Estado-Maior da Reserva constituem, na reserva, quadros análogos, de acordo com a natureza da função de Estado-Maior que irão desempenhar nos seus destinos de mobilização.

O presente Decreto-lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.º 8.150 de 28-10-945 — D.O. de 6-11-945).

MEDALHA "SANGUE DO BRASIL — (Características).

O artigo 6.º do Decreto-lei n.º 7.709, de 5 de julho de 1945, passa a ter a seguinte redação:

— São as seguintes as características da medalha "Sangue do Brasil":

— bronze, com as dimensões de 35 milímetros de largura, por 40 de altura. No anverso, o sabre das Armas da República, sobre um resplendor cujo foco se encontra na cruzeta e se irradia em todas as direções do campo. Coroando a lâmina do sabre, três estrelas esmaltadas de vermelho, representam os três ferimentos recebidos pelo General Sampaio, no dia do seu natalício e da sua maior glória, em 24 de maio de 1866, data da Batalha de Tuiuti.

Envolvendo o campo da medalha, dois ramos de "Pau Brasil" lembram a Pátria e as origens do seu nome glorioso. Uma faixa arqueada, entre os dois ramos e sobre a lâmina, ostenta o dístico "Sangue do Brasil".

O reverso consta dos mesmos ramos de "Pau Brasil", já descritos, que envolvem o campo da medalha, onde se ostenta a esfera da Bandeira Nacional.

O presente Decreto-lei entra em vigor na data da sua publicação revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.º 8.052 de 8-10-945 — D.O. de 23-10-945).

MEDALHAS DE GUERRA — (Solução de consulta).

— Consulta o Presidente da Comissão de Concessão de Medalhas de Guerra, em officio de 20 de setembro último, como deve ser interpretado o art. 1.º, letra a, do Decreto-lei n.º 6.795, de 17 de agosto de 1944.

Em solução, declaro:

As Medalhas de Guerra devem ser concedidas aos que:

a) contribuíram de modo direto e efetivo para a organização da F.E.B.

b) contribuíram para a instrução das G.U. (1.ª e 3.ª D.I.E.). Depósito e Centro de Repletamento, durante um período superior a quatro meses e de acordo com as propostas dos Cmts. das G.U.;

c) prestaram, junto às autoridades aliadas dentro ou fora do território nacional, serviços a que se refere o item a);

d) destacaram-se em serviços de assistência social aos componentes da F.E.B.;

e) serviram em Fernando de Noronha por prazo mínimo de quatro meses; até o mês de junho de 1945;

f) oficiais que comandaram tropas do litoral, até Cmt. de sub-unidade, por prazo não inferior a quatro meses, até junho de 1945;

g) serviram no E. M./F.E.B. no Interior, por prazo mínimo de um ano.

(Aviso n.º 2.982 de 9 — D.O. de 12-11-945).

- a) **Chefia** — Direção imediata, exercida por Coronel ou Tenente-Coronel nas 1.ª e 3.ª Regiões Militares e por Tenente-Coronel ou Major nas demais;
- b) **Seção Administrativa** — Assuntos gerais, sob a chefia de um Major ou Capitão;
- c) **Seção Técnica** — Produção e Provitimento, sob a chefia de um Major ou Capitão;
- d) **Órgãos de Execução** — Trabalhos técnicos e administrativos, sob as ordens de Capitães e oficiais subalternos, na quantidade constante dos quadros de efetivos.
- O presente Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
- (Decreto-Lei n.º 19.886 de 25-10-945 — D.O. de 27-10-945)

IMPÓSTO DE TRANSMISSÃO — (Isenção)

A isenção de imposto, estabelecida pelo Decreto-lei n.º 7.974, de 20 de setembro de 1945, fica estendida pelo prazo e nas condições nele previstas, aos oficiais e praças da Marinha de Guerra e da Força Aérea Brasileira que hajam tomado parte ativa em operações no teatro de guerra da Itália e em comboios e patrulhamentos consequentes da guerra em que o Brasil esteve empenhado.

Gozarão dos benefícios deste artigo os tripulantes dos navios da Marinha Mercante torpedeados pelo inimigo, e as viúvas e filhos menores do militar falecido em consequência de operações de guerra.

A prova de haver tomado parte ativa nessas operações de guerra será feita mediante certificado, com firmas reconhecidas, fornecido pelo Ministério a que pertencer ou tenha pertencido o beneficiário, passado pelo departamento próprio e subscrito pelo respectivo Ministro.

A competência de que cogita o artigo 2.º, letra "a", do Decreto-lei n.º 7.974, de 20 de setembro de 1945, é estendida aos Comandantes dos Comandos Navais e das Zonas Aéreas.

O imposto, cuja isenção é concedida pelo Decreto-lei n.º 7.974 de 20 de setembro de 1945, será exigido:

— quando o imóvel fôr transferido a terceiros que não sejam descendentes do beneficiário;

— sobre o excesso, quando a aquisição ultrapassar Cr\$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros).

O direito conferido às viúvas e herdeiros necessários, na forma deste Decreto-lei e do art. 4.º do Decreto-lei n.º 7.974, de 20 de setembro de 1945, será exigido em representação do militar falecido.

(Decreto-Lei n.º 8.128 de 25-10-945 — D.O. de 27-10-945).

MATRÍCULA NOS CENTROS DE INSTRUÇÃO PRE-MILITAR — (Idade).

A idade limite para matrícula nos Centros de Instrução pré-militar é a compreendida entre 12 anos completos e 16 anos incompletos referida em 15 de março do ano da matrícula.

(Aviso n.º 2.919 de 25 — D.O. de 27-10-945).

CONSCRITOS PERTENCENTES A SUB-UNIDADE DE QUADROS — (Abono de fardamento).

— De acôrdo com o parecer do Estado Maior do Exército os conscritos pertencentes a sub-unidade Quadros, em conformidade com o disposto no art. 27 da Portaria n.º 8.196, de 26 de abril de 1945, têm direito ao abono do fardamento previsto em a primeira distribuição, pelas Instruções para Distribuição de Fardamento.

(Aviso n.º 2.912 de 24 — D.O. de 26-10-945).

CORPO DE TROPA — (Transformação).

O 1.º Regimento de Artilharia Montada é transformado no 1.º Regimento de Obuses Auto-Rebocado, criado por Decreto número 5.951, de 29 de outubro de 1943, que conservará a denominação de "Regimento Floriano".

O Ministro da Guerra baixará os atos necessários à organização do 1.º Regimento de Obuses Auto-Rebocado.

— O presente Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-Lei n.º 19.885 de 25-10-945 — D. O. de 27-10-945)

ESCOLAS PREPARATORIAS — (Inscrição).

— Autorizo, no corrente ano, a inscrição em concurso para admissão nas Escolas Preparatórias de praças que contém menos de um ano de serviço, desde que sejam mobilizáveis e possuidores do certificado do curso ginasial.

(Aviso n.º 2.948 de 1 — D.O. de 5-11-945).

ESCOLA DO ESTADO MAIOR E TÉCNICA DO EXÉRCITO — (Admissão).

— Os 1.ºs Tenentes já inscritos, no corrente ano, nos cursos de Admissão às Escolas de Estado Maior e Técnica do Exército poderão realizar a respectivas provas.

No caso de aprovação ficarão com a matrícula assegurada para quando forem promovidos ao posto de Capitão, desde que sejam classificados dentro do número de vagas atribuídas aos candidatos por concurso, no corrente ano.

Aplicar-se-á aos que forem aprovados, mas classificados fóra do número de vagas acima referido, o disposto nos regulamentos das respectivas Escolas. (Art. 61 do Reg. da E.E.M. e artigo 39 das Instruções para o Concurso de Admissão aos Cursos da Escola Técnica do Exército em 1946).

(Aviso n.º 2.929 de 27. — D.O. de 30-10-945).

ESTABELECIMENTOS DE SUBSISTÊNCIA MILITAR — (Constituição).

Os Estabelecimentos de Subsistência Militar, de que trata o Regulamento aprovado por Decreto n.º 4-163, de 30 de maio de 1939, passam a ser constituídos da seguinte forma:

to para os cargueiros de artilharia de dorso são da competência dessa Diretoria.

(Aviso n.º 2.988 de 9 — D.O. de 16-11-945).

CEMITERIO MILITAR DE PISTÓIA — (Permanência).

— Declaro que a Seção de Guarda do Cemitério Militar de Pistóia — Itália, organizada em Aviso n.º 2.054, de 6 de agosto de 1945, é mandada permanecer na dependência direta do Adido Militar à Embaixada do Brasil em Roma (Itália).

(Aviso n.º 2.971 de 8 — D.O. de 10-11-945).

CENTRO DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA — (Exame)

— Os exames, em segunda época, dos alunos do 2.º ano dos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva, no ano letivo de 1945, se realizarão na segunda quinzena de janeiro próximo vindouro.

(Aviso n.º 2.922 de 26 — D.O. de 29-10-945).

CENTRO DE INSTRUÇÃO DE DEFESA ANTI-AÉREA — (Séde).

— É transferido para dois pavilhões do primeiro lance do atual quartel do I/1.º R.A.A.Aé., na Colina Longa (Vila Militar), o Centro de Instrução de Defesa Anti-Aérea presente instalado no Quartel General da 1.ª D.I., na Vila Militar.

A mudança do C.I.D.A.Aé. deverá efetivar-se no decorrer do mês de dezembro próximo.

(Aviso n.º 2.894 de 23 — D. O. de 24-10-945).

CENTRO DE PREPARAÇÃO DE OFICIAIS DA RESERVA — (Solução de consulta).

— O Comandante do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio consulta se os Comandantes dos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva podem matricular no início do próximo ano letivo, condicionalmente, candidatos possuidores dos cursos clássico e científico, ficando essas matrículas insubsistentes, se o candidato, em tempo oportuno, não houver feito prova de sua matrícula em Escola de ensino superior.

Em solução, declaro que, no próximo ano letivo não devem ser dilatadas as facilidades nas matrículas dos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva devendo-se aguardar os resultados práticos da nova Lei do Serviço Militar e as Instruções para matrícula, em virtude do Decreto número 19.357, de 6 de julho de 1945.

(Aviso n.º 2.904 de 23. — D.O. de 25-10-945).

COMPANHIA DE POLÍCIA — (Denominação).

— A Companhia de Polícia que integrou a 1.ª D.I.E. passa denominar-se 1.ª Companhia de Polícia, com séde no território da 1.ª Região Militar.

(Aviso n.º 2.893 de 23 — D.O. de 24-10-945).

Biblioteca da Cooperativa Militar Editora
e de Cultura Intelectual «A Defesa Nacional»

LEGISLAÇÃO MILITAR

POR

DANTE TOSCANO DE BRITTO

Capitão do Exército e Bacharel em Direito



Preço: Cr\$ 12,00

NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

atos oficiais do Ministério da Guerra, publicados no «Diário Oficial» no período de 20 de Outubro a 20 de Novembro de 1945

ALUNOS DAS E. E. CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO — (Arregimentação).

— Para fins do disposto no art. 2.º do Decreto-Lei n.º 8.097, de 16 de outubro do corrente ano, será computado como arregimentado o tempo de permanência, como aluno, nas diferentes Escolas e Cursos de Especialização, para os quais o oficial subalterno tenha sido designado.

(Aviso n.º 2.913 de 24 — D.O. de 26-10-945).

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (Passa a ter).

— A 1.ª Companhia de Polícia Regional, passa a ter autonomia administrativa, de acordo com o disposto no rt. 25 do Regulamento de Administração do Exército aprovado por Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938).

(Aviso n.º 2.933 de 9 — D.O. de 12-11-945).

— I) — O 3.º Batalhão Motorizado de Transmissões passa a ter autonomia administrativa, de acordo com o art. 25 do Regulamento de Administração do Exército, aprovado por Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938.

II) — A carga e os recursos financeiros da 14.ª Companhia Independente de Transmissões, ficam transferidos, automaticamente, para o 3.º Batalhão Motorizado de Transmissões.

(Aviso n.º 2.970 de 8 — D.O. de 10-11-945).

— O Estabelecimento de subsistência da 6.ª Região Militar, passa a ter autonomia administrativa, de acordo com o disposto no art. 25 do Regulamento de Administração do Exército, aprovado por Decreto número 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n.º 2.887 de 19 — D.O. de 23-10-945).

— A 7.ª Companhia Leve de Manutenção passa a ter autonomia administrativa, de acordo com o disposto no art. 25 do Regulamento de Administração do Exército, aprovado por Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938.

(Aviso n.º 2.898 de 23 — D.O. de 25-10-945).

ARREIAMENTO PARA CARGUEIROS — (Fabricação).

— À vista do parecer da Diretoria do Material Bélico, exarado em seu Ofício reservado n.º 2.968-D3-1-200.5.32, de 22 de outubro findo, declaro que a fabricação e o provimento de arreiamen-

Entre os próximos volumes a serem distribuídos destacamos "Cernias e Escolas", mais um significativo livro com que o Cel. Lima Gueiredo acrescerá a sua respeitável bagagem literária.

* * *

"Esta é a minha história" — eis o título com que o Gen. Wainwright publicou as suas memórias da guerra nas Filipinas e do degradingo cativo a que foi submetido pelos japoneses.

A sua narrativa, além do estorrecedor documentário que representa, está pontilhada de agudas observações muito elucidativas quanto ao caráter dos nipônicos.

Esta, por exemplo, extraída de um capítulo referente aos acontecimentos após a rendição do Japão :

"A nossa vida se modificava. Os japoneses, muito rapidamente passaram de orgulhosos e arrogantes à solicitude suprema."

* * *

Está circulando o n.º 7 da "Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil", com o seguinte sumário :

Caxias, o guardião do Brasil — Cel. Filício Lima; O Chanceler Paz — Ten. Cel. Lira Tavares; Osório, o Bayard do Novo Mundo — Cap. Dr. Carlos Sudá de Andrada; Homenagem Póstuma — Comt. Frederico Vilar; Discurso em Homenagem à Memória do Gen. Emílio Souza Doca — Ten. Cel. Altamirano Nunes Pereira. Elogios ao Arante Henrique Boiteux — Cap. Fragata L. Oliveira Belo; Um instante d'ôr — Cel. Filício Lima; Discurso em Homenagem ao Cel. Alvaro Alencastro — Ten. Cel. A. Lira Tavares; O Verdadeiro Local do Cobrimento do Brasil — Cel. Leopoldo Nery da Fonseca; Discurso de Recepção ao Cel. Filício Lima — Cap. Dr. Carlos Sudá de Andrada; Dissertação na posse da cadeira n.º 3 — Cel. Filício Lima; Euclides Cunha e a Vida Militar — Cap. Umberto Peregrino.

* * *

De um artigo do Gen. Paula Cidade, que esteve na Europa visitando a FEB, extraímos o trecho que se segue, pleno de verdade netrantemente observadas e corajosamente denunciadas :

"A Itália foi um dos países que mais sofreram. Se é verdade que jogou tudo no partido que perdeu, não é menos verdade que se achava divorciado de seu governo, desse mesmo governo que resolve os mais graves problemas sem ouvir a voz dos seus mais prestados cidadãos."

"A prova das contrariedades do povo italiano, ao ver-se envolvido na guerra, está na maneira tão levemente julgada no exterior que se bateram os exércitos italianos na Grécia. Basta prestar atenção à ineficiência dos soldados de Mussolini naquele teatro de operações no espírito ofensivo que os mesmos demonstraram mais tarde, quando dentro de seu próprio país combateram ao lado das Nações Unidas."

BOLETIM

Um desastre de automóvel levou à morte o General George Patton. Nos primeiros instantes houve esperança de que viesse a salvar-se grande cabo de guerra "yankee". O Presidente Truman dirigiu-lhe a bela, essa expressiva e emocionante mensagem:

"Estou profundamente acobalhado pelo acidente de que fostes vítima e quero que tenhais conhecimento de que penso em vós neste momento de provação. Fostes vencedor de muitas batalhas e sei a coragem e fé não vos faltarão em mais esta. Estou satisfeito por saber que a Patton está ao vosso lado para animar-vos e amparar-vos."

De súbito, porém, veio a notícia de que Patton sucumbira a uma complicação proveniente do acidente.

Perde o mundo um dos maiores generais da última guerra: fez proezas na África, na França, na Bélgica, na Alemanha, na Tchecoslováquia. Suas ações guerreiras eram espetaculares, suas atitudes muitas vezes ruidosas, quasi extravagantes...

Foi uma figura paradoxal. Trazendo nas veias o sangue dos pioneiros que conquistaram o "far-west", era ao mesmo tempo um bravo e mais arrebatada bravura, rude e violento nas manifestações, mas generoso e sensível, gostava da poesia e dos esportes calmos — a pesca, a vela.

Desejou ser sepultado entre os seus soldados que tomaram nas arduas lutas irresistíveis com que assombrou os alemães, e lá está, numa tumba simples, nos campos de Luxemburgo.

* * *

"O Observador Econômico e Financeiro", no seu último número (setembro), estampa uma expressiva reportagem sobre as realizações econômicas do território do Amapá.

Esse território vem sendo administrado, desde a sua criação, pelo Sr. Janari Gentil Nunes, um dos legítimos valores da nova geração do Brasil. Sua obra, como o demonstra a reportagem publicada em "O Observador", é verdadeiramente extraordinária, não só na extensão como na orientação de alto teor patriótico.

* * *

Última publicação da "Biblioteca Militar": "Noções Militares Fundamentais", substancial ensaio de autoria do ilustre Cel. J. B. Maranhão.

de urgência. Todo o soldado do Serviço de Saúde deve ser julgado pronto, fundamentalmente na sua especialidade, pelo mesmo motivo que o infante, não obstante outra função especial, deve saber manejar os apetrechos de sua arma. Devem ser treinados na especialidade os escreventes, escreventes-aprovisionadores, cozinheiros, mecânicos de automóvel, sargentos do rancho, sargentos de motor, sargentos-aprovisionadores.

c) *Conjunta*. Uma vez que o pelotão de somando deve começar a funcionar logo que o batalhão se mobiliza, a maior parte do adiestramento será adquirido no efetivo exercício do serviço. Contudo, estas condições diferem inquestionavelmente daquelas que ocorrem em campanha e, sobretudo, em combate. Eis porque o treinamento do grupo de material sanitário e, em menor amplitude, o de aprovisionamento, que funcionam principalmente em campanha e combate, deve começar precocemente. Por exemplo:

1) Instalação e funcionamento do ponto de aprovisionamento do batalhão, sob tôdas as condições do combate; rápido desdobramento dos lotes de batalhão em lotes de companhia, segundo os efetivos; conveniente manejo dos diversos artigos de aprovisionamento; escolha dos caminhos para a distribuição dos suprimentos.

2) Instalação e funcionamento do ponto de material sanitário; descarregamento da reserva sobre rodas e arrumação das provisões para pronta distribuição; familiarização com os vários artigos da reserva sobre rodas e com os lugares próprios onde são carregados.

3) Manutenção do transporte motorizado durante o combate; reparos emergentes e ajustamentos à noite, sem luz; remoção dos veículos de obstáculos, movimentação de veículos emperrados; rapidez de ação.

60. ADMINISTRAÇÃO. a) A administração do pelotão de comando não deve ser confundida com as funções administrativas das suas seções componentes, em conexão com a administração do batalhão e o grupo de material sanitário da divisão. As funções administrativas especiais destas seções são comparáveis às funções táticas dos elementos subordinados da companhia de evacuação, que são inteiramente independentes da administração da companhia.

b) O pelotão de comando tem tôdas as funções administrativas de qualquer companhia; farda, equipa, disciplina, e paga o seu pessoal. Obtém os suprimentos do oficial aprovisionador do batalhão da mesma maneira que as companhias; e o fato de que o oficial aprovisionador do batalhão e o comandante do pelotão sejam o mesmo indivíduo, em nada lhe altera o processo de aprovisionar-se.

também com uma mesa de campanha e uma máquina de escrever. A *seção de comando do pelotão* dispõe também de material de expediente; e a *seção do pessoal*, em particular, uma canastra de expediente e duas mesas de campanha. A *seção de intendência* (os dois grupos), é equipada com barracas de esquadra; reserva de material de saúde, inclusive ataduras, talas, padiolas, nmitas e plasma, para as companhias do batalhão; livros de notas, para anotações sobre anestesia, ferimentos abdominais e gênito-urinários, dermatologia, anatomia cirúrgica (topográfica), queimaduras, choque, ferimentos, cirurgia ortopédica e gases de guerra; um estojo de açougueiro, com facas, machadinhas e serras, para o postejamento da carne antes de entrega às companhias; um coíre de campanha e uma máquina de escrever. A *seção de manutenção* é provida de estojos de ferramentas, coleções de instrumental de segundo escalão, equipamento de forja e peças sobressalentes de automóvel.

58. **TRANSPORTE.** O estado-maior e o pelotão de comando dispõem de alguns caminhões leves e pesados, para o serviço de carga e carregar provisões e equipamento; um dos pesados é aparelhado com guincho para safar os veículos enguiçados.

59. **INSTRUÇÃO.** a) *Geral.* Fundamentados nas diretivas do comandante do batalhão, os programas de instrução são preparados pelo comandante do pelotão de comando, que designa os instrutores e fiscaliza a realização deles. Por causa da diversidade de funções desta sub-unidade, a conduta do treinamento precisa ser descentralizada, ficando cada parte sob a direção da competente seção; querendo isto significar, entretanto, que o comandante do pelotão possa delegar a própria responsabilidade aos comandantes das seções. Em razão da multiplicidade de funções exigidas do pelotão de comando, desde o início de sua organização, a instrução de ordem unida deve ser planejada cuidadosamente, para se obterem resultados eficientes sem prejudicar o serviço rotineiro. Desde que recentemente tem o pelotão missão autônoma, a ordem unida limitar-se-á a cerimônias e cerimoniais, marchas, bivaques e deslocamentos de auto-transporte e estrada de ferro.

b) *Individual.* Em sub-unidade desta natureza, há sempre o risco de que o adestramento propriamente sanitário dos soldados pelo Serviço de Saúde seja descuidado; mas isso deve ser evitado por razões importantes: primeiro, porque, em ocasiões emergentes, mais habituais, a assistência urgente aos feridos e doentes deve ser prestada, em detrimento de qualquer outra função; segundo, porque naturalmente se espera, com muita razão, que todo o indivíduo, ostentando na farda a Cruz de Genebra, deva saber prestar um soco

cito. Os pedidos são atendidos nos SP, sem qualquer formalidade, segundo as necessidades das unidades requisitantes.

e) *Seção de manutenção.* As funções desta seção são de prover as necessidades do segundo escalão de manutenção para todos os motores do batalhão de saúde, de inspecionar periodicamente estes veículos, conservando o conveniente registro dessas inspeções. O pessoal desta seção exerce as atribuições de conselheiros técnicos dos motoristas e mecânicos das sub-unidades, nos trabalhos de manutenção. Os reparos além dos prescritos ao segundo escalão, só poderão ser executados, quando o tempo, o instrumental, o equipamento e a capacidade dos mecânicos o permitam. Ordinariamente

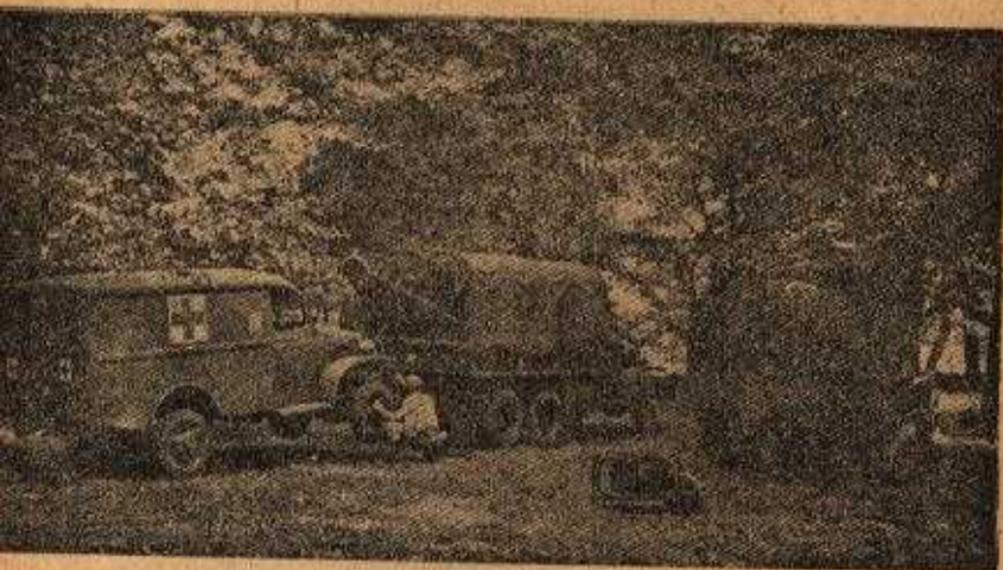


Fig. 27 — Parque de reparo instalado pela seção de manutenção.

Os veículos que exijam reparos de terceiro escalão são enviados pelo S-4 à companhia de material-bélico da divisão, que conta com recursos para tal. O comandante da seção, pelos seus deveres de assistente do S-4, é, perante este, responsável pelo controle e pela execução dos trabalhos de conservação dos veículos. As praças da seção consistem de um sargento de motores e mecânicos de automóvel, que também são os motoristas dos veículos da seção (V. pp. manutenção de motor).

57. EQUIPAMENTO. A seção de comando do batalhão é equipada com uma barraca de P.C., a prova de luz (V. fig. 25), o material de expediente, necessário ao funcionamento das atribuições de comando e estado-maior e do centro de ligação; contando

mento; ou elas podem ser entregues nos sítios das companhias, pelos transportes do pelotão de comando (V. fig. 26).

b) *Grupo de material sanitário.* Este grupo engloba em único documento todos os pedidos feitos pelas diversas unidades da divisão; adquire o material sanitário preciso no competente depósito, habitualmente o do exército; e entrega-o, ordinariamente no ponto de material sanitário, aos oficiais aprovisionadores das unidades.

2) *Fora do combate,* o pedido de material de saúde, feito pelos trâmites legais, pelo aprovisionador das unidades de infantaria, artilharia, engenharia, etc., assim como do próprio batalhão de saúde, depois de aprovado pelo médico-chefe do serviço de saúde divisionário e autorizado pelo comandante da divisão, é encaminhado ao oficial aprovisionador de material sanitário da divisão. Este oficial reajusta os diversos pedidos e encaminha o pedido global (ordinário ou extraordinário), por intermédio do chefe do serviço de saúde da divisão, ao depósito do exército. Recebido o material, é logo distribuído, geralmente nos pontos de material sanitário da divisão, aos oficiais aprovisionadores das unidades, que bastam procurá-lo e transportá-lo, pelos respectivos caminhões. Em se tratando de material sanitário para o batalhão de saúde, o respectivo oficial aprovisionador de material sanitário (S-4), por intermédio do seu grupo de aprovisionamento, faz o pedido necessário, que é encaminhado, pelos canais competentes, ao médico divisionário; este, em nome do comandante da divisão, aprova-o ou modifica-o. O pedido volta, então, ao S-4 divisionário, o mesmo que o subscreeveu, mas que agora, na qualidade de oficial aprovisionador de material sanitário da divisão, exerce as suas funções através do grupo de material sanitário, da seção de intendência, é despachado seu próprio pedido. O grupo de material sanitário transfere os suprimentos para o grupo de aprovisionamento (geral), que, por seu turno, o distribui às sub-unidades do batalhão de saúde. Releva, pois, notar-se que os dois grupos da seção de intendência do pelotão de saúde se ordenam em dois escalões diferentes de aprovisionamento; razão pela qual cumpre que as respectivas funções não sejam confundidas, nem teórica, nem praticamente.

3) *Durante o combate,* qualquer hipótese subordinar-se-á ao rígido princípio de manterem-se as organizações táticas supridas constantemente de material sanitário, dispensando-se as exigências formalísticas. O grupo de material sanitário da divisão instala um ponto de material sanitário (SP), comumente perto do posto de triagem, suprindo-o com o seu próprio material de reserva inicialmente; e mantendo-o sortido subsequenteemente com os fornecimentos pedidos ao depósito de escalão superior, habitualmente do exér-

c) *Seção do pessoal.* Esta seção funciona sob as ordens do ajudante do batalhão (S-1) e é habitualmente constituída de um subtenente, um sargento técnico e escrevente; inclusive um escrevente de cada companhia, além daquêles do estado-maior, para os trabalhos de escrituração, correspondência, fôlhas de pagamento, registros e informações, tudo relativo ao pessoal do batalhão.

d) *Seção de intendência.* 1) Esta seção é encarregada da aquisição e distribuição de todos os suprimentos do batalhão e do material de saúde da divisão inteira. Lida com as vitualhas, fardamento, carburantes, equipamentos e outros suprimentos, inclusive o material de saúde, de todo o batalhão; e encarrega-se da distribuição dos curativos de urgência, tópicos para os pés, comprimidos de sulfa, para as demais unidades da divisão. Os destacamentos de saúde da divisão suprem-se de material de saúde nesta seção. A seção subdivide-se em dois grupos:

a) *Grupo de Aprovevisionamento.* Este grupo executa todos os encargos relacionados com o provezionamento do batalhão, tais como a organização sumariada do pedido conjunto, o recebimento dos suprimentos consignados à unidade, sua distribuição entre as sub-unidades e a escrituração do fichário da carga do batalhão. A seção não se imiscui com as provisões do pelotão de comando, não para requisitá-las e entregá-las em grosso, justamente como procede com as demais sub-unidades. As companhias, assim como o pelotão de comando, submetem ao oficial provezionador (S-4) os seus pedidos de provimentos, o qual elabora os pedidos globais segundo a arma ou o serviço fornecedores, encaminhando-os a cada um d'êstes, pelos trâmites legais; isto é, os artigos de intendência solicitados por tôdas as sub-unidades, serão arrolados em um único pedido; os de material-bélico, em outro; os de saúde, ainda em outro, separadamente; etc. Os caminhões transportam os provezionamentos dos depósitos e cabeças de estrada de ferro para os pontos de provezionamento do batalhão; sendo, então, êles entregues às sub-unidades, conforme os pedidos originais ou em proporção determinada pelo comandante do batalhão. Os suprimentos de distribuição automática são recolhidos por êste grupo e repartidos de acôrdo com os efetivos, entre os elementos subordinados. Todos os provimentos são recebidos em grosso e devem ser retalhados em lotes de sub-unidades, nos pontos de provezionamento onde se devem prever espaços, não só para a carga em grosso, como para os lotes de cada uma das companhias, inclusive o pelotão de comando. Logo que fôr recebida, é a carga dividida pelos espaços das sub-unidades, segundo as necessidades respectivas. Os transportes das companhias podem ir buscar as cargas nos pontos de provezionamento.

todas as sub-unidades elementares do pelotão de comando. Não possui rancho, sendo os seus cozinheiros incluídos naquele da companhia de triagem, onde arrancha o pessoal do estado-maior e pelotão de comando.

2) A seção de comando do pelotão é comandada por um oficial de administração do corpo de saúde, que comanda, por esta razão, o pelotão inteiro. (mas não o estado-maior do batalhão); e é também o aprovisionador do batalhão (S-4) e o aprovisionador de material sanitário da divisão; exercendo êle, assim, três funções distintas. Como aprovisionador do batalhão, tem especificamente as seguintes atribuições:

- a) Empenha e faz os pedidos de todos os suprimentos necessários aos elementos do batalhão.
- b) Distribue os suprimentos às sub-unidades.
- c) Mantém em ordem o único fichário da carga da unidade.
- d) Traz o comandante do batalhão informado da real situação dos provimentos da unidade.
- e) Recupera o material aproveitável e dá-lhe destino.
- f) Controla, em nome do comandante, o emprêgo e a conservação dos transportes do batalhão.
- g) Fiscaliza o emprêgo das verbas distribuídas a unidade, com exceção daquela destinada ao pagamento do pessoal; mas pode ser designado pagador da tropa, em nome de outro oficial tesoureiro.



Fig. 26 — Seção de intendência. Distribue material de saúde para toda a divisão e suprimentos em geral para o batalhão de saúde.

c) Coligir todos os dados que interessem ao emprêgo tático do batalhão, dando sôbre êles parecer.

d) Preparar os programas e redigir as ordens de instrução, pelos quais fôr responsável o comandante.

e) Preparar as ordens de operação expedidas pelo comandante da unidade (V. FM 8-55).

f) Organizar o tema tático, incluindo previsões para o futuro desenvolvimento da operação. Ao passo que os objetivos forem sendo alcançados, êle, não sômente deve desenvolver o plano adotado, para aproveitar o êxito, como engendrar novos detalhes contingentes contra eventuais surpresas, esmiuçando a situação, a proporção que mais recentes informações forem sendo colhidas.



Fig. 25 — P. C. do batalhão de saúde

g) Preparar e conservar os mapas da situação e das operações táticas.

i) *O capelão militar.* Servindo ao Batalhão, para ministrar o conforto espiritual às baixas da divisão e ao pessoal da unidade, existe um capelão militar, cujos misteres são ordinariamente exercidos no pôsto de triagem, escoadouro comum por onde passam tôdas as baixas. É coadjuvado por uma praça, ajudante do capelão.

7) *As praças* desempenham as funções correspondentes às próprias especialidades.

b) *Seção de comando do pelotão.* 1) Esta seção é investida do comando, da administração, do aprovisionamento e da manutenção de

3) *Relatório estatístico*. É executado conforme o modelo WD AGO 8-122 e encaminhado segundo o AR 40-1080 e outras disposições vigentes, do Ministério da Guerra. Sua finalidade é manter em dia as informações sobre o verdadeiro estado de saúde da tropa e a conseqüente assistência sanitária.

c) *Aprovisionamento*. Em campanha, os suprimentos, tais como as rações e os carburantes, são distribuídos automaticamente, mediante os quadros de organização e efetivos apresentados ao estado-maior da divisão, para constar do telegrama diário. O oficial almoxarife-aprovisionador do batalhão recolhe estes suprimentos e distribue-os às companhias equitativamente. Para a aquisição dos demais suprimentos para o batalhão e do material sanitário para a divisão, veja-se o FM 8-10.

d) *Manutenção de transporte*. As companhias desobrigam-se dos encargos de manutenção de primeiro escalão; e executam o que podem do segundo. A seção de manutenção do pelotão de comando remata tudo o que, de segundo escalão, não pôde ser ultimado nas companhias. O terceiro escalão é atribuição da companhia de material-bélico da divisão.

e) *Assistência a doentes e acidentados*. A companhia de triagem, quando o posto de triagem não está funcionando, instala um dispensário para o tratamento do pessoal do batalhão; durante as operações, entretanto, o pessoal é atendido na respectiva sub-unidade.

f) *Rancho*. Habitualmente as companhias de evacuação e triagem possuem rancho próprio; o estado-maior e o pelotão de comando a rancham na companhia de triagem.

SEÇÃO II

ESTADO-MAIOR E PELOTÃO DE COMANDO

55. ORGANIZAÇÃO (V. TOE 8-16). O estado-maior do batalhão é constituído pelo comandante, o seu estado-maior e praças auxiliares. O pelotão de comando é elemento autônomo da unidade, comparável às demais companhias, subordinado diretamente ao comandante do batalhão. Tem certo número de atribuições comuns às outras sub-unidades; sendo, por isso, dividido em seções: de comando, de pessoal, de intendência (suprimentos e material de saúde) e de manutenção (conservação de motores) (V. fig. 24).

56. FUNÇÕES. a) *Seção de comando do batalhão*. As funções das sub-unidades integrantes da unidade; do critério adotado pelas autoridades do escalão superior, quanto à instrução; e das últimas ordens recebidas.

c) Administração do pessoal, inclusive os assuntos pertinentes às transferências.

d) Preparo, formalização, publicação e expedição de ordens e informações da competência do comandante, exceto quando se relacionem com a instrução e a tática.

e) Mapas nosológicos (baixas).

f) Funcionamento do centro de ligação do batalhão.

g) Serviço postal da unidade.

h) Assuntos referentes a pedagogia, a polícia de costumes, a organizações recreativas, a bem-estar social e a serviço público.

4) *O oficial do serviço secreto (S-2)* tem sob a sua responsabilidade as atividades inerentes à espionagem e contra-espionagem, à simulação e ao disfarce das instalações e equipamentos; e o provimento de cartas e mapas a todos os elementos da unidade. Pode exercer as funções de oficial de ligação entre o batalhão e a divisão ou outra qualquer unidade.

5) *O oficial de operações (S-3)* é incumbido dos programas de instrução e das questões táticas, cujas principais são as seguintes:

a) Estar permanentemente informado da localização e da ação tática dos elementos subordinados do batalhão.

b) Ter conhecimento exato do grau de adestramento das ferroviária e (quando indicada) fluvial ou marítima. O transporte do equipamento; carregamentos de caminhões, trens e navios; e as operações inversas.

c) *A instrução combinada* das sub-unidades do batalhão de saúde com os outros elementos da divisão está sob a responsabilidade de autoridade superior competente, que prepara os programas e dirige o treino.

54. ADMINISTRAÇÃO. a) *Pessoal*. As companhias e o pelotão de comando remetem as escalas e partes diárias necessárias à seção do pessoal do estado-maior do batalhão, onde é elaborado todo o expediente relativo a pessoal, exigido pelo escalão superior.

b) *Saúde*. O estado-maior do batalhão envia periodicamente ao chefe do serviço de saúde da divisão a seguinte documentação sanitária, cujo apresto é freqüentemente confiado à companhia de triagem:

1) *Mapa de baixas*. Este mapa é sumariado de conformidade com as relações apresentadas pelas companhias ao estado-maior do batalhão.

2) *Mapa de doentes e feridos*. Deve ser confeccionado e encaminhado de acordo com o AR 40-1025.

ções de estado-maior, com exceção do aprovisionamento. Com este propósito, o estado-maior instala o P.C. do batalhão, onde são localizados a secretaria (casa das ordens) do estado-maior do comandante e o centro de ligação. O P.C. situa-se geralmente nas vizinhanças do Posto de Triagem.

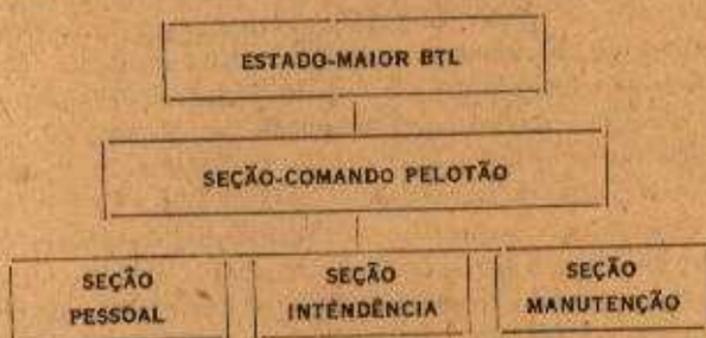


Fig. 24. Organização do estado-maior e pelotão de comando

1) O comandante do batalhão é diretamente responsável, perante o da divisão, pela administração, a disciplina, a instrução e o emprego tático da unidade em todas as situações. De acordo com o critério e a decisão do comandante da divisão, toma as suas deliberações, cujo plano compete ao seu estado-maior elaborar e mandar executar minuciosamente.

2) O sub-comandante é o principal assistente e conselheiro do comandante do batalhão; é o chefe do seu estado-maior. Encarrega-se da execução da maior parte da administração rotineira, informando o comandante da situação geral da unidade e das medidas por si tomadas; obtém dele a ratificação dessas medidas, suplementando-as convenientemente; dirige e coordena o trabalho dos outros oficiais do estado-maior, na preparação de planos e ordens. Deve permanecer sempre ao par da situação geral da unidade, mantendo o comandante bem informado de tudo. Na ausência deste, conduz as atividades do batalhão, segundo o critério por ele firmado.

3) O ajudante-secretário (S-1) é o encarregado do expediente administrativo da unidade, exceto o que se refere a aprovisionamento e conservação do equipamento. As atribuições mais importantes reportam-se :

a) correspondência do batalhão.

b) conservação do arquivo e do protocolo da unidade, mantendo em dia os fichários de correspondência, relatórios, partes, informações, registros, ordens, etc.

chefe do serviço de saúde divisionário. As diretivas expedidas pelo comandante da divisão são ordinariamente expressas em termos gerais; e devem ser interpretadas e detalhadas especificamente para o pelotão de comando e as companhias. Os comandantes e as companhias. Os comandantes destas sub-unidades são responsáveis, perante o comandante do batalhão, pela instrução dos seus comandados; mas não isentam este da própria responsabilidade, para com as autoridades superiores, pelo estado de treinamento conjunto da unidade. Do tirocinio e da aptidão dos comandantes de sub-unidades, do propósito e da natureza dos objetivos da instrução, dependerão o grau de minudências indispensáveis do programa de instrução do batalhão e a amplitude da fiscalização por parte do comandante da unidade. Para a consecução dos objetivos gerais, aos subalternos razoavelmente capazes poderá ser permitida considerável liberdade de ação; porém, quando o treinamento se restringir a exercício especial, tal como um ataque noturno ou ao corte de rio, deverá ser rigorosamente coordenado e controlado.

a) *A instrução individual e a das sub-unidades* são dirigidas pelos respectivos comandantes, que preparam o programa dos exercícios, designam os instrutores e fiscalizam a execução. O comandante do batalhão pode facilitar a instrução individual, organizando cursos para determinados assuntos.

b) *A instrução do batalhão*, que é o treinamento simultâneo das sub-unidades constitutivas, para aperfeiçoar o conjunto da unidade como elemento tático, depende da responsabilidade privativa do comandante do batalhão, que não pode partilhá-la com os seus subordinados. Auxiliado pelo S-3, êle elabora os programas e dirige os exercícios. O objetivo destes exercícios compreende:

1) O segundo escalão do serviço de saúde, em todos os tipos de operações, em que a divisão se possa engajar. Tal adestramento deve ser executado tanto durante o dia como à noite, sob as mais variáveis condições de tempo e terreno.

2) O socorro sanitário aos destacamentos de segurança.

3) As marchas e o contrôlo de marchas. Os comboios, especialmente à noite, sem luz. Proteção passiva anti-aérea durante as marchas.

4) Os bivaques, a segurança, a simulação e o disfarce.

5) O aprovisionamento da unidade, de toda a espécie e sob todas as condições; distribuição à unidade; ponto ferroviário de distribuição; suprimentos sanitários em combate.

6) A circulação motorizada (fora das situações táticas), desta seção consistem no comando da unidade e no desempenho das atribui-

socorros sanitários a cada dos três regimentos de infantaria da divisão (ou aos grupamentos táticos deles derivados); compreendendo a evacuação das baixas dos postos de socorro das unidades (batalhões e regimento), o seu tratamento sumário nos postos de evacuação e a evacuação destes para o posto de triagem da divisão. Incumbe-se também da evacuação das baixas de qualquer outra unidade escalonada no quartelão e do respectivo regimento.

c) *Companhia de Triagem*. Esta companhia instala um ou mais postos de triagem, no limite posterior do setor da divisão, para a assistência médica e tratamento de urgência das baixas, durante a remoção delas da área de ação da divisão para o âmbito do terceiro escalão (exército) do serviço de saúde.

52. EQUIPAMENTO E TRANSPORTE. a) O estado-maior e o pelotão de comando dispõem do equipamento necessário para controlar o P.C. do batalhão, tratar da administração do pessoal da unidade e organizar os "pontos" de aprovisionamento e de material sanitário do batalhão. Mantém pequena reserva de suprimentos sanitários para distribuir às demais sub-unidades do batalhão ou às unidades da divisão. Cada companhia de evacuação é equipada para estabelecer um posto de evacuação e evacuar as baixas por auto-ambulâncias e transporte para o posto de triagem. A companhia de triagem e com dois pelotões de triagem equipados para instituir, quer dois postos de triagem independentes; quer um de maior amplitude, constituídos destes dois elementos.

b) O batalhão de saúde possui número suficiente de veículos para transportar todo o seu equipamento; porém não dispõe de meios para o transporte completo do pessoal, a menos que sejam usadas as ambulâncias de transporte de feridos, acrescidas de aproximadamente seis caminhões de carga, de 2 1/2 toneladas, fornecidos pela companhia de intendência da divisão ou a companhia de transporte do setor de intendência do exército. Só as companhias de evacuação têm ambulâncias de transporte de feridos.

c) Para mais circunstanciadas informações sobre equipamento e transporte, referentes ao batalhão, poder-se-ão consultar as seções seguintes deste capítulo, pertinentes a cada uma das sub-unidades subordinadas.

53. INSTRUÇÃO (V. § 8). O comandante do batalhão é responsável pela instrução da unidade, de conformidade com o plano estabelecido pelo comandante da divisão, que definirá o critério a ser seguido e o objetivo a atingir. Os processos e métodos técnicos a serem empregados no tratamento de doentes e feridos serão prescritos

CAPÍTULO 4

BATALHÃO DE SAÚDE DA DIVISÃO DE INFANTARIA

SEÇÃO I

GENERALIDADES

50. ORGANIZAÇÃO. O Batalhão de Saúde, unidade orgânica da Divisão de Infantaria, constitui o segundo escalão do Serviço de Saúde (V. 4). Consiste do estado-maior do Batalhão, de 1 pelotão de comando, 3 companhias de evacuação e 1 companhia de triagem (V. fig. 23 e TOE 8-15).

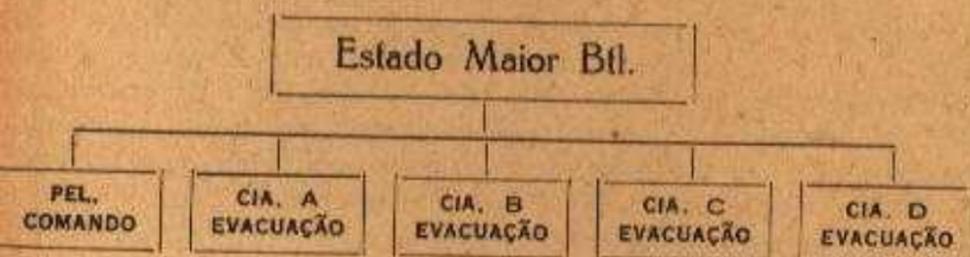


Fig. 23. Organização do Batalhão de Saúde

51. FUNÇÕES. a) *Estado-Maior e Pel. de Comando*. As funções do estado-maior e do Pel. de Comando são as seguintes:

1) Funções de comando e estado-maior para o batalhão, constituindo, com este fim, um "posto de comando de batalhão". Nêle devem ser localizados a secretaria do comandante e seu estado-maior; e centro de ligação.

2) Administração do pessoal de tôdas as sub-unidades do batalhão.

3) Pedidos e aquisições de suprimentos de saúde para tôda a divisão, inclusive o encargo funcional do "ponto divisionário de material sanitário".

4) Pedidos e aquisições dos demais suprimentos do batalhão, realizando o "ponto de abastecimento do batalhão".

5) Segundo escalão de manutenção, para quaisquer veículos da unidade, constituindo, para isso, o "parque de manutenção do batalhão".

b) *Companhia de Evacuação*. Cada uma das três companhias de evacuação é elemento autônomo da unidade, incumbido de prestar os

treito contacto com o batalhão; razão pela qual só se deverá instalar quando preciso, empenhando o material e o pessoal estritamente necessários. Papel importante cabe aos enfermeiros de companhia, com quem muito se deve contar. As baixas podem ser evacuadas, quer para o posto de socorro, quer para pontos de recolhimento predeterminados, por padioleiros improvisados ou pelos veículos do destacamento (adaptados como transporte das baixas). O serviço de saúde de segundo escalão será sustido pela mais próxima unidade competente sendo as baixas apanhadas nos pontos de recolhimento ou no posto de socorro e evacuadas para os órgãos adequados à retaguarda. Este plano deve ser preparado de ante-mão, em entendimento entre o mandante do destacamento e o da unidade de evacuação que for prestado o apoio. Geralmente, o destacamento de saúde do batalhão de tanques destroyers funciona da mesma maneira que os destacamentos honorários da divisão blindada (V. § 34).

47. GRUPOS DE ARTILHARIA ANTI-AÉREA. Os diversos grupos de artilharia anti-aérea têm pequenos destacamentos de saúde, idênticos em organização e função. A unidade tipo, é o destacamento de saúde do grupo móvel de artilharia anti-aérea (V. TOE 10-44-15). Este destacamento é comandado por oficial médico e dispõe de sergentes auxiliares, enfermeiros de bateria e pessoal para o posto de socorro. O equipamento de saúde orgânico normal é suficiente para a instalação do posto de socorro. O emprego deste e dos outros destacamentos de grupos de artilharia anti-aérea é semelhante àquela da artilharia divisionária (V. § 33).

48. BATALHÕES DE INTENDÊNCIA E DE TRANSMISSÕES. Os diversos tipos de batalhões de intendência e de transmissões têm pequenos destacamentos de saúde, cujas organizações e funções são padronizadas. Como muitas destas unidades não operam diretamente em combate, a principal função dos respectivos destacamentos de saúde é de instalar dispensários (V. TOE 10-56 e 11-15).

49. OUTROS DESTACAMENTOS DE SAÚDE. Qualquer unidade do tamanho do batalhão, ou maior que ele, dispõe de destacamento de saúde, cujos tipos principais foram já descritos nas seções precedentes, tornando-se inútil pormenorizar novos exemplos. A organização, o equipamento e as funções desses outros destacamentos, como aqueles do regimento de engenharia, de brigadas especiais, grupos de artilharia de campanha, de esquadrilhas (*squadrons*) de força aérea, são fundamentalmente similares; seus empregos dependem da natureza da unidade a que eles servem.

c) *Combinada*. O exercício combinado de cada destacamento de saúde com a unidade a que serve; e como parte do grupamento de combate e da divisão respectivos deve colimar a fase final da instrução, que é programada pelas autoridades superiores. A instrução tática combinada é de grande importância para o emprêgo real da divisão de apoio-aéreo.

45. **ADMINISTRAÇÃO**. a) A administração é a mesma que a dos destacamentos de saúde em geral. O expediente, a documentação e a escrituração, sobre pessoal e material de saúde, em nada difere da rotineira.

b) Baseado em 25 % de baixas prováveis, o destacamento de saúde deve prover-se de suprimentos de saúde necessários a 3 dias de efetivo consumo; o que fôr, então, expendido, poderá ser repostado pelas unidades reaprovisionadoras de retaguarda. As unidades paraquedistas e de planadores isoladas podem ser aprovisionadas por ar; sendo o equipamento cirúrgico distribuído em canastras de material sanitário suplementar, que poderão ser lançadas de paraquedas ou transportadas por unidades recém-aterradas.

c) Fora do combate, as seções de comandados destacamentos de saúde instalam dispensários, para atender ao próprio pessoal e àquela unidade a que servem.

SEÇÃO III

DESTACAMENTOS DE SAÚDE DE UNIDADES NÃO-DIVISIONARIAS

46. **BATALHÃO DE TANQUES DESTROIERS (V. TOE 8-25 e 18-35)**. a) *Generalidades*. Tanto o auto-propulsado como o rebocado têm pequeno destacamento de saúde. Cada destacamento conta com um oficial médico comandante, certo número de sargentos graduados, pessoal para o posto de socorro e dois enfermeiros de companhia para cada companhia do batalhão; e dispõe do equipamento de saúde habitual, inclusive canastras de saúde, padiolas, talas, goeiras e mantas, assim como uma barraca P.C., veículos e um reboque.

b) *Emprêgo*. O emprêgo do batalhão de tanques destroyers é caracterizado pela mobilidade em todo o terreno, freqüentes mudanças de posição de fogo e dispersão das sub-unidades, sendo árduo, por consequência, o serviço de saúde de primeiro escalão. O posto de socorro ter-se-á de movimentar rápida e freqüentemente, mantendo es-

que um pelotão da companhia de saúde de apoio-aéreo aterre; este então, instala o posto de socorro dentro de 800 metros da cabeça referida, para atender o seu pessoal, preparar as baixas para evacuação aérea, funcionando como companhia de triagem.

43. EQUIPAMENTO E TRANSPORTE. a) O equipamento de saúde dos destacamentos de saúde da divisão de apoio-aéreo é idêntico aos homólogos dos demais destacamentos, compreendendo canastras de saúde, canastras de vôo, talas, goteiras e padiolas; e, complementarmente, provisões de chocolate, aparelhamento ortopédico para fraturas complicadas e esmagamentos e a bolsa de saúde do paraquedista. A quantidade e a variedade de artigos depende do tamanho do destacamento considerado (V. TOE pertinente).

b) O destacamento de saúde do regimento de paraquedistas não dispõe de transporte orgânico, contando com a captura de veículos durante os combates à retaguarda inimiga, para improvisar transporte de feridos. Transporte pode ser trazido para a frente pelas unidades de planadores ou outras já aterradas, para uso do destacamento, quando possível e praticável. O destacamento de saúde do regimento de planadores conta, para a seção de comando e cada seção de batalhão, com vários jipes e outros tantos reboques de 1/4T, adaptáveis ao transporte de baixas. Os destacamentos das outras unidades de divisão dispõem todos de pequeno número de jipes e reboques de 1/4T.

44. INSTRUÇÃO. a) *Individual*. Além do treinamento básico técnico e tático, toda a praça de saúde deve ter curso de paraquedista ou planadorista. Nas unidades de planadores, parte do destacamento de saúde pode ser paraquedista; e certa proporção de técnicos (cirurgiões, médicos, dentários e escreventes) deve ser formada em escolas técnicas.

b) *Conjunta*. A instrução deve comportar a instalação e o funcionamento de postos de socorro, carregamento do equipamento em avião e o subsequente descarregamento, preparação das baixas para evacuação aérea, colocação das baixas em aviões, improvisação de veículos para transporte de feridos e doentes, enfardamento de reaprovisionamento, seu lançamento em paraquedas, o conhecimento e o uso de equipamento especial, como o aparelhamento ortopédico de fraturas complicadas, o equipamento de saúde do paraquedista. Cada destacamento de saúde deve ser adestrado como um conjunto coordenado, depois as seções subordinadas, de per si, estejam convenientemente preparadas.

cuação são, em grande parte, executadas pelo posto de socorro regimental. Este posto de socorro localiza-se na vizinhança do P.C. do regimento, para facilitar a ligação entre o comandante do regimento e o seu médico-chefe, porque não há possibilidade de ligações autônomas com o destacamento, sendo forçoso usarem-se as do P.C., tanto para a frente como para a retaguarda. Quando os regimentos operam como grupamentos de combate, o médico-chefe regimental, como oficial de saúde mais graduado e antigo, torna-se o efetivo médico-chefe do grupamento, de cujo comandante é o conselheiro técnico, no emprêgo tático das unidades constitutivas. Ordinariamente, um pelotão da companhia de saúde da divisão de apoio-aéreo evacua o posto de socorro regimental; o emprêgo tático deste pelotão é controlado, contudo, por intermédio do médico divisionário.

b) *Destacamento de saúde do regimento de planadores.* Este destacamento é levado para a área de ação pelos planadores, acompanhado dos seus meios de transporte, diferentemente daquele de paraquedistas que não tem transporte orgânico. As baixas sofridas durante a aterragem dependem de condições meteorológicas, do terreno e da habilidade dos pilotos; sendo de regra aproximadamente 1 %, cuja grande maioria, todavia, não chega a ser inteiramente incapaz para o serviço ativo. Em condições favoráveis, menos que 0,1 % da tropa incapacita-se durante a aterragem. O primeiro dever do enfermeiro de companhia será prestar o socorro de urgência aos que necessitarem, reunindo os incapazes em ponto de recolhimento no campo de aterragem. As seções de saúde dos batalhões e a do regimento instalam os postos de socorro, cujo funcionamento baseia-se no mesmo critério seguido no regimento de paraquedistas.

c) *Destacamento de saúde da artilharia divisionário.* As funções do destacamento de saúde desta artilharia é semelhante àquelas da artilharia comum, devendo ser instalado pequeno posto de socorro e evacuadas as baixas das posições de bateria. Se forem, porém, organizados grupamentos de combate, o contrôle do serviço de saúde passa para o médico-chefe do grupamento. Este destacamento é pequeno, mas é provido de jipes equipados de aparelhos fixadores de padiola.

d) *Destacamento de saúde do grupo anti-aéreo.* O emprêgo deste destacamento é idêntico àqueles dos destacamentos de saúde normais de artilharia.

e) *Destacamento de saúde do batalhão de engenharia.* Este destacamento presta serviço de saúde de primeiro escalão à unidade a que serve. Quando existe cabeça de aeródromo estabelecida, êle exerce ali as suas funções, preparando as baixas para a evacuação aérea, até

Colaboram neste número:

- Gen. José Alvaro Gomes de Lima
Gen. F. de Paula Lobo
Cel. Renato de Souza
Ten. Cel. João P. Kelly
Mte. Renato P. Ladeira
Cap. Armando de Lencastre
Cap. Manoel G. Saiz Gondim, Naveg. de
Mar.
Cap. Otávio Alves Netto
Lt. Ten. José de Freitas, 1.º Tenente



Cr\$ 5,00